



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Cynthia d'Avila Meyohas Pereira

**Caminhos da pulsão e do desejo na prática da automutilação: escuta de  
adolescentes no ambiente escolar**

Rio de Janeiro

2022

Cynthia d'Avila Meyohas Pereira

**Caminhos da pulsão e do desejo na prática da automutilação: escuta de adolescentes no ambiente escolar**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicanálise

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Rita Maria Manso de Barros

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

P436	<p>Pereira, Cynthia d'Avila Meyohas Caminhos da pulsão e do desejo na prática da automutilação: escuta de adolescentes no ambiente escolar / Cynthia d'Avila Meyohas Pereira. – 2022. 108 f.</p> <p>Orientadora: Rita Maria Manso de Barros. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.</p> <p>1. Psicanálise – Teses. 2. Educação – Teses. 3. Automutilação – Teses. I. Barros, Rita Maria Manso. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.</p>
bs	CDU 159.964.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Cynthia d'Avila Meyohas Pereira

**Caminhos da pulsão e do desejo na prática da automutilação: escuta de adolescentes no ambiente escolar**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicanálise

Aprovada em 25 de novembro de 2022.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Rita Maria Manso de Barros (Orientadora)

Instituto de Psicologia - UERJ

---

Prof. Dr. Marcos Vinícius Brunhari

Instituto de Psicologia – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Gilsa Freiblat Tarré de Oliveira

Universidade Federal Rio de Janeiro - UFRJ

Rio de Janeiro

2022

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta escrita à minha filha, Alice, sempre muito compreensiva, curiosa e incentivadora durante todo o mestrado, que carinhosamente me acolheu nos momentos de angústia. Contenta-me em saber que ela pôde fazer da minha ausência/falta, a possibilidade de criar novas experiências com os outros, com a arte de desenhar, com novas brincadeiras e outros caminhos.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Rita Maria Manso de Barros, pela sua generosidade e disponibilidade em acompanhar meu processo de escrita.

Aos professores da banca de qualificação, Prof. Dr. Marcos Vinicius Brunhari, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Sonia Alberti e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Gilsa Freiblat Tarré de Oliveira, por me direcionarem em outro caminho de pesquisa.

Aos mestres do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro que tive o privilégio de conhecer e muito me agregaram em conhecimento dentro do campo da psicanálise.

Às minhas colegas de trabalho, Maristela Ribeiro e Giselle Otelo, pelo apoio e incentivo para a conclusão deste trabalho, assim como pela compreensão que tiveram em meus momentos de angústia.

Aos adolescentes que tive a possibilidade de acolher no ambiente escolar, pelas interrogações provocadas em mim que viabilizaram o desenvolvimento desta pesquisa.

À minha analista Julie Travassos pela escuta e acolhimento em todo percurso deste mestrado.

À minha mãe, pelas palavras de reconhecimento e alegria pela escolha que fiz em me dedicar aos estudos.

Ao meu pai, pelo tempo disponibilizado no empenho em efetuar a revisão de linguagem desta dissertação.

## RESUMO

PEREIRA, Cynthia d'Avila Meyohas. *Caminhos da pulsão e do desejo na prática da automutilação*: escuta de adolescentes no ambiente escolar. 2022. 109f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Esta dissertação partiu da experiência clínico-institucional no campo da Educação, através da escuta de adolescentes que vivenciam o drama da automutilação, para investigar este fenômeno através da teoria psicanalítica. Adotamos como ponto de partida o estudo da pulsão, pela sua característica mítica, tratando de um conceito situado num lugar entre a psiquê e o corpo, assim como é a vinculação entre a angústia e o corte na pele. Os conceitos de masoquismo, gozo e narcisismo, também nos serviram para pesquisar acerca da posição subjetiva destes adolescentes. É neste momento peculiar da vida, entre a infância e a maturidade, que os lutos e os desafios lhe são impostos, gerando culpa e sentimentos ambivalentes direcionados principalmente às figuras parentais, em especial àquela que exerce a maternagem, convocando-os a uma nova inscrição no campo do Outro, diante do desejo do Outro e diante do seu próprio desejo. Apresentamos a experiência de trabalho coletivo através da arte, com a metodologia da Poesia Falada, de modo a oferecer a esses sujeitos que se cortam a possibilidade de vislumbrar um novo caminho para pulsão e para o desejo, que seja pela via da sublimação.

Palavras-chave: Automutilação. Educação. Pulsão. Masoquismo. Relação mãe e filho.

Sublimação.

## ABSTRACT

PEREIRA, Cynthia d'Avila Meyohas. *Paths of drive and desire in the practice of self-mutilation: listening to adolescents in the school environment*, 2022. 109f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This dissertation started from the clinical-institutional experience in the field of education, through listening to adolescents who experience the drama of self-mutilation, to investigate this phenomenon through psychoanalytic theory. We adopted the study of the drive as a starting point due to its mythical characteristic, dealing with a concept situated in a place between the psyche and the body, as is the link between anguish and the cut in the skin. The concepts of masochism, *joie de vivre*, and narcissism also helped us research the subjective position of these adolescents. It is in this peculiar moment of life, between childhood and maturity, that grief and challenges are imposed on him, generating guilt and ambivalent feelings directed mainly towards parental figures, especially those who exercise motherhood, summoning them to a new inscription in the field of the other, in the face of the other's desire, and in the face of his own desire. We present the experience of collective work through art with the methodology of spoken poetry in order to offer these subjects who cut themselves the possibility of envisioning a new path to drive and desire, which is through sublimation.

Keywords: Self-mutilation. Education. Pulse. Masochism. Mother-child relationship. Sublimation.

## DEPRESSÃO

Por Khetlyn Villar<sup>1</sup>

Aonde cabe a tua depressão?  
Será que vai mesmo do corte  
Até o cabelo da tua mão?

Será que lá na autópsia daria pra ver?  
Morreu de um problema muito sério,  
De um amor não correspondido,  
De um babaca que te fez sofrer  
Teu corte vai além do meu verso?  
Tente trocar a lâmina por um caderno

Você vai ver a diferença que vai ter,  
Não mata e nem machuca  
mas alivia e faz crescer

Imagina que lindo que ia ser

Fiquei triste, fiz um verso,  
E recito pro mundo ver.

Não sabia o que fazer?  
O mundo está tão cheio de gente sem saber ler...  
E cadê você?  
Tá com a merda da lâmina falando sei lá o quê.

Eu sei que talvez você não faça por moda,  
Ou por charmezinho,  
O mundo lá fora tá tão cruel,  
Que às vezes nos deixam faltar um pouco de carinho.  
Mas queira ou não queira  
Eu sou um ser pensante  
Não aceito tentativa falsa  
Não aceito ajuda limitante  
Não vou deixar você falar que não consegue parar, porque dá!

Como eu sei? Pois é, eu já me cortei.  
Sei que não é fácil de lidar  
Mas sei que tá na hora de mudar.  
Lutei com um poema  
Fui vencedora no recital  
Porque troquei a dor da lâmina  
Por me entregar em um sarau.

<sup>1</sup> Foi aluna da E. M. Ministro Edgard Romero, unidade escolar da 5a. CRE, que participou de um trabalho com Poesia falada, oferecido pela professora de sala de leitura Valquíria Farias. <https://smeniap.wixsite.com/smeniap>

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1</b>	<b>O PROGRAMA INTERDISCIPLINAR DE APOIO ÀS UNIDADES ESCOLARES.....</b>	<b>13</b>
1.1	<b>A Escola como parte da rede de proteção à criança e ao adolescente.....</b>	<b>18</b>
1.2	<b>A experiência clínico-institucional.....</b>	<b>21</b>
1.2.1	<b><u>Recortes de uma escuta.....</u></b>	<b>25</b>
1.2.2	<b><u>Uma nova proposta de trabalho.....</u></b>	<b>32</b>
<b>2</b>	<b>SEGUINDO A TRILHA DOS CORTES: PULSÃO E MASOQUISMO.....</b>	<b>35</b>
2.1	<b>Cortar-se: um empuxo à vida ou à morte?.....</b>	<b>45</b>
2.2	<b>Bate-se numa criança: da fantasia à experiência concreta.....</b>	<b>50</b>
2.3	<b>Automutilação: um corpo para a expressão do masoquismo erógeno?.....</b>	<b>56</b>
<b>3</b>	<b>O SUJEITO QUE SE CORTA E O OUTRO.....</b>	<b>60</b>
3.1	<b>O adolescente e sua mãe: entre lutos e cortes.....</b>	<b>65</b>
3.2	<b>O corte como ato endereçado ao Outro: <i>Che vuoi?</i>.....</b>	<b>75</b>
3.3	<b>O <i>acting out</i> e a passagem ao ato na clínico da automutilação.....</b>	<b>81</b>
3.4	<b>Poesia Falada: um esforço de saída pela via da sublimação.....</b>	<b>88</b>
	<b>PARA NÃO CONCLUIR.....</b>	<b>98</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>104</b>

## INTRODUÇÃO

Esta introdução visa apresentar o percurso teórico e clínico para o desenvolvimento desta pesquisa intitulada *Caminhos da pulsão e do desejo na prática da automutilação: escuta de adolescentes no ambiente escolar*.

Minha experiência profissional tem sido, predominantemente, no exercício da função de psicóloga do Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Escolas (NIAP), compondo equipes no Programa Interdisciplinar de Apoio às Escolas (PROINAPE), da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME), atuando nas escolas do território de abrangência da 2ª CRE (Coordenadoria Regional de Educação). As equipes contam com psicólogos, assistentes sociais e professores.

Nosso trabalho tem como objetivo integrar ações com alunos, familiares e os demais atores do contexto escolar. A equipe se organiza de forma a constituir um trabalho que, ultrapassando a lógica da clínica *stricto-senso*, possa alcançar uma reflexão coletiva na perspectiva interdisciplinar. O diálogo entre os diferentes saberes - Psicologia/ Serviço Social/ Educação - compõe uma nova rede de “conversação” não reduzida aos diferentes dispositivos específicos de atendimento ao sujeito, mas integrando ações com o desafio da complexidade que os sujeitos e a sociedade nos impõem. Diferentemente do dispositivo clínico, o trabalho nas escolas nos demanda constante esforço de manter a orientação e posição ética enquanto psicanalista.

A proliferação de casos de automutilação na atualidade vem refletindo no ambiente escolar e, mais especificamente, no nosso trabalho. A equipe gestora, assim como professores e alunos, vem endereçando cada vez mais esses casos aos psicólogos das equipes. A oportunidade de ofertar escuta e acolhimento a esses sujeitos despertou em mim o desejo de estudar o tema e buscar respostas aos questionamentos que esse trabalho no campo da Educação vem produzindo.

No primeiro capítulo, traremos o relato da experiência de trabalho clínico- institucional desde meu ingresso até os dias atuais, e algumas reflexões acerca das questões surgidas nesse campo e do lugar do psicanalista nesta equipe interdisciplinar no ambiente escolar. Será apresentado um relato sobre o surgimento deste tema em nosso cotidiano, de tal modo que surgiu o interesse de estudá-lo, buscando apoio na teoria e na clínica psicanalíticas. Discorreremos também sobre a importância da compreensão de que a Escola, assim como outras instituições, faz parte da rede de proteção às crianças e adolescentes, e de que maneira

este cuidado vem sendo efetivado na realidade de nossas escolas. Apresentaremos o percurso de trabalho desde o encontro da equipe com o tema da automutilação nas escolas e como temos tratado dessas situações. Traremos um relato acerca do nosso encontro com esses adolescentes que vivenciam esta prática, destacando fragmentos de suas falas, servindo de reflexões e pistas durante todo o caminho desta escrita, clarificando a compreensão deste sintoma. Nesse sentido, buscaremos extrair da fala desses sujeitos àquilo que venha possibilitar articulações com os conceitos de pulsão e masoquismo, como ponto de partida a ser trabalhado no segundo capítulo, assim como a relação do sujeito com o campo do Outro, o desejo do Outro e com seu próprio desejo, que será desenvolvido no terceiro e último capítulo desta dissertação. Finalizaremos o primeiro capítulo através da apresentação do projeto com Poesia Falada, instituído pelo NIAP como uma metodologia de trabalho, no qual aproveitamos para trabalhar com um grupo de adolescentes em uma escola da zona norte do Rio de Janeiro, tendo iniciado no segundo semestre de 2022.

O campo da Educação vem compor esta pesquisa como interlocução/interseção - e a escola como território de trabalho. Vemos grande preocupação dos profissionais da escola quando tomam conhecimento destes adolescentes que se cortam, e que nos expressam a angústia por não saberem como lidar com essa realidade no seu fazer cotidiano. Esse tema provoca angústia em toda a comunidade escolar, sejam alunos, professores, gestores, funcionários, familiares. Nossa equipe, como parte da escola, também vivencia esse mal-estar e somos convocados pela instituição a trabalhar com ele, no desejo de que possamos contribuir na abertura de outras vias de apaziguamento e de novos destinos para esses sujeitos que só encontram alívio de suas angústias através do ato de cortar suas peles, dando vazão ao gozo da pulsão. Esta compreensão nos abre o caminho para a escrita do capítulo a seguir, no qual pretendemos aprofundar o conceito de pulsão.

Sendo assim, no segundo capítulo, para lançar luz à compreensão da experiência da automutilação através da psicanálise, pretendemos, como adiantamos, estudar o conceito de pulsão através do texto *“Pulsões e seus destinos”*, de 1915, e articulá-lo com o conceito de masoquismo, também através de Freud no texto *“O problema econômico do masoquismo”*, de 1924.

Assoun (1995) considera que a pulsão (*Trieb*) é o principal conceito da metapsicologia freudiana, designado por Freud como conceito fundamental e definido como limite entre o psíquico e o somático. Segundo ele, o que se encontra na pré-história da pulsão é a excitação e o próprio corpo como fonte da excitação.

Sendo assim, a escolha pelo conceito de pulsão se impõe na medida em que concebemos que o ato de se cortar responde à força da pulsão, em primeira instância, que se apresenta entre o psíquico e o somático, sendo uma força constante que impele o sujeito a agir em busca de certa satisfação pulsional. Satisfação pulsional esta – a de se cortar, que será posta em investigação nesta pesquisa.

Considerando o corte autoprovocado no corpo uma satisfação paradoxal, em que a dor autoinfligida é a via de satisfação pulsional do sujeito, pretendemos articular algumas considerações sobre pulsão e masoquismo. Os estudos de Freud sobre o problema econômico do masoquismo têm grande importância no entendimento do sintoma daquele sujeito que se corta.

A psicanálise pareceria demonstrar que infligir dor não desempenha um papel entre as ações intencionais originais da pulsão. Uma criança sádica não se apercebe de que aflige dor ou não, nem pretende fazê-lo. Mas, uma vez ocorrida a transformação em masoquismo, a dor é muito apropriada para proporcionar uma finalidade masoquista passiva, pois temos todos os motivos para acreditar que as sensações de dor, assim como outras sensações desagradáveis, beiram a excitação sexual e produzem uma condição agradável, em nome do qual o sujeito, inclusive, experimentará de boa vontade o desprazer da dor. (FREUD, 1915/1974, p. 149)

A intenção de estudar a pulsão na problemática da automutilação é abrir caminho para nos debruçar mais na relação do sujeito com o campo do Outro, no terceiro capítulo. Sendo assim, no terceiro capítulo, para compreender a experiência da automutilação desses adolescentes com quem tivemos a oportunidade de escutar e, interrogando a demanda e o desejo desses sujeitos, abordaremos esta forma peculiar de inscrição com o campo do Outro.

Pretendemos levantar reflexões acerca do conflito e da angústia vivenciados por esses sujeitos que se cortam na relação mãe e filho (a), tendo em vista a repetição de queixas e questões desta ordem no discurso dos adolescentes. A fim de contribuir nesta investigação, estudaremos os lutos vivenciados neste momento tão delicado da vida, - que é a adolescência, partindo do livro intitulado *A adolescência normal*, de Arminda Aberastury e Mauricio Knobel (1992). Com esta mesma finalidade, - a de estudar a relação mãe e filho (a) e os cortes, ilustraremos esta problemática através da série intitulada *Sharp Objects* (2018) para acrescentar nesta discussão, seguindo a orientação freudiana, pelo auxílio que a arte nos oferece.

Seguindo no caminho do luto, aproveitaremos para discutir as operações de alienação e separação, partindo de Freud, com os textos *Narcisismo: uma introdução* (1916) e *Luto e Melancolia* (1917).

Ainda neste capítulo, será necessário articular angústia e ato no subcapítulo intitulado *O corte como ato endereçado ao Outro: Che vuoi?*, uma pequena entrada na contribuição de Lacan para compreender a posição subjetiva desses sujeitos na relação com o desejo do Outro e com relação ao seu próprio desejo.

Seguindo nesse estudo do ato como endereçamento ao Outro, nos guiaremos pelo o que Lacan desenvolve acerca do *acting out* e a passagem ao ato, em seu seminário sobre a angústia, a fim de levantar alguns questionamentos sobre o que está em jogo na prática das lesões autoinfligidas.

Encerraremos esse capítulo vislumbrando a possibilidade de fazer o desejo incidir no lugar onde antes era o de gozo. A aposta é apresentar a seus corpos outra forma de escrita, pela poesia, como novo destino para a pulsão e para o desejo, através do apaziguamento da angústia, pela via da sublimação.

Colocando-nos como o terceiro que na transferência recebe o endereçamento da demanda destes adolescentes, aproveitaremos para refletir sobre as possibilidades de intervenção desta equipe interdisciplinar, especialmente ao que compete a especificidade do trabalho do psicanalista. Esperamos que este trabalho venha contribuir para um fazer pautado pela ética da psicanálise dentro do ambiente escolar, considerando as implicações e os possíveis efeitos desta prática clínica e institucional sobre os sujeitos nela implicados.

## **1 - O PROGRAMA INTERDISCIPLINAR DE APOIO ÀS UNIDADES ESCOLARES**

Apresentaremos a experiência no campo da Educação como profissional do Programa Interdisciplinar de Apoio às Escolas (PROINAPE), que compõe equipes interdisciplinares, formadas por psicólogos, assistentes sociais e professores. Este programa está ligado ao Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Escolas (NIAP). O NIAP é um setor ligado à Gerência de Proteção Escolar (GPE), da Coordenadoria de Apoio à Gestão Escolar (CAGE), da Subsecretaria de Articulação e Integração da Rede (SUBAIR). Este setor integra políticas e ações da Secretaria Municipal de Educação (SME), tendo como objetivo oferecer apoio institucional às relações de ensino e aos processos de aprendizagem, a fim de contribuir para a garantia do acesso, permanência e êxito escolar dos alunos da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro, bem como seu acesso e o de suas famílias às demais Políticas Públicas.

Os profissionais do PROINAPE são lotados no NIAP e alocados nas 11 Coordenadorias Regionais de Educação para o desenvolvimento de suas ações. Segundo referência de agosto de 2021, o quantitativo de profissionais corresponde a 75 psicólogos, 76 assistentes sociais e 55 professores. Atualmente, na 2ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), a qual pertencem desde 2007, existem 10 psicólogos, 8 assistentes sociais e 3 professores.

Neste ano, a fim de viabilizar o maior número de unidades escolares atendidas, o setor criou um modelo de atendimento por georeferenciamento, que corresponde ao conjunto de escolas do mesmo bairro ou bairros adjacentes, sob responsabilidade de cada profissional, de forma a responder às solicitações que nos chegam, porém de forma temporária. Este novo modelo de atendimento, que, a princípio, é pontual ou “emergencial”, nos leva a entrar em outras e novas escolas, nos deparando muitas vezes com a importância de um trabalho de continuidade. No entanto, esta organização favorece o trabalho com a rede de serviços que atendem a população de cada região de escolas.

Além dos pedidos de acolhimento pontual às unidades escolares georeferenciadas, nossas equipes trabalham de forma continuada em algumas destas escolas. A escolha pela entrada das equipes nas unidades escolares se dá, inicialmente, pela avaliação da CRE e, posteriormente, pela própria gestão escolar em conjunto com os profissionais do PROINAPE.

Este trabalho busca apreender os impasses que atravessam o contexto escolar, desenvolvendo um conjunto de ações para seu enfrentamento. Tal objetivo é almejado alcançar através da realização de estudos de casos, atendimentos individuais, grupais, ações coletivas, realização de formações e debates, bem como a interlocução com as demais políticas e serviços.

O programa tem-se organizado por alguns eixos de atuação que buscam, cada qual com seu objetivo, propor e executar ações para o enfrentamento de situações que envolvem a saúde mental, a vulnerabilidade e o risco social, as dificuldades no processo ensino-aprendizagem, dentre outras múltiplas questões psicossociais. Temos nos debruçado no tema da socioeducação e acompanhado alunos em cumprimento de medida socioeducativa, suas famílias e escolas. Os casos de infrequência e evasão escolar também têm sido alvo de preocupação e foco de nossa atuação.

O contexto de pandemia da covid-19 e a necessidade de isolamento social repercutiram negativamente na vida desses estudantes agravando as dificuldades já comumente enfrentadas por eles. Trouxe, por exemplo, prejuízos significativos no que diz respeito ao vínculo dos alunos com a escola e com seu processo de escolarização. O isolamento social contribuiu para a invisibilidade dos casos de violação dos direitos das crianças e adolescentes, como os casos de violência intrafamiliar, assim como impactou a saúde mental dos sujeitos.

As atividades desta equipe são desenvolvidas após um período de escuta e análise da demanda da comunidade escolar, de maneira que podemos ter autonomia para construir um trabalho em conjunto com a escola. No intuito de não tutelar os profissionais em seu agir, de forma dependente do nosso fazer, procuramos, pelo diálogo e troca de experiências, instrumentalizar a escola, sempre que possível, para a própria criação de estratégias de enfrentamento das problemáticas vividas no cotidiano escolar, assim como manter a preocupação de construir um espaço de convivência com foco na promoção da saúde, e não da doença.

Podemos citar alguns exemplos de propostas de trabalho das equipes, como encontros, em grupo, que são chamados de ‘*Conversações*’ ou ‘*Rodas de Conversa*’, fazendo circular as falas e a reflexão coletiva sobre determinadas temáticas de interesse dos participantes, sejam com alunos, famílias, professores e pessoal da gestão escolar.

Temos percebido um interesse muito grande por parte dos alunos em discutir questões relacionadas à saúde mental, ao gênero e à sexualidade, assim como certa resistência em abordar o tema do racismo e do preconceito. Dentro das questões relativas à sexualidade, o tema da diversidade sexual tem circulado constantemente entre os alunos e o corpo docente.

Costumamos lançar mão de algumas iniciativas que vêm produzindo efeitos muito interessantes, como, por exemplo, os projetos “*Poesia Falada*” e “*Corpo Expressivo*”. A arte e suas diferentes formas de expressão representam um caminho potente dentro do ambiente escolar, pelo seu caráter terapêutico, que vêm favorecendo aos alunos uma via de escape da angústia, assim como a possibilidade de sublimação, desabrochando as capacidades criativas

desses sujeitos diante das idiossincrasias da vida. Estes recursos culturais podem ser aproveitados através de dispositivos coletivos, com os mais diferentes objetivos, como exposições, eventos e campanhas.

Em nosso fazer, a oferta de escuta individual tem sido cada vez mais frequente, como uma aposta importante para o entendimento das questões trazidas pela comunidade escolar; sejam pelos próprios alunos ou pelos familiares, professores, gestão e funcionários.

Como já nos referimos, as equipes vêm trabalhando nas escolas partindo das demandas apresentadas pela comunidade escolar, no entanto, lidamos com uma tensão que se apresenta entre receber a demanda e não atendê-la de pronto, pelo menos não partindo do seu enunciado. Procuramos então interrogar os atores da escola na demanda que produzem, assim como favorecer o circular dos discursos e dos diferentes saberes. Esse posicionamento ético vem a balizar nossa intervenção no sentido de interrogar a demanda que nos chega, assim como comprometer a escola naquilo de que se queixam, de modo que possam analisar suas próprias práticas institucionais.

A instituição Escola é tanto um lugar *de saber* quanto *do saber*. É um lugar onde tudo que não “*se sabe o que é*” ou “*o que fazer*”, vem gerando angústia e endereçamento aos profissionais em que pesa o significante do *especialista*.

A presença de um profissional do campo *psi* na escola produz, por si só, transformações na dinâmica institucional, gerando expectativas de que este outro ocupe e responda pelo lugar do especialista e, com isso, traga o saber “que lhes faltam”. Este saber – o que lhes faltam - demanda para nós o pedido de respostas/soluções, e gira em torno do significante *cura*.

Em nosso percurso de trabalho nas escolas, podemos perceber que as solicitações de “ajuda” vêm variando ao longo do tempo. No entanto, algumas problemáticas são recorrentes e tornam-se prioridades para professores e gestores, como os chamados “alunos-problema” e o fenômeno do “fracasso escolar”. Os “alunos-problema” são aqueles alunos que costumam se envolver em conflitos dentro do ambiente escolar, são os que tumultuam o cotidiano, considerados como desobedientes, desafiadores, e até mesmo agressivos.

São constantes os pedidos dos professores em torno de laudos médicos, diagnósticos, exames e tratamentos para identificar e tratar as eventuais causas pelas quais, por exemplo, os alunos não conseguem aprender ou se comportam de modo “inadequado”, segundo o ideal de aluno que a comunidade escolar constrói e deseja. O que temos visto, de modo geral, é que as questões do fracasso escolar e do comportamento dos alunos apontam para um furo nesse saber, e que este fenômeno é multifacetado, não podendo ser depositado exclusivamente no aluno,

culpabilizando-o pelo comportamento ou classificando-o como portador de algum tipo de “deficiência”.

As problemáticas sociais dessas famílias impactam profundamente a realidade das escolas públicas, de modo complexo e de difícil resolução. São famílias, muitas vezes, com grande vulnerabilidade e risco social, seja pelas condições financeiras, de saúde, de violência ou de drogas.

Os casos de automutilação vêm surgindo recentemente na escola e sendo direcionados, principalmente, aos psicólogos das equipes. Para nosso espanto e questionamento, o número de relatos de adolescentes que vivenciam a experiência de automutilação cresce no dia a dia, especialmente entre as meninas. Nas escolas onde trabalhamos, recebemos, principalmente pelos Coordenadores Pedagógicos, a demanda de cuidado para esses casos. A demanda espontânea de adolescentes que nos confidenciam esta prática também é comum, principalmente quando estamos realizando algum trabalho que favoreça a revelação desta prática, porém não é tão comum quanto o pedido vindo de terceiros, como pelos profissionais da escola e pelos colegas de turma. Muitos destes adolescentes pedem sigilo total, e nem todos manifestam de pronto o desejo de receber algum tipo de tratamento - o que coloca nossa equipe numa situação bastante delicada.

Também tem crescido o quantitativo de chamados para atendimento de adolescentes com ideias suicidas, tentativas de suicídio, humor depressivo, tendo ou não, conjuntamente a estes quadros, as práticas de automutilação.

Os relatos de episódios de crises de ansiedade têm-se tornado cada vez mais frequentes. Temos, inclusive, presenciado eventos como estes em nosso cotidiano, em que alunas são levadas à direção, às pressas, com a ajuda de colegas, em meio a crises, mobilizando toda escola.

Sentimos a profunda preocupação dos profissionais da escola quando se confrontam com essas questões de saúde mental, gerando extrema angústia por acreditarem não saber como lidar com essa realidade no seu fazer cotidiano.

Costumamos nos questionar sobre o que a prática clínico-institucional desta equipe interdisciplinar pode promover de efeitos sobre tantas problemáticas psicossociais que atravessam a área da Educação. E com relação especificamente aos casos de adolescentes que se cortam, nos perguntamos no que o saber psicanalítico pode contribuir, guardando os limites e possibilidades de atuação dentro das unidades escolares, considerando que o ambiente escolar difere do dispositivo clínico. Temos refletido sobre como estes adolescentes estão vivenciando a passagem/corte da infância para a adolescência, que demandas são estas que endereçam ao Outro e de que maneira esses sujeitos se colocam frente ao próprio desejo.

Diante deste cenário, nós, psicólogos que trabalhamos na Educação, sobretudo os que se apoiam na teoria e na clínica psicanalíticas, somos convocados a nos haver com esse fenômeno, trocando saberes com outros profissionais e construindo intervenções no coletivo, além da escuta desses sujeitos.

Esta pesquisa vem atrelada ao desejo de estudar e contribuir para uma questão de relevância na prática clínica e institucional atual. Sendo assim, a aposta que se faz é na possibilidade de o discurso da Psicanálise contribuir com os discursos veiculados através da Educação (do Mestre, por exemplo), provocando algumas torções como, por exemplo, no discurso da ciência tão presente neste campo.

O trabalho interdisciplinar é um desafio e, muitas vezes, nos impõe atravessamentos que se referem ao diálogo entre “saberes” distintos e o confronto entre diversos “olhares” sobre o objeto, assim como uma prática que pode seguir de forma contrária à ética da psicanálise, que prioriza a escuta e o desejo do sujeito.

O cuidado de uma equipe interdisciplinar aos casos de automutilação na escola faz circular diferentes entendimentos e formas de intervenção sobre o fenômeno. Sabemos que, como um programa que compõe a política pública de proteção ao educando, nossa equipe deve considerar a proteção integral da criança e do adolescente, como preconizado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e notificar esses casos aos órgãos competentes, como o Conselho Tutelar, além de encaminhar os adolescentes para tratamento em saúde mental.

No entanto, é preciso levantar a reflexão sobre o que é “*fazer o bem*” ou “cumprir a lei”, sem que venhamos a defender certo posicionamento e adotar um caminho que desconsidere o desejo do sujeito e a produção do seu sintoma, conflitando, assim, com a ética da psicanálise. Seguimos também no questionamento acerca da automutilação, assim como a de outros sofrimentos psíquicos, de modo a criticar leituras rasas e/ou preconceituosas, oriundas do senso comum. No entanto, esses possíveis entendimentos e práticas diversas entre os profissionais da escola pode nos servir de oportunidade para o discurso psicanalítico incidir e provocar consequências.

### **1.1 A Escola como parte da rede de proteção às crianças e adolescentes**

A Rede de Proteção Social à Criança e ao Adolescente é uma forma de trabalho coletivo, que indica a necessidade de ações conjuntas, compartilhadas, na forma de uma “teia social”, uma malha de múltiplos fios e conexões. É, portanto, antes de tudo, uma articulação política, uma aliança estratégica entre atores sociais (pessoas) e forças (instituições), não hierárquica, que tem na horizontalidade das decisões, e no exercício

do poder, os princípios norteadores mais importantes. (MOTTI; SANTOS, 2011, p. 4)

A Escola, como instituição, tem seu importante papel social e compõe a rede de proteção às crianças e adolescentes. É no contexto escolar que as múltiplas vulnerabilidades dos sujeitos se expressam, sejam elas sociais ou psíquicas, convocando o enfrentamento por parte dos profissionais da Educação.

É dever da Escola, assim como dos setores de Saúde e de Assistência Social, como também da sociedade em geral, identificar casos em que há violação dos direitos das crianças e dos adolescentes, assim como casos de agravos à saúde mental. Considerando esta normativa, a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, criou, em 2018, a Comissão Integrada de Proteção ao Educando (CIPE). Esta comissão é composta por integrantes das Coordenadorias Regionais de Educação, do Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Escolas (NIAP) na figura do articulador, e de um profissional do PROINAPE de cada CRE. Esta comissão é responsável por receber as fichas de notificação dos casos suspeitos e confirmados de violência contra crianças e adolescentes, que são encaminhados pelas escolas. A CIPE tem como objetivo atuar através da interlocução com as diferentes políticas públicas e setores da sociedade no cuidado e na proteção das crianças e adolescentes com seus direitos violados.

Atualmente, além da prática dentro das unidades escolas, passei a compor essa comissão. À frente deste trabalho, vislumbro a possibilidade de ampliar a intervenção clínico-institucional dentro das escolas, podendo refletir com a comunidade escolar acerca do fenômeno da automutilação, sobre os múltiplos fatores que perpassam essa problemática e das possibilidades de ações coletivas. O diálogo com as gerências da rede intersetorial, assim como os estudos de caso nas unidades básicas de saúde, passarão a ser uma prática constante com a finalidade de produzir efeitos na vida desses sujeitos.

A automutilação, assim como a ideação e a tentativa de suicídio, foi incluída nesta ficha posteriormente, em 2019, considerando-a como violência perpetrada pela própria pessoa, devendo receber, da mesma forma, a atenção devida por parte das unidades escolares, tendo como obrigação a notificação desses casos à CIPE e ao Conselho Tutelar.

No entanto, esta discussão deve ser ampliada e envolver a comunidade escolar, tendo em vista que a Escola, para compor esta rede, deve ser igualmente protetora, no sentido de ser um lugar em que há promoção da saúde e da vida. É nesse sentido que acreditamos que o ambiente escolar deve ser um local onde a fala dos sujeitos tenha lugar e reconhecimento. O aluno, enquanto sujeito, se apresenta na medida em que a sua verdade é reconhecida. No campo

educacional, faz-se necessário também que o aluno se coloque no lugar de sujeito desejante, assim como a escola deve oportunizar e potencializar vias de expressão de suas verdades. O psicanalista, nesse espaço, tem o privilégio de compor os discursos no laço social e favorecer o reconhecimento das subjetividades, sustentar diferentes lugares de fala e a circulação das narrativas e das verdades *não todas*.

A Escola, seja ela pública ou privada, também pode ser vista como parte de um macrossistema promotor de sofrimento psíquico, sendo, por vezes, agente de desamparo. Dito isto, lembramos que o descompromisso com as responsabilidades sociais engendra uma lógica que acentua o individualismo e enfraquece os laços com o outro.

Freud, em *O mal-estar na civilização* (1930), aponta o paradoxo na constituição do sujeito no laço social, ao afirmar que ao mesmo tempo em que precisamos do outro para nos constituir, é desta mesma relação com o outro que aflora a nossa maior fonte de mal-estar.

A segurança advinda da cultura é temerária, podendo ser facilmente abalada em momentos traumáticos, sejam eles coletivos ou individuais, como a pandemia da covid-19 e a adolescência.

É neste momento de vida, entre a infância e a maturidade, que, ao sujeito, é imposto a urgência de reeditar seu encontro com o Outro e com os outros, e lidar com o desamparo pela perda das antigas referências de sua infância.

Como veremos na citação abaixo, a adolescência pode ser definida como um momento de excesso pulsional que desampara, mas que também tem o seu caráter potente de criação de novos saberes e descobertas. Os laços que se dão na escola são tão ou mais responsáveis pelos novos caminhos da pulsão do que o conteúdo que se venha a adquirir. É através desta sociabilidade, também realizada na escola, que estes sujeitos adolescentes podem se afastar da posição alienante no mundo, para uma posição que expresse sua singularidade, seu saber e sua verdade, trilhando o caminho do seu próprio desejo.

A experiência da adolescência, tributária do individualismo moderno, tem sido pensada, no campo da psicanálise, como uma experiência de desamparo, já que se configura como um momento de reinscrição do sujeito no laço social, de um novo encontro com o Outro. A travessia da adolescência implica em se deparar com a reedição da experiência de desamparo inaugural do bebê humano, diante do excesso pulsional que então se dá e que exige a construção de novos caminhos para o desejo, articulados a novos modos de se representar como singular no coletivo, através de novas narrativas e novos endereçamentos discursivos. Para isso, o sujeito adolescente tem como desafio ir além do lugar ocupado no discurso familiar e nos discursos sociais, que possa aliená-lo ou silenciá-lo, no que a escola tem participação indiscutível (COUTINHO; REGUFE; FARIAS, 2022, p. 32).

Desta forma, o campo escolar serve de palco onde esses sujeitos adolescentes expressam a busca por uma forma singular de inscrição no campo do Outro. É neste ambiente, assim como

em outros espaços sociais, que a travessia da adolescência se apresenta. O sujeito é afetado pelos outros neste cotidiano que, por vezes, ocorre entre convivência e conflitos. Quanto aos atores da escola, urge um olhar atento e sensível a estes sujeitos que, como adolescentes que são, tem o desafio de se confrontar e lidar com o desamparo. É preciso reconhecer que sintomas podem surgir e devem ser acolhidos na escola. Eles vivenciam um tempo de passagens, de excessos, de lutos, assim como o inevitável encontro com a partilha dos sexos.

Segundo nesta lógica do cuidado, Freud, em *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio* (1910), também aponta para a contribuição da Escola como lugar de promoção da vida e do quanto ela falha em sua função.

Ela deve lhes dar o desejo de viver e devia oferecer-lhes apoio e amparo numa época da vida em que as condições de seu desenvolvimento os compelem a afrouxar seus vínculos com a casa dos pais e com a família. Parece-me indiscutível que as escolas falham nisso, e a muitos respeitos deixam de cumprir o seu dever de proporcionar um substituto para a família e de despertar o interesse pela vida do mundo exterior. (FREUD, 1910/1970, p. 217 e 218)

Assim como Freud sinalizava, algumas literaturas, como Almeida et al. (2022) e Epiphanyo e Guimarães (2019), discorrem sobre a importância da escola na vida dos adolescentes e do quanto ela, por vezes, deixa, em alguma medida, de cumprir sua função social.

E, em se tratando dos casos de automutilação, Almeida et al. (2022) se debruçam sobre o tema partindo da psicanálise lacaniana. Segundo os autores, a psicanálise vem compreender a automutilação numa perspectiva crítica, sem patologizar ou estigmatizar os sujeitos praticantes, assim como pensa na promoção da saúde mental em nossas escolas, tendo em vista que essas instituições também contribuem para o sofrimento e adoecimento psíquico dos sujeitos que delas fazem parte, especialmente os alunos.

Epiphanyo e Guimarães (2019) acreditam que um dos motivos da alta incidência das práticas de automutilação nas escolas é a não-existência de um ambiente que acolha as diversas formas de sofrimento, sendo raros também os espaços de escuta dessas pessoas, o que contribui para agravar ainda mais esse quadro e a sua disseminação.

Ratificam a importância de conhecer a automutilação a partir da experiência da própria pessoa que a pratica, e oportunizar outras vias que possibilitam a escuta individual e coletiva desse público. A falta de compreensão do que é a automutilação contribui para que a escola se torne um ambiente pouco acolhedor e, até mesmo, adoecedor. O despreparo de gestores e professores desemboca em atitudes estigmatizantes e excludentes, que comumente contribuem para que essas pessoas sejam culpabilizadas pelo seu próprio sofrimento psíquico. Esta postura de crítica e julgamento prejudica ainda mais o estado emocional desses adolescentes, de modo

que a vergonha dificulta e até mesmo impede a procura por compartilhar esta experiência dentro da escola e receber algum tipo de apoio ou tratamento. Este cenário pode, por fim, contribuir negativamente na vida desses sujeitos deixando-os em situações de risco em escalas cada vez maiores.

Diferente destas literaturas que pesquisam o contexto escolar da rede pública em nosso país e o apontam como lugar produtor de adoecimento psíquico e pouco acolhedor aos casos de saúde mental de crianças e adolescentes, temos percebido em nossa prática um avanço no sentido de certa sensibilidade dos atores das escolas na identificação destes casos, assim como o cuidado com esses sujeitos.

Se nos preocupamos em não cair no risco de estigmatizar e culpabilizar os alunos, também acreditamos que isto se deva aplicar à instituição Escola, na figura dos gestores, professores e funcionários.

Levando em consideração a nossa experiência e nos debruçando para refletir sobre ela, consideramos, em certa medida, uma diferença da realidade vivida por nós e da realidade apresentada nas literaturas que pesquisam o campo da Educação Pública. Esta análise vem corroborar com a hipótese do efeito significativo que já possa estar sendo produzido no chão da escola, através do trabalho desta equipe interdisciplinar.

## **1.2 A experiência clínico-institucional**

Apresentaremos aqui, um recorte da prática que esta equipe interdisciplinar vem desempenhando, no que tange ao atravessamento da automutilação no ambiente escolar. É difícil precisar o momento em que nossa equipe começou a se deparar com estes casos de agressão autoinfligida. No entanto, em 2018, iniciamos um trabalho em determinada escola da região da grande Tijuca, da Cidade do Rio de Janeiro, e partiremos desta experiência para nos debruçar sobre o tema.

Durante nossas primeiras visitas à unidade escolar, entre conversas com a gestão e com os professores, o tema da automutilação foi surgindo. Assim como o interesse e a angústia destes profissionais em torno desta prática por parte dos alunos, outras questões de saúde mental também circunscreviam os relatos desses atores. Através de suas falas, foi possível perceber o quanto as situações de saúde mental, de um modo geral, estavam sensibilizando todos.

Como é parte de nossa prática a interlocução com outros setores, procuramos uma articulação com setores da saúde mental da Secretaria Municipal de Saúde e, juntamente com esses profissionais, nos debruçamos a respeito dessas situações para compreendê-las um pouco melhor. Assim como outras reflexões, questionamos se estaria de fato ocorrendo um aumento dessas formas clínicas entre adolescentes na contemporaneidade ou se esses casos estariam apenas tendo cada vez mais visibilidade social. Levando em consideração a dificuldade de análise sobre as possíveis pistas que nos levem ao esclarecimento dessas investigações, ao mesmo tempo motivada por estas e outras interrogações, é que pretendemos aqui, através desta dissertação, sob a luz da psicanálise, tecer articulações teóricas ou clínicas para compreender a trama psíquica desses adolescentes.

Estudos e trabalhos acadêmicos evidenciam que a prática da automutilação ocorre em diferentes faixas etárias, sendo mais prevalente entre adolescentes, sobretudo os do sexo feminino. As automutilações têm aumentado significativamente entre os jovens nos dias atuais, iniciando aos 13/14 anos de idade, podendo persistir por mais tempo.

Assim como temos visto em nossa prática relatos de meninas que vivenciam esta experiência, da mesma forma é possível confirmar nas literaturas que discorrem sobre esse sintoma contemporâneo, como na citação abaixo.

Na sociedade ocidental contemporânea, uma forma específica de marcar o corpo tem se manifestado de forma cada vez mais frequente entre meninas adolescentes: a automutilação/*cutting*. Chamamos de automutilação/*cutting* a prática de se autoprovocar cortes na pele de forma intencional, que para algumas adolescentes torna-se uma compulsão, sendo que recorrem aos cortes na pele como um alívio frente às situações de angústia (FERREIRA; RAVASIO, 2017, p. 1)

Esta angústia, tão presente nos sujeitos que se cortam, também acomete aqueles que convivem com eles, como familiares e educadores. A gestora desta escola, citada anteriormente, nos procura com a demanda de acolhimento aos professores. Esta diretora nos relata que o corpo docente vinha, ultimamente, demonstrando ter o conhecimento de casos de depressão e automutilação entre o corpo discente, e relatando muita preocupação. Na escuta desta diretora, percebemos a mobilização da comunidade escolar e a angústia gerada pela falta de saber o que fazer diante dessa realidade.

Este cenário apontava e nos convocava a algum tipo de análise e intervenção. No desejo de ouvir os “especialistas” da nossa equipe, fomos logo solicitados para realizar uma “palestra” a ser oferecida aos professores. Obviamente que não deixamos de acolher essa demanda - em forma de *saber algo de nós* -, porém propusemos uma torção neste endereçamento, de modo

que a “falta de saber o que fazer” não fosse ocultada no coletivo ou levada ao engodo através de saberes prontos e reducionistas sobre este fenômeno, mas sim proporcionar um espaço de encontro entre pares com intuito de favorecer que a fala circulasse mais livremente, de modo que, ali, alguns outros e novos saberes pudessem emergir.

Nem todos os professores se mostraram interessados a conversar sobre o tema, mas percebemos que o grupo dos professores mais sensibilizados eram aqueles que tinham em sua turma alunos com sofrimento psíquico, incluindo a automutilação. O discurso dos professores girava em torno do receio acerca do risco pelo agravamento da situação, assim como a possibilidade de virem a cometer outros atos, como o suicídio. Pudemos escutar repetidas falas acerca dos conflitos familiares pelos quais esses adolescentes viviam e como esses profissionais da escola sentiam-se despreparados, impotentes e angustiados diante disso.

*Eu tenho medo de que algo mais sério aconteça e da escola não ter feito nada para ajudar. Mas que bom que vocês estão aqui.*

*Elas me mandam mensagem no WhatsApp sábado à noite dizendo que vão se cortar, e eu converso com elas, mas não sou psicólogo, não sei o que dizer, não sei o que fazer.*

*É muito difícil porque elas pedem para não contar para os pais, queremos saber como proceder!*

Foram muitos os questionamentos da equipe, assim como aproveitaram para fazer catarse e apelos. Dessa forma, foi possível deixar que o mal-estar aparecesse, assim como foi possível acolher a angústia do corpo docente. Não recuamos ao desafio de refletir sobre a automutilação, porém também reconhecemos que não éramos especialistas nesse sintoma, mas que estávamos ali, juntos, para pensar sobre ele e construir no dia a dia, de forma coletiva, os possíveis caminhos para a atenção a estes sujeitos.

Como era a expectativa desses professores, ao final deste encontro, sentamos e escutamos individualmente o relato de cada um sobre os alunos que estavam se cortando. Sabendo que a demanda de escuta não partia desses alunos, realizamos um levantamento das situações de saúde mental em conjunto com a equipe gestora da escola, incluindo a Coordenadora Pedagógica, para planejar e oferecer um espaço de fala para as turmas do 7º e 8º

anos, turmas estas em que se concentravam diferentes complexidades, incluindo suspeitas de automutilação e depressão.

Aproximamo-nos da professora de Artes, que estava trabalhando diferentes temáticas com os alunos dessas turmas, e aproveitamos para nos inserir nesses momentos, no intuito de construir um vínculo com esses adolescentes. Posteriormente a esse período inicial, sugerimos criar outro dispositivo coletivo com estes alunos, de forma que pudéssemos oportunizar um espaço de fala e de escuta. E foi assim que o tema da depressão surgiu. Os alunos pediram uma palestra sobre o tema – o que foi revisto pela nossa equipe ao longo do processo. Passamos a refletir como seria nosso posicionamento e de que forma poderíamos contribuir. E no meu caso em específico, o que uma psicanalista teria a oferecer a esses adolescentes. Seria mesmo na modalidade de grupo a intervenção mais adequada para tratar do tema da automutilação e da depressão? Optamos em trazer materiais audiovisuais como disparadores de uma discussão, favorecendo o deslizamento do discurso dos participantes e a troca entre eles.

Após os encontros iniciais, alguns alunos vieram conversar reservadamente conosco, ou até mesmo trazidos por algum colega. Foi possível ver o constrangimento que sentiam ao nos procurar, de tal modo que eram frequentes os pedidos de sigilo absoluto com relação aos seus pais. Estes sujeitos também expressavam muita resistência quando colocávamos a possibilidade de encaminhamento para tratamento no campo da saúde mental.

Apesar desta demanda espontânea surgida após os encontros coletivos, fomos percebendo um esvaziamento neste endereçamento, de forma que algumas alunas passaram a não mais nos procurar, ora porque resistiam à nossa oferta de escuta, ora porque os episódios de automutilação foram sendo superados.

Esses foram alguns dos atravessamentos ao atendimento desses adolescentes que se cortam, o que nos instiga saber até onde podemos nos inserir na vida desses sujeitos em nome do cuidado em saúde mental, e por quais caminhos podemos seguir sem que o nosso desejo esteja sobreposto ao desejo dos outros.

Traremos, a seguir, alguns recortes dos casos de automutilação aos quais tivemos oportunidade de acompanhar, tanto nesta unidade escolar após o trabalho coletivo, como em outras escolas.

Acreditamos que a narrativa desses adolescentes possa vir a lançar luz sobre o tema. Pretendemos costurar essas falas no sentido de compreender os conceitos de pulsão e masoquismo na experiência desses adolescentes que se cortam, e que nos sirvam de pistas para a compreensão do desejo desses sujeitos na articulação com o campo do Outro e com os outros.

### 1.2.1 Recortes de uma escuta

#### **H**

Uma adolescente, de 14 anos, que chamarei de **H.**, me procura espontaneamente, todavia com incentivo e apoio de outra colega, para contar sua experiência com a automutilação. Em certo momento de nossa primeira conversa, ela diz: *“eu me corto para aliviar minha dor, meu sofrimento, parece que me sinto aliviada, mesmo sabendo que estou fazendo um mal para mim”*.

Esta fala assemelha-se com as de outras adolescentes que tive oportunidade de ouvir. Falas essas que dão esse mesmo sentido ao corte: *“faço isso para aliviar meu sofrimento”*. Esta repetição de falas aponta para uma angústia profunda que só é atenuada através de uma dor física.

Os relatos das meninas (com frequência entre 12 e 14 anos) se repetem como desses textos sem sujeito: se angustiam, se cortam, se aliviam ao olhar o sangue saindo [...] Parece constituir-se assim uma dinâmica contemporânea das tentativas de separação na adolescência, prevalente entre meninas. (COSTA, 2015, p. 115)

Podemos pensar a automutilação enquanto algo que produz tanto dor quanto alívio; ao realizá-lo, o *eu* sofre, mas há um alívio, a partir do gozo, para o sujeito. O gozo é um conceito lacaniano que expressa a experiência de vivenciar uma tensão intolerável, uma situação de ruptura (NASIO, 1993), um estado em que o corpo é posto à prova, isto é, uma paradoxal espécie de prazer na dor, uma tensão excessiva que leva o corpo ao paroxismo do esgotamento. Nesse sentido, a automutilação seria uma ruptura literal, um ato de romper, cortar feixes de pele, gozo na forma de um “excesso em relação ao prazer, confinando com a dor” (VALAS, 2001, p. 7).

Esta ruptura literal expressa através dos cortes pode ser entendida como uma maneira de lidar com rompimentos subjetivos advindos do adolecer e do desamparo vivido por esses sujeitos. Os lutos vividos nessa travessia serão trazidos mais adiante, no terceiro capítulo.

Em outro atendimento, **H.** conta que tem o costume de tirar fotos dos cortes, ainda com o sangue escorrendo, para que o namorado possa ver. Esta situação evidencia uma clara atuação endereçada ao namorado. A adolescente conta *“eu gosto da preocupação que meu namorado tem comigo e quando eu me corto. Ele diz para eu não me cortar, para não fazer coisas erradas.*

[...] *ele não é como eu, ele não faz coisas erradas, não fuma maconha..., ele é chato, ele é todo certinho.*”

A narrativa dessa jovem também vem no sentido de dizer que não é mais amada pela sua mãe, como antes fora na infância. Falas como: “*a minha mãe mudou, não sei o que aconteceu, eu tinha festa de aniversário, ela não brigava comigo*”, eram recorrentes. Também pude escutar repetidas histórias a respeito dos constantes conflitos familiares, agressões físicas e uso abusivo de álcool por parte de sua mãe. **H.** conta que a mãe, além de agredi-la fisicamente, também a expulsa de casa repetidas vezes, quando volta tarde da comunidade e quando faz outras “coisas erradas”. Ela diz que ainda é virgem, mas que sua mãe não acredita nela. Quando interrogada sobre essas “coisas erradas”, ela diz ser pelo fato de ficar na comunidade até tarde, com pessoas que usam maconha e ingerem bebidas alcoólicas.

Vemos em seu discurso uma série de repetições, assim como são os seus repetidos cortes na pele. O tema da separação com a mãe se repete. **H.** sente que na infância havia proximidade e afeto, mas que algo se perdeu nessa relação. Esse esgarçamento é ilustrado de forma impactante na medida em que sua mãe a expulsa de casa, o que nos faz pensar que esta mãe corta sua filha de sua vida e assim o faz *repetidas vezes*.

Pelas conversas que tivemos nas semanas anteriores, foi possível ver o caráter compulsivo dos seus atos. Ela sempre contava que havia se cortado e assim seguimos na trilha dos significantes tentando entender o que está em jogo na demanda e no desejo desta jovem. Ela diz: “*quando sinto muita raiva, depois de uma briga, dá uma coisa dentro de mim que me fecho no banheiro para me cortar. É a forma que eu tenho de colocar para fora tudo que eu sinto pela minha mãe e pelo meu pai.*” Apesar de trazer alguns conteúdos, **H.** tem muita dificuldade de falar sobre os sentimentos, não demanda falar comigo, está sempre numa postura defensiva quando ofereço escuta, tendo a raiva e o descontentamento (inclusive de falar comigo) como as manifestações mais evidentes, mesmo quando digo que ela pode conversar sobre o que quiser.

Apesar desta postura, sempre que ofereço escuta, a jovem traz um episódio em que se cortou. Assim vemos, através dos seus atos, esse caráter mortífero da pulsão, mobilizado por um gozo em excesso que a leva a se cortar compulsivamente. A raiva que a jovem sente pelos pais, seus objetos amorosos, volta-se contra ela através dos ferimentos. Adiantamos aqui que passaremos pela pulsão de morte em Lacan, nos próximos capítulos.

Sendo impelido pela pulsão, o inconsciente passa a se utilizar da repetição, fazendo com que se volte e retorne sempre a *um* mesmo. Nesse sentido, a autolesão configura-

se como algo que se repete, não sendo suficiente apenas um corte, mas vários cortes que se organizam como elementos significantes, em cadeia (OTTO; SANTOS, 2015, p. 34).

**H.** que durante um tempo não queria revelar aos pais sobre os cortes, vem dizer que os pais já sabem, mas não explica como isso se deu. Tendo os pais o conhecimento do que se passava com a filha, foi possível conversar com a família e encaminhar a aluna para a rede de saúde local, através do pai, após inúmeras tentativas de contato sem sucesso com a mãe.

Seu relacionamento com os professores e com os alunos da escola vinha, também, se tornando conflituoso. Certa vez, já no final de 2019, após ter completado 15 anos, ela se envolve numa briga com um colega da turma, que, segundo ela, bate em sua barriga e por isso sente muitas dores. Sozinha comigo, **H.** diz que desconfia estar grávida. Ela conta: *“ele bateu com força na minha barriga. E se eu estiver mesmo grávida? Isso poderia fazer mal para o bebê!”* Ela conta que estava esperando o resultado pelo exame de sangue que fez na Clínica da Família, para saber se estava mesmo grávida.

Este exame deu negativo; porém, no início do ano letivo de 2020, antes da suspensão das aulas presenciais em função do isolamento pela covid 19, soubemos de uma gravidez.

**H.** não deu continuidade aos estudos durante a modalidade remota e não frequentou a escola após o retorno presencial, mesmo após inúmeras tentativas de contato sem sucesso com a família. Sendo assim, **H.** abandonou a escola e os estudos sem completar o ensino fundamental.

Este caso nos faz pensar que este sujeito que se cortava, mas que ainda mantinha laços com a escola e com sua escolaridade, acabou tendo mais esse rompimento em sua vida. Assim como **H.** recebeu pouco investimento da família, principalmente na figura de sua mãe, a escola também, muito em função do isolamento social, encontrou dificuldades.

Avaliamos que a complexidade da situação dessa adolescente requer um trabalho de articulação intersetorial, entre Conselho Tutelar e Unidade de Saúde, apesar de ela não pertencer mais à Rede Municipal de Educação.

## **B**

Diferente de outras jovens, esta nos procura espontaneamente, trazida por uma colega. Relata crises de ansiedade e pensamentos ruins. Quando interrogada sobre esses pensamentos ruins, ela diz: *“sei lá, vontade de morrer, passa ideia ruim na minha cabeça, e uma tristeza. Não sei como isso começou, acho que na pandemia, e comecei a me cortar também.”* Conta da dificuldade de conversar com a mãe sobre seus sentimentos, e, em seu discurso, parece acreditar

que sua mãe tenha preferência pelo irmão mais novo. Quando fala da mãe, é para dizer o quanto ela sofreu quando perdeu outro filho no parto, e pelo fato de o seu pai ter abandonado o lar poucos anos após o seu nascimento. Ela relata um “abuso” por parte de colegas, quando tinha oito anos, enquanto andava pela rua em direção a sua casa. Ela diz: “*contei para minha mãe, mas ela não entende, ela me culpa pelo que aconteceu, não sabe como me senti depois. [...] sempre me lembro disso.*” Em certo momento, **B** conta que seu irmão a agride fisicamente quando a mãe não está em casa, e diz: “*meu irmão me bate, eu conto para minha mãe quando ela volta do trabalho, mas ela não faz nada. Ele nunca tem culpa de nada, só eu.*”

## **I**

O Coordenador Pedagógico nos traz a situação desta aluna que vem se mutilando e, segundo ele, aparenta tristeza. Em conversa conosco, o que nos chama a atenção é a sua relação com a mãe. A jovem diz que a mãe a compara com sua irmã, sempre a diminui frente à outra irmã. Diz: “*tudo que acontece em casa a culpa é sempre minha, se não lavo a louça...*”. Diz: “*a minha mãe não gosta de mim, gosta mais da minha irmã.*” Assim como outras jovens que se cortam, ela diz que não gostaria que conversássemos com seus pais.

Após estudo de caso com a equipe da Clínica da Família, nos disponibilizamos para conversar novamente com **I**, a fim de saber como anda o acompanhamento da saúde. No entanto, a aluna não quis conversar conosco e, neste dia de calor, estava com casaco. O discurso desta adolescente, no primeiro atendimento, não fluiu com facilidade. Precisamos levar em conta que ela não nos conhecia, e que a demanda não partiu dela – o que vem sendo bem comum nesses casos.

## **A**

Esta jovem, também encaminhada pelo Coordenador Pedagógico, relata que se corta há dois anos. Com semblante triste e uma postura curvada, conta um pouco sobre sua vida, à medida que a estimulamos a falar. Relata que já foi assediada pelo ex-padrastro, mas que não mora mais com ele. Até aquele momento, a jovem não havia contado este ocorrido para sua mãe, e diz: “*não contei porque ela não ia entender.*” Conta que sua mãe a agride física e verbalmente, inclusive, não tinha mais celular porque durante uma briga sua mãe o jogou pela janela e ele se quebrou.

Explica que cada corte representa um acontecimento que a deixou com raiva, e diz: “*antigamente eu socava a parede, mas agora resolvi me machucar.*” Seria interessante saber qual foi o momento e o que aconteceu para ela deixar de socar a parede e voltar-se contra si

mesma; mas a jovem, naquele momento, estava apenas sendo acolhida por nós, e não achamos conveniente promover grandes reflexões, tendo em vista os limites de nossa atuação dentro do ambiente escolar.

Recentemente, sua mãe leu as mensagens trocadas com uma amiga, pelo whatsapp, e, pelas conversas, descobriu o que o ex-padrastro fazia com ela. A mãe, que já tem medida protetiva contra o ex-companheiro, fez um boletim de ocorrência, denunciando o abuso sexual.

Em outro atendimento, a jovem conta que sua relação com a mãe está um pouco melhor, mas que ela culpa os dois pelo ocorrido. A adolescente andou faltando à escola e diz ter muito medo do que ele possa fazer com ela, quando souber dessa denúncia.

## **J**

Esta adolescente nos foi trazida através de uma professora, que pergunta à **J** se gostaria de conversar comigo. A adolescente, que vem na companhia de outra colega de turma, chorou durante o atendimento e pouco conseguiu falar. Em outro momento, **J** conta que já namorou uma menina e que todos na rua ficavam olhando para ela. Em outros atendimentos, a adolescente relata que parou de se cortar. Entretanto, ela diz: *“não consigo falar nada sobre mim com a minha mãe [...] não sei, acho que ela não ia entender...”* *“Eu me acho feia, gorda, estranha [...] minhas pernas e braços são grandes, é tudo desproporcional.”*

Após alguns meses, sua mãe volta a me procurar porque estava preocupada com a filha. Ela diz: *“J não queria ir com a gente visitar os avós e, por isso, deu um ataque comigo! Começou a berrar e a se arranhar toda nos braços, bem na minha frente. Como ela se cortava, quis conversar com você para pensar como lidar com a minha filha.”* [...] *“Ela é muito fechada, não se abre comigo, pouco fala, só fica no quarto. Mas é boazinha, geralmente me obedece, foi por isso que me preocupei, achei a reação dela muito inusitada e descontrolada.”*

A aluna tinha 13 anos; mas em diferentes momentos, a mãe se refere à filha como se ainda fosse uma criança, e se incomoda com seu afastamento para com ela e sua família; no entanto, não sabe o que fazer com essa situação. Ela diz: *“Sim, eu a deixo trazer as amiguinhas aqui, elas brincam. Mas não deixo que fique sozinha em casa e quero que me acompanhe na casa dos avós, mas ela quer ficar sozinha, parece que ela quer se separar da gente, não quer fazer mais nada com a gente. Ela é uma menina tranquila, mas acho que tem alguma coisa que ela não fala e isso me preocupa [...] Ela não fala, mas tem essas reações estranhas.”*

Quando ofereço escuta à **J**, a adolescente praticamente só responde a algumas perguntas e não costuma falar muito sobre si. Ela se justifica, dizendo que é muito tímida. Conta que não tem mais se cortado, mas que a relação com a mãe continua a mesma. A sua postura corporal

endurecida, a pouca fala, assim como seus olhos, às vezes, cheios d'água, fazem pensar que há uma angústia e um sofrimento profundo, mas que não vem sendo compartilhado ou é pouco compartilhado. A forma como vê seu corpo também fala de um desconforto com sua própria imagem. Ela mora com o pai, mas também faz raras referências a ele.

O fechamento do seu discurso é advindo de uma angústia que se expressa sem palavras e que detona atos automutilatórios, como o último ocorrido com sua mãe. A relação com essa mãe se expressa em ser “boazinha” e, por vezes, “agressiva”. O corpo e a sexualidade de **J** são expostos ao olhar dos outros (quando passava na rua com sua ex-namorada) e aos olhos da mãe, que a enxerga ainda como criança, que não sabe que já namorou e tão pouco autoriza sua autonomia e seu desejo.

Para Reis (2018), a prática da automutilação tem-se produzido à medida que a angústia avança insistentemente sobre o campo da subjetividade. Esta forma, encontrada pelo sujeito para esvaziar a angústia, transfere para o corpo transbordamentos somáticos, sentidos na pele em forma de cortes, que silenciam os gritos desesperados e aliviam o sofrimento. A automutilação é, então, concebida como uma válvula de escape às dores psíquicas que afetam os sujeitos, favorecendo a compulsão à repetição. Segundo o autor, a angústia representa uma ruptura no registro simbólico do sujeito, impossibilitando a articulação dos significantes sobre os quais se encontra sustentado todo o arcabouço subjetivo do indivíduo.

Nesse sentido, Manso e Caldas (2013) também apontam dificuldades de acesso ao simbólico. As autoras retomam a noção da passagem do corpo imaginário e alienado, do estágio do espelho, ao corpo próprio, a partir da separação e intervenção paterna. Lembram-se do papel da função paterna em efetuar um corte simbólico na relação dual mãe/filho - corte esse que, quando não se mostra eficaz, impõe ao sujeito a necessidade de uma inscrição real:

A função do corte é, por excelência, a função que cabe ao significante quando sua incidência sobre a carne faz dela corpo. Não há corpo sem que a função do corte não tenha operado, resultando numa perda [...] O corte aparece, assim, na relação entre o corpo próprio e o corpo simbólico do Outro como o resultado das operações de alienação e separação. Se na face da alienação temos mais o aspecto da identificação, na separação predomina a perda, não só deste resto corporal como da possibilidade de nomeá-lo. (MANSO; CALDAS, 2013, p. 115)

## **R**

O inspetor da escola, observando os alunos no recreio, percebe que este adolescente, a quem chamarei de **R**, está sempre de casaco. Até quando o vê com uma tesoura na mão e vai conversar com ele. Esta situação chega até a direção da escola e o aluno conta que fez leves cortes no pulso. A diretora da escola pede nosso apoio e decidimos conversar juntas com o

adolescente. Chega um momento em que a diretora se ausenta e nos deixa a sós. Atendemos esse adolescente por duas vezes para acompanhar a situação e avaliar com certo intervalo de tempo.

No decorrer dos encontros, o adolescente atribui os cortes ao relacionamento de amizade entre ele e um casal de amigos. Ele gosta desta amiga e diz: *“eu gosto dela, mas sempre consegui controlar isso, eu me seguro. Nunca encostei nela [...] O que me deixou pior foi que descobri que ela também gosta de mim, ou gostava, não sei. E agora o P disse que se eu não der em cima dela eu sou um otário mesmo. [...] É como se me colocassem contra a parede, mandassem em mim, me desafiando, agora vai, dá em cima dela, e isso tá me deixando muito nervoso porque eu não vou fazer nada!”*

*“Estou com muita raiva deles, mais ainda do P. Eu não consigo mais me controlar. [...] Eu tenho que fazer alguma coisa, não aguento ver os dois juntos [...] Eu não vou fazer nada com ela [...] Quero me afastar deles dois, acho que vou dizer que quero conversar e cortar a amizade. [...] Eu já estou fazendo novos amigos...”* Neste momento, nos interrogávamos sobre o quanto estava sendo difícil para ele lidar com seus desejos sexuais e o quanto lutava para controlar sua pulsão sexual. Porém, achamos interessante o fato de ele procurar romper com algumas amizades, assim como procurar fazer outros laços com outros colegas. Seria esse o outro destino para sua pulsão?

Com relação aos seus pais, **R** se diz incompreendido por eles. Comenta que seu pai não leva a sério o que ele diz sentir, que considera uma bobagem. Ele relata: *“não tem diálogo com ele, é cabeça fechada, se eu falo alguma coisa ele diz que é coisa de bichinha. Meu pai é um ridículo”*.

No início do ano letivo de 2022, a mãe do **R**, numa reunião de pais, fala da sua preocupação com o filho, que voltou a se cortar. Ela ainda acrescenta dizendo que o viu duas vezes no parapeito da janela do seu apartamento. Esta situação nos mobilizou e decidimos chamar a mãe para que ela procurasse tratamento para o filho na área da saúde mental. A escola também notificou ao Conselho Tutelar e à Comissão Intersetorial de Proteção ao Educando, da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

Pensamos em conversar com ele, porém ele se negou e disse: *“não quero conversar com psicólogo porque vem muita coisa e eu fico pior depois.”* Segundo a mãe, o filho tem muita resistência a aceitar qualquer tipo de tratamento. Mas chega a dizer algo que nos chamou bastante a atenção: *“ele diz que até aceita conversar com psicólogo, mas só se for de forma continuada, sem interrupções.”* Isso nos fez pensar que ele pede que seja sem cortes.

Passamos a refletir sobre estas falas e como atuar nesses casos de forma mais cuidadosa, já que estamos no ambiente escolar e não no campo da saúde. De fato, nossa escuta não é continuada como nos moldes da clínica, podem ocorrer intervalos ou até interrupções, de acordo com a dinâmica da escola, do surgimento de novas demandas e das situações dos alunos.

Entretanto, a escuta orientada pela psicanálise nos faz ficar atentos ao desejo dos sujeitos e ao mesmo tempo implicá-los em seu sintoma. O desafio que nos impõe é lidar com os limites e as possibilidades deste trabalho clínico-institucional, seja no manejo das problemáticas psicossociais, seja de forma a atuar como parte da rede de proteção de crianças e adolescentes no ambiente escolar.

### 1.2.2 Uma nova proposta de trabalho

Iniciamos aqui um breve relato de apresentação do trabalho com a metodologia da Poesia Falada, já apropriada em nossa prática, podendo ser utilizada de acordo com o planejamento das equipes e em conjunto com a comunidade escolar.

Foi através do projeto chamado “Versos de Liberdade”, oferecido pela Casa Poema, instituição que se dedica a compartilhar uma metodologia de poesia falada, criada pela atriz e escritora Elisa Lucinda, que o Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares (NIAP) da Secretaria Municipal de Educação (SME) passou a incorporar a Poesia Falada como forma de viabilizar uma nova experiência coletiva para expressão de alunos, assim como multiplicar esta ferramenta aos professores.

Como o nome já diz, a Poesia é ‘falada’; no entanto, a proposta não é recitar versos, nem utilizar empostamento da voz ou tom solene, mas falar a poesia, como uma conversa informal, da maneira mais natural possível, de modo que o sujeito possa dar o sentido e acessar os sentimentos que o poema convoca. Nos encontros com os alunos, as equipes disponibilizam livros com poemas para que cada um possa levar para casa, ler alguns e, quando reencontrar o grupo, ler algumas dessas poesias. O segundo momento é o da escolha de uma poesia para ser lida e suscitar deslizamento da palavra por onde a poesia levar.

Essa foi uma descrição da metodologia, em linhas gerais. No entanto, ao longo dessa travessia pela poesia e pelo encontro de fala e escuta com os outros, novas formas de criação e experiências com a linguagem podem vir a ser construídas.

Ao final desta dissertação, levantaremos as reflexões que foram possíveis desse coletivo que propusemos formar numa escola da zona norte do Rio de Janeiro, iniciando no segundo semestre deste ano de 2022.

A nossa entrada nesta escola se deu por outros motivos, os quais foram superados antes mesmo da nossa inserção neste espaço, de modo que ficamos abertos e livres para delinear o que poderíamos realizar na escola. Como de costume, conversamos com a equipe gestora, professores e agentes de educação, a fim de mapear e analisar as demandas desta unidade escolar.

Durante estas reuniões, tomamos conhecimentos da preocupação dos profissionais da escola com relação a algumas alunas. Os agentes de educação, principalmente, por terem mais contato com o corpo discente, são aqueles que conversam com os alunos no corredor, durante o recreio, apartam brigas, acolhem as “crises de ansiedade” e a tristeza por vezes compartilhada. Foi através desses funcionários que inicialmente pudemos conhecer alguns dos casos dessas alunas que hoje integram o trabalho com a Poesia Falada.

Durante as conversas iniciais, percebemos a vulnerabilidade psicossocial de alguns desses sujeitos, como relatos que nos levavam a suspeitar de ideação suicida ou pensamento de morte, automutilação, depressão e crises de ansiedade. Curiosamente, observamos que muitos desses sujeitos tinham o hábito de escrever versos e, assim, consideramos interessante trabalhar de forma coletiva através da Poesia Falada, sem anular o devido cuidado através dos encaminhamentos e articulações intersetoriais com a rede de saúde local.

Embora a proposta original da Poesia Falada não seja pautada na produção de poesias autorais, já nos primeiros encontros, pudemos entrar em contato com os textos que estes adolescentes escrevem. Foram nesses encontros que eles perceberam que faziam “coisas muito legais”, através de produção de textos muito bem escritos e com conteúdos complexos e instigantes. Nestas poesias também diferentes problemáticas/temáticas aparecem, como racismo, intolerância religiosa, gênero e sexualidade.

Essas poesias falavam da saída da infância e da entrada na adolescência, sobre o sentido da vida, medo, insegurança, tristezas, temores quanto ao futuro, sobre o amor e a sexualidade, assim como questões sociais.

Recentemente, recebemos um aluno que não escreve poesia; ficamos curiosas para saber o que desse encontro com a poesia falada - a dos outros -, possa reverberar também nele.

Em certo dia, um participante nos deu um retorno sobre o quanto a poesia pode modificar, despertar ou até mesmo fazê-los compreender questões relacionadas às suas existências.

Neste final do ano, a professora da sala de leitura nos conta que, em novembro, a escola participará de um concurso a um Prêmio Literário, e que algumas desses adolescentes já se inscreveram. Foi interessante perceber o movimento da escola em promover esse evento e, com essa experiência, teremos oportunidade de pensar em novas formas de intervenção.

Apenas a título de ilustração, e mantendo o anonimato desses adolescentes, destacamos alguns recortes das poesias que versam sobre a dinâmica psíquica dos participantes.

*O famoso autocontrole não é fácil, principalmente quando tentamos adquirir rápido, talvez por um grande futuro fracasso, por isso temos que ter uma mente boa, para nenhum otário te fazer de trouxa.*

*Não consigo respirar! Minhas mãos começam a suar! Todos perguntam:  
- O que há? Sinto-me culpada por talvez incomodar...*

*Quem é você? Você é sua essência ou você se molda pelos outros? Que tolo, ofusca seu brilho por tão pouco, nesse mundo louco, não há tempo de sermos bobos.*

## 2 SEGUINDO A TRILHA DOS CORTES: PULSÃO E MASOQUISMO

A pulsão (*Trieb*) é um dos principais conceitos na escrita dos textos metapsicológicos de Freud, assim como um dos mais complexos.

Para Azevedo e Neto (2015), desde o início de sua obra, Freud menciona o que mais tarde vai ser identificado como pulsão. Segundo o editor britânico de Freud, James Strachey, no prefácio de *A pulsão e seus destinos* (1920/1996g), as pulsões, no princípio, apareciam sob outros nomes como: “excitações”, “ideias afetivas”, “impulsos anelantes”, “estímulos endógenos”.

Em *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud define o conceito de pulsão como um representante psíquico de uma energia que leva ao movimento, ou ainda uma espécie de demanda por ação que seria feita ao psiquismo cuja fonte seria o processo excitatório em um órgão.

Neste texto, também há uma distinção entre a fonte da pulsão e o estímulo. Concebe o estímulo como uma fonte produzida fora do organismo, enquanto a pulsão como uma fonte que vem de dentro do organismo. Essa pulsão, ao contrário do estímulo, não poderia ser eliminada, sendo, pois, contínua, e exigiria que o organismo lidasse com ela.

Neste primeiro momento, portanto, Freud acreditava que todas as pulsões levavam ao movimento, ao mesmo tempo em que escreve sobre a pulsão sexual atribuindo à libido o nome de sua energia. Também faz menção a pulsões “de fome”, que, em contrapartida, se relacionariam à necessidade de nutrição. Em *O Pequeno Hans*, encontra-se a discussão sobre uma possível terceira pulsão, que seria a pulsão agressiva.

Em *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1910), a pulsão chamada por Freud de pulsão de fome, é efetivamente contraposta à pulsão sexual, e a ela é atribuída o status de pulsão de autopreservação ou pulsão do eu.

Após Freud expor várias vezes as suas insatisfações com o saber produzido até então a respeito do assunto, foi, de fato, no trabalho *A pulsão e seus destinos* (1915) que ele cria o primeiro momento da teoria pulsional. No entanto, ele modificaria esta teoria cinco anos mais tarde quando passa a compreender outra classe de pulsões.

Como dito anteriormente, em um primeiro momento Freud acreditava que todas as pulsões consistiam em movimento psíquico, pois seriam decorrentes de um quantum de energia que impelia o psiquismo à ação. Acreditava que se dividiam em dois grandes grupos: autopreservação e sexuais. Entendia Freud que as pulsões de autopreservação tinham a função

de preservar a existência do indivíduo, do eu, enquanto as pulsões sexuais se esforçavam na busca de objetos com vistas à preservação da espécie e a satisfação sexual.

Segundo ele, a princípio, as pulsões sexuais estariam ligadas às pulsões de autopreservação, e por isso buscariam vinculação, satisfação, com aquilo que preservaria a vida. Antes mesmo de expor essa teoria, Freud já mostrava inquietação quanto à classificação dualista perdurar, e mostrava que essa teoria seria mantida até quando se mostrasse útil ou até quando as experiências clínicas não mostrassem evidências contrárias.

Propus que se distingam dois grupos de tais pulsões primordiais: as pulsões do eu, ou autopreservativos, e as pulsões sexuais. Mas essa suposição não tem status de postulado necessário, ela não passa de uma hipótese de trabalho a ser conservada apenas enquanto mostrar-se útil e pouca diferença fará aos resultados do nosso trabalho de descrição e classificação, se for substituída por outra. (FREUD, 1915/1974, p. 139)

Foi em *Além do princípio do prazer* (1920) que Freud inaugura o segundo momento de sua teoria pulsional, quando revê a divisão inicial que havia feito das pulsões – em pulsões sexuais e de autopreservação. Ele propõe a existência de uma nova dualidade na vida psíquica. Foi então que Freud formula duas forças pulsionais opostas: uma energia que impele à ação e outra que leva à inanição. Aquelas que levam à ação já eram bem conhecidas, pois consistiam no agrupamento das pulsões sexuais e de autopreservação, passando a dar o nome de pulsões de vida.

Freud escreve que as pulsões de vida corresponderiam às excitações que levariam o sujeito à busca de objetos. Por outro lado, as pulsões que levam à estagnação foram a grande novidade em sua descoberta, chamando-as de pulsões de morte. Esta classe das pulsões era descrita como aquela que seria responsável pela busca da paz, ou seja, da ausência de estimulação no organismo. A pulsão de morte foi proposta por Freud como uma tendência que levaria à eliminação da estimulação do organismo. Assim, o trabalho dessa pulsão teria como objetivo a descarga, a falta do novo, a falta de vida, ou seja, a morte.

Segundo os autores, apesar de Freud ter proposto dois tempos da teoria pulsional, o segundo tempo de sua teoria - que trata de pulsão de vida e de morte - não descarta o que é proposto no primeiro tempo - pulsões sexuais e de autoconservação do eu (pulsões do eu), mas agrupa as pulsões sexuais e de autopreservação (pulsões do eu) nas pulsões de vida.

É neste ponto que Manso de Barros (2019) vem contrapor. A autora traz elaborações importantes na compreensão da teoria pulsional. Afirma que há um entendimento muito comum de ser encontrado na literatura (como vimos acima); que é o de que a pulsão do eu teria sido incorporada à pulsão de vida, e traz argumentos da teoria para afirmar que o conceito de pulsão

de autoconservação e pulsão do eu foram mais tarde subsumidos pelo conceito de pulsão de morte.

Pretendemos afirmar essa proposição ao longo dessa escrita, e retornaremos também à autora posteriormente quando discutirmos, dentre outras questões, a dualidade pulsional das pulsões de vida e de morte na experiência da automutilação.

Como propõe esse capítulo, trabalharemos a partir dos textos *A pulsão e seus destinos* (1915) e o *Problema econômico do masoquismo* (1924) para levantar algumas associações entre pulsão e masoquismo na experiência desses sujeitos que se cortam. Freud, em *A pulsão e seus destinos* (1915), conceitua pulsão da seguinte forma:

(...) a pulsão nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. (FREUD, 1915/1974, p. 142)

Neste texto, Freud faz menção à forte e constante pressão da pulsão sobre o sujeito, sendo impossível eliminá-la. “Além disso, visto que ele incide não a partir de fora, mas de dentro do organismo, não há como fugir dele” (FREUD, 1915/1974, p. 138). Lembramos, assim, dos discursos daqueles sujeitos com quem temos encontrado no ambiente escolar quando se referem a uma impossibilidade de conter o ato de se cortar; como o caso de H, quando relata que: “quando sinto muita raiva, depois de uma briga, dá uma coisa dentro de mim que me fecho no banheiro para me cortar.” Essa coisa que ‘dá dentro dela’ é a uma das características da pulsão – a pressão – e que é impossível de contê-la.

A força pulsional também se repete no discurso de R, quando conta: “*Eu gosto dela, mas sempre consegui controlar isso, eu me seguro. Nunca encostei nela [...] eu não consigo mais me controlar.*” No entanto, podemos supor que, no segundo caso, o que está em jogo é a tentativa deste adolescente em fugir de uma outra pressão, igualmente inevitável, que é a pressão da pulsão sexual. Esta tentativa de controle da pulsão sexual que aparece no enunciado “*eu sempre consegui controlar isso*” pode ser pensada na busca desse sujeito pelo corte? Pelo que parece, dentre outras articulações possíveis, ele quer dizer que é preciso se cortar para não encostar nela.

Seguindo este entendimento, podemos reconhecer que forças repressoras exerciam forte controle sobre a pulsão sexual deste adolescente, de forma a mantê-la inibida de sua finalidade primeira.

[...], mas, embora a finalidade última de cada pulsão permaneça imutável, poderá ainda haver diferentes caminhos condizentes à mesma finalidade última, de modo que

se pode verificar que uma pulsão possui várias finalidades mais próximas ou intermediárias, que são combinadas ou intercambiadas umas com as outras. A experiência nos permite também falar de pulsões que são ‘inibidos em sua finalidade’, no caso de processos aos quais se permite progredir no sentido da satisfação pulsional, sendo então inibidos ou defletidos. Podemos supor que mesmo processos dessa espécie envolvem uma satisfação parcial. (FREUD, 1915/1974, p. 143)

Como vimos nesta citação, Freud aponta que as pulsões precisam ser desviadas, isto é, sofrer torções para se satisfazer, mesmo que parcialmente, quando há alguma impossibilidade de ser satisfeita diretamente. Como vimos nesta fala de R, o entendimento de que *é preciso se cortar para não encostar nela* coloca em relevo uma das formas de desvio, dos novos destinos para a pulsão, que são as modalidades de defesa do sujeito contra estas pulsões. Destinos estes que Freud definiu como reversão ao seu oposto; retorno em direção ao próprio eu; recalque e, por fim, a sublimação.

Além de a pressão ser uma característica da pulsão, Freud define outras características: a finalidade ou meta, o objeto e a satisfação. Pretendemos discorrer sobre elas articulando-as de acordo com o caminho desta escrita.

Freud afirma que a finalidade, ou meta, da pulsão, é a sua satisfação através de um objeto. O objeto, por sua vez, é aquilo que há de mais variável numa pulsão. Desta maneira, o objeto de satisfação da pulsão pode advir do próprio corpo, como escreve: “pode ser modificado quantas vezes for necessário do decorrer dos destinos que a pulsão sofre durante sua existência, sendo que esse deslocamento da pulsão desempenha papéis altamente importantes”. (FREUD, 1915/1974, p. 143)

Estamos aqui seguindo a proposição de conceber a experiência da automutilação como um desvio da pulsão, por se caracterizar pelo retorno ao próprio eu, como pontua Freud, ser este caminho um dos possíveis destinos para a pulsão. Será partindo desta premissa que continuaremos nossa pesquisa através da teoria psicanalítica, na busca por argumentações que venham a contribuir nesse entendimento e avançar nas reflexões.

É nesse sentido que adiantamos aqui o masoquismo, que será abordado mais adiante, tendo em vista que Freud associa este ‘retorno ao eu’ ao masoquismo.

O retorno de uma pulsão em direção ao próprio eu do sujeito se torna plausível pela reflexão de que o masoquista é, na realidade, o sadismo que retorna em direção ao próprio eu do sujeito, e de que o exibicionismo abrange olhar para o seu próprio corpo. A observação analítica não nos deixa duvidar de que o masoquista partilha da fruição do assalto a que é submetido, e de que o exibicionista partilha da fruição de [a visão de] sua exibição. A essência do processo é, assim, a mudança do objeto, ao passo que a finalidade permanece inalterada. Não podemos deixar de observar, contudo, que,

nesses exemplos, o retorno ao eu do sujeito e a transformação da atividade em passividade convergem ou coincidem. (FREUD, 1915/1974, p. 148)

Com relação à satisfação da pulsão – que é uma das características da pulsão, a de que espécie está presente no ato de se cortar? A adolescente H conta “*eu me corto para aliviar minha dor, meu sofrimento, parece que me sinto aliviada, mesmo sabendo que estou fazendo um mal para mim*”. Esta fala aponta um paradoxo, onde a série prazer-desprazer está posta, onde o sofrimento está lado a lado com o alívio que sente através da dor em se cortar. Este sujeito reconhece que pelo seu “bem”, pelo seu alívio, faz um mal para si mesmo, o que nos leva a crer que há uma espécie de satisfação masoquista na experiência da automutilação.

Uma vez ocorrida a transformação em masoquismo, a dor é muito apropriada para proporcionar uma finalidade masoquista passiva, pois temos todos os motivos para acreditar que as sensações de dor, assim como outras sensações desagradáveis, beiram a excitação sexual e produzem uma condição agradável, em nome da qual o sujeito, inclusive experimentará de boa vontade o desprazer da dor. (FREUD, 1915/1974, p. 149)

Na escuta desses sujeitos que nos relatam a prática dos cortes, a narrativa segue, muitas vezes, atravessada por falas sobre sentimentos como raiva e descontentamento dirigidos aos seus genitores, assim como o sofrimento, em certa medida, por não se sentirem amados. Expressam sentimentos de hostilidade por aqueles a quem também amam, como H diz: “*é a forma que eu tenho de colocar para fora tudo que eu sinto pela minha mãe e pelo meu pai.*”[...] E isso *tudo* que sentem seria amor e ódio?

Esta ambivalência de sentimentos observada nos relatos desses sujeitos vem ser apresentada, também, neste texto de Freud, *A pulsão e seus destinos* (1915), quando aborda os impulsos de amor e ódio direcionados ao mesmo objeto. Essa ambivalência ocorre quando há um rompimento na relação de amor com o outro objeto, aparentando que o amor se transformou em ódio. No entanto, esses pares de opostos não são excludentes, eles se conjugam. Este ódio sentido pelo sujeito é reforçado por uma regressão do amor à fase preliminar sádica, assumindo o ódio um caráter erótico, mantendo assim a permanência de uma relação de amor.

Estes adolescentes mostram-se frágeis diante desses genitores e amigos que lhes fazem mal, seja pela indiferença, pelas diferentes formas de violência, pela restrição da liberdade, ou pela simples incompreensão. Podemos supor que esses adolescentes nutrem, simultaneamente, sentimentos de amor e ódio por estes pais e amigos.

Sendo assim, até este momento da pesquisa, podemos considerar que esses outros são vistos, por esses adolescentes, como os sádicos na relação, restando a estes sujeitos a posição masoquista. Os sentimentos de ódio dirigidos àqueles que os fazem mal, se inibidos em sua

finalidade ativa (sádica), retorna ao próprio eu, através da posição masoquista destes sujeitos diante destes que os maltratam. Com isso, nos questionamos se a prática da automutilação estaria a serviço dos pares de opostos sadismo/masquismo.

Assim como o par de opostos sadismo/masquismo é trazido por Freud neste texto, ele também discorre sobre o par de opostos escopofilia<sup>1</sup>-exibicionismo. A escopofilia refere-se à pulsão de olhar, enquanto o exibicionismo é a pulsão de ser olhado.

Na experiência da automutilação, em que os cortes na pele denunciam o ato tanto para si mesmo quanto para os outros, já que as marcas são visíveis e por um tempo razoável, as pulsões de olhar e se olhado estão presentes e tem uma função bastante significativa na formação deste sintoma. Como no caso de H, por exemplo, que ilustra bem a função da pulsão de olhar e ser olhado. Como relatado no capítulo anterior, esta jovem costumava tirar fotos dos cortes com o sangue ainda escorrendo, e enviava para o namorado, de modo que o prazer de se ver e de ser vista pelo outro ganha relevo.

A utilização das redes sociais por quem se automutila é outro claro exemplo de demonstração dessas pulsões. Nesses espaços virtuais, imagens de corpos cortados, instrumentos utilizados, vídeos e textos, são objetos por onde as pulsões de olhar e ser olhado obtêm satisfação. A internet publicita e promove esta prática de tal forma que os usuários interagem e, por identificação, curtam, comentam e, assim, gozam coletivamente.

Ainda no texto *As pulsões e seus destinos* (1915), Freud relaciona a pulsão escopofílica passiva com o narcisismo, na medida em que o próprio corpo do sujeito é o seu objeto de satisfação, assim como a mudança do sadismo em masquismo gera um retorno ao objeto narcisista.

Existe uma situação psíquica primordial na qual duas delas coincidem. Originalmente, no próprio começo da vida mental, o eu é catexizado com as pulsões, sendo até certo ponto capaz de satisfazê-las em si mesmo. Denominamos essa condição de 'narcisismo', e essa forma de obter satisfação, de autoerótica. (FREUD, 1915/1974, p. 156)

Foi em *Além do princípio do prazer* (1920) que Freud introduziu o conceito de pulsão de morte e inaugurou o segundo tempo da sua teoria pulsional, como adiantamos no início deste capítulo.

Em certa altura da escrita deste texto, Freud discorre sobre a não satisfação de certas pulsões pela força do recalque em nosso aparelho mental e como a possibilidade de uma satisfação substituta pode ser sentida pelo eu como desagradável. Ele afirma que, repetidas

---

<sup>1</sup> O termo escopofilia trata-se de voyeurismo.

vezes, as pulsões se mostram incompatíveis em seus objetivos ou exigências com relação à unidade do eu, sendo então estes submetidos aos processos do recalque, não podendo assim alcançar êxito. Porém pode acontecer que as pulsões sexuais reprimidas venham trilhar caminhos indiretos para alcançar a satisfação direta ou substitutiva; esses casos podem ser sentidos pelo eu como desprazer.

Em consequência do velho conflito que terminou pelo recalque, uma nova ruptura ocorreu no princípio de prazer no exato momento em que certas pulsões estavam esforçando-se, de acordo com o princípio, por obter novo prazer. Os pormenores do processo pelo qual o recalque transforma uma possibilidade de prazer numa fonte de desprazer ainda não estão claramente compreendidos, ou não podem ser claramente representados; não há dúvida, porém, de que todo desprazer neurótico é dessa espécie, ou seja, um prazer que não pode ser sentido como tal. (FREUD, 1920/1976, p. 21)

Podemos levantar suposições acerca das forças oriundas do recalque na relação com aqueles que se automutilam, e como as pulsões sexuais trilham caminhos indiretos de satisfação na vida desses adolescentes, da mesma maneira que podem ser sentidos como desprazerosos. É comum ouvir relatos de adolescentes que dizem se sentir pressionados por suas famílias, principalmente por suas mães extremamente superprotetoras e controladoras, o que podemos dizer que são ‘castrados’. A libido desses sujeitos fica, por imposição do desejo desses pais, inibida de tal modo que a vida se torna limitante, desinteressante e, até mesmo, sofrida.

O recalque, como um destino da pulsão, traz consigo o sentimento de culpa. O caso de R é um exemplo disso, aquele adolescente com muitos interesses sexuais e amorosos por sua colega de classe, que sem dizer claramente seus motivos, decide firmemente controlar seus desejos chegando ao ponto de expressar a intenção de *cortar* a “amizade”. Este sujeito parece se punir pelo simples desejo, como se isto fosse algo proibido – o que nem a realidade da situação favoreceria esse posicionamento. Seu relato angustiado com relação ao que sente pela jovem nos leva a supor que, enquanto recusa à satisfação direta de seus desejos sexuais, a pulsão sexual se desvia do seu destino através dos cortes.

O corte, como desvio da pulsão pelo retorno ao próprio corpo, faz desse corpo fonte de satisfação autoerótica. Mas que espécie de satisfação seria essa em que nos infligimos dor?

Neste texto, Freud vem investigando o que existe de “mais além” neste princípio de prazer, no que se refere aos sentimentos de prazer e desprazer no aparelho psíquico. Como já anunciamos, Freud refere-se a uma tendência à estabilidade dos sentimentos de prazer e desprazer, por uma busca do retorno a um estado inanimado, que chamou de princípio de “Nirvana”. Não restringiu o princípio de prazer apenas em sua tendência por afastar o desprazer,

mas considera o desprazer como algo que está incluído, de alguma maneira, numa espécie de série prazer/desprazer.

Foi na observação de uma brincadeira de criança com o carretel de linha que Freud extrai dessa experiência, metaforicamente, a relação da criança com a mãe. Ele parte deste brincar infantil para compreender, dentre outras possibilidades, as relações entre prazer e desprazer, assim como a função da repetição como possibilidade de satisfação pulsional e como forma de elaboração.

Na brincadeira do *Fort e Da*, Freud observou que a criança expressa descontentamento quando o carretel desaparece e alegria quando puxa para si o carretel e este reaparece. Relaciona, assim, esta brincadeira da criança à experiência do desaparecimento e do retorno da sua mãe.

No entanto, Freud observa que a criança, geralmente, assistia apenas a seu primeiro ato como um jogo em si mesmo, repetindo-o incansavelmente, porém considerasse que o prazer maior ainda estava relacionado ao segundo ato. Para Freud, era clara a interpretação do jogo: relacionava-se à grande realização cultural da criança, à renúncia da satisfação pulsional que efetuará ao deixar a mãe ir embora sem protestar.

Freud se pergunta de que maneira, então, a repetição dessa experiência aflitiva, enquanto jogo, harmonizava-se com o princípio de prazer. Foi quando supôs que a partida da mãe deveria de ser encenada como uma preliminar necessária ao seu alegre retorno, e que o verdadeiro propósito do jogo residia neste segundo momento.

Levanta a possibilidade de que esses esforços estariam associados a uma pulsão de dominação que atuava independentemente da lembrança em si mesma ser agradável ou não. E outra interpretação ainda pode ser pensada: a criança joga o objeto para longe, para ir “embora”, satisfazendo a pulsão da criança de vingar-se da mãe por afastar-se dela – o que seria impedido de se efetivar na vida real.

Freud revela dúvida quanto saber se o impulso para elaborar na mente alguma experiência de dominação pode encontrar expressão como um evento primário e independentemente do princípio de prazer. Porque no caso estudado, a criança só foi capaz de repetir sua experiência desagradável na brincadeira porque a repetição trazia consigo uma produção de prazer de outro tipo, que seria uma produção mais direta.

O desprazer era assim tão necessário de ser vivenciado quanto o prazer que só poderia ser obtido através dele. O jogo só é completo quando prazer e desprazer são realizados.

Dessa forma, Freud chega a um ponto do seu desenvolvimento teórico que nos servirá de pista para compreender este “mais além do princípio de prazer” na experiência da

automutilação. Poderíamos, então, pensar que a dor física de se cortar esteja relacionada ao desprazer necessário para que o prazer na forma de alívio da tensão e de *retorno ao estado anterior* seja sentido posteriormente, como na brincadeira do *Fort-da*?

O ato de “se cortar” nos parece portar um tipo de satisfação que se aproxima desse ‘mais além’, o que poderíamos chamar daquilo que, em Lacan, entendemos como gozo: este prazer em que o desprazer está incluído. É nesse ponto que nos aproximamos, mais uma vez, à compreensão de que *há gozo na automutilação*. Assim como é o gozo, é este o jogo da prática de se cortar.

Assim vamo-nos aproximando da relação entre pulsão e gozo, porém o conceito de gozo será mais bem explicitado quando abordarmos a posição subjetiva desses sujeitos a partir do grafo do desejo, no terceiro capítulo.

Aqui poderia achar-se o ponto de partida para novas investigações. Nossa consciência nos comunica sentimentos provindos de dentro que não são apenas de prazer e desprazer, mas também de uma tensão peculiar que, por sua vez, tanto pode ser tanto agradável quanto desagradável (FREUD, 1920/1976, p. 84).

Como já relatamos anteriormente, H, por vezes, dizia: “*eu me corto para aliviar minha dor, meu sofrimento, parece que me sinto aliviada, mesmo sabendo que estou fazendo um mal para mim*”. Enunciados como este nos levam a identificar o gozo, pela indissociável relação entre prazer/desprazer no ato de se cortar.

Ainda neste texto, Freud nos apresenta a pulsão de morte, conceito este importante no estudo da automutilação. A dor física infligida por esses sujeitos nos leva a conceber a ideia de que a pulsão de morte, que está a serviço do princípio de prazer, faz amortecer o sofrimento psíquico avassalador que é sentido pelo sujeito como ainda mais intolerável do que a dor física. Vemos que esta forma de expressão da pulsão de morte ocorre compulsivamente na vida de alguns.

Continuando com a escrita de Freud, ele discorre sobre o caráter compulsivo da repetição, quando o vincula à pulsão de morte. Afirma que o sujeito repete impulsionado por afetos que não puderam ser representados, oriundos de situações traumáticas de grandes proporções. Assim podemos ver no caso da **H**, um exemplo desta repetição movida pela pulsão de morte, na medida em que sua mãe a expõe a situações dramáticas e que a colocam inclusive em risco social, seja pela violência física, seja por expulsá-la de casa *repetidas* vezes. Como já nos referimos no primeiro capítulo, é possível crer que esta jovem esteja dizendo com os cortes: eu também ‘te *corto*’ da minha vida, da minha carne, e assim o faço, também, ‘*repetidas vezes*’.

O que está em jogo nos parece uma vingança efetuada através do cortar a sua mãe dentro de si mesma, e também como um luto necessário, de forma a imprimir na pele uma morte já escrita simbolicamente.

Freud se debruça na compreensão da compulsão à repetição no sentido de afirmar que o que se repete é um dos movimentos da pulsão de morte que, pela impossibilidade de se inscrever e de se descarregar adequadamente, insiste, de maneira compulsiva, por uma via fixa e um modo de descarga. Isto quer dizer que a organização psíquica não consegue elaborar a intensidade da excitação; ou seja, o trauma acontece antes mesmo de que seja possível o recalque.

Mas o que o “pulsional” se relaciona com a compulsão à repetição? Não podemos fugir à suspeita de que deparamos com a trilha de um atributo universal das pulsões e talvez da vida orgânica em geral que até o presente não foi claramente identificado ou, pelo menos, não explicitamente acentuado. Parece, então que uma pulsão é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica. (FREUD, 1920/1976, p. 53 e 54).

Sendo assim, somos levados à noção de que estes sujeitos que se cortam fazem operar a compulsão à repetição que amarra o sujeito nesse circuito de tentativa de retorno ao estado anterior, ao equilíbrio da tensão advinda das forças do prazer e do desprazer.

Em se tratando da compulsão à repetição, Manso de Barros (2019) lembra que Freud traz a hipótese de que a compulsão à repetição é algo mais primitivo, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer que é dominado por ela. As manifestações da compulsão à repetição apresentam em alto grau um caráter pulsional e, quando atuam em oposição ao princípio de prazer, dão a aparência de alguma força “demoníaca” em ação.

A autora afirma que Freud define a pulsão “como um impulso inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, estado que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas” (FREUD, 1920/1976, p. 53 e 54). Sendo uma expressão da inércia inerente à vida orgânica, a pulsão, ao contrário de promover a mudança, é conservadora e adquirida historicamente.

Esse estado anterior de coisas, que dá à pulsão sua natureza conservadora, é estabelecido através das frases: “o objetivo de toda a vida é a morte” e “todas as coisas inanimadas existiram antes das vivas”. A pulsão tem como objetivo a sua própria extinção, sua morte, e a vida passa a ser encarada como um estado incômodo a ser eliminado. A entidade viva elementar, desde

seu início, não teria desejo de mudar; se as condições permanecessem as mesmas, não faria mais do que constantemente repetir o mesmo curso de vida. (FREUD, 1920/1976, p. 55).

## 2.1 Cortar-se: um empuxo à vida ou à morte?

Entendemos que a prática da automutilação, em geral, não tem intenção suicida, no entanto é comum escutarmos algumas falas que nos fornecem pistas para uma tendência a pensamentos que giram em torno dos significantes *morte e culpa*. Ao nos depararmos com o discurso destes sujeitos, que apontava questões bem delicadas e que repercutiam de modo a gerar grande sofrimento psíquico, fizemos operar um dispositivo coletivo com a metodologia da Poesia Falada, conforme anunciamos no primeiro capítulo.

Logo nos primeiros encontros com esse grupo de adolescentes, algumas participantes compartilharam suas poesias autorais. Na medida em que esses textos foram sendo lidos, certos significantes foram se destacando pela insistência em se inscrever, dando contorno às experiências de dor psíquica e uma intencionalidade pelo seu fim, como podemos ilustrar pelas falas: “*é uma dor muito grande lá no fundo*”, “*tem horas que eu quero desistir de tudo*”, “*o que posso fazer para me livrar dessa tristeza?*”

Com relação à narrativa desses sujeitos no ambiente escolar, em especial daqueles que se machucam, este ato de se cortar ocorre em prol da vida ou da morte? Seria possível estabelecer uma relação dicotômica? Ou neste ato as pulsões de vida e de morte atuam concomitantemente, cada uma com a sua finalidade?

Manso de Barros (2019) traz uma associação interessante entre os ferimentos reais dos sobreviventes de guerra e o desenvolvimento das neuroses. A autora afirma que

[...] o dano físico simultâneo, ao exigir um superinvestimento narcisista do órgão prejudicado, ligaria [à linguagem] o excesso de excitação. É o que acontece com aqueles que sofrem ferimentos na guerra. Parece que a dor da ferida concreta lhes vacina contra o desenvolvimento da neurose de guerra. Como se voltar sem lesões reais facilitasse o surgimento de estranhos fenômenos neuróticos (MANSO DE BARROS, 2019, p. 4)

Convém trazer este mesmo entendimento para a prática da automutilação? Teriam as lesões reais dos cortes a função de evitar o surgimento de outros sintomas neuróticos? Se não podemos desconsiderar esta prática como sendo um sintoma, talvez nos fosse viável situá-la

como uma protetora borda corporal inibidora ao aparecimento de novos fenômenos neuróticos em decorrência da dor de existir.

O ato de se cortar, nesse sentido, assemelha-se a uma tentativa de dar conta de sua angústia. A narrativa desses sujeitos que se cortam ressalta certa conformidade com a prática, creditando ao ato de se cortar a saída de sucesso para seu sofrimento. Cortar-se, assim como o sintoma, nos parece uma formação de compromisso. Estes adolescentes, em evidência, não se queixam por se cortarem, queixam-se pela vida que levam e por tudo que sentem e sofrem, o que nos faz supor que esta prática é adotada como a mais conveniente para lidar com a angústia. O que vem disso é uma grande dificuldade desses sujeitos em “aderirem” a alguma oferta de tratamento, assim como envolver a família na rede de proteção.

Manso de Barros (2019) traz a resistência que o analista deve enfrentar na prática terapêutica, o que podemos aproveitar para lançar luz à posição subjetiva desses sujeitos, pela conformidade que parecem estabelecer com a prática dos cortes.

Entre todas as resistências que o analista deve enfrentar na prática terapêutica, é possível identificar cinco: três do eu (o recalque, a transferência, o lucro secundário da doença), uma do supereu (o sentimento inconsciente de culpa) e uma do isso (a compulsão à repetição) (Freud, 1926/1976). Freud afirma que a repetição traz um ‘prazer de outro tipo’ e supõe a existência de ‘misteriosas tendências masoquistas do eu’, inclusive levando os sujeitos a procurar ativamente esse prazer de outro tipo. Como no teatro onde o público de uma tragédia vive as experiências penosas como sendo altamente prazerosas. Essas tendências misteriosas se originam no isso e provocam prazer quando sob controle relativo, com a concordância do eu. (MANSO DE BARROS, 2019, p. 5)

Diferente de outros sujeitos que, em análise, delineiam seu discurso em torno do sintoma, a resistência desses adolescentes em falar sobre os cortes, assim como buscar atendimento na rede de saúde, aponta para o que diz a citação acima, no sentido da repetição que traz um ‘prazer de outro tipo’ e a tendência masoquista do eu.

A tendência dominante da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos (o ‘princípio do Nirvana’, para tomar de empréstimo uma expressão de Barbara Low [1920, 73]), tendência que encontra expressão no princípio de prazer, e o reconhecimento desse fato constitui uma de nossas mais fortes razões para acreditar na existência da pulsão de morte. (FREUD, 1920/1976, p. 76)

Assim como Freud traz uma das suas razões para acreditar na existência da pulsão de morte, conforme escreve na citação acima, faz uma diferenciação entre pulsão de vida e pulsão de morte.

Segundo ele, a pulsão de vida tem muito mais contato com nossa percepção interna, surgindo como produtores de tensão cujo alívio é sentido como prazer. A pulsão de morte segue

discretamente. Afirma que o princípio de prazer parece, na realidade, servir às pulsões de morte. (FREUD, 1920/1976, p. 84 e 85). Este raciocínio de Freud refere-se, então, à relação entre pulsão de vida e de morte no sentido de que uma não existe sem a outra. Se o princípio de prazer está no alívio da tensão produzida pela pulsão de vida, a meta da pulsão de morte é satisfeita.

O que Freud nos traz corrobora na concepção de que aquele que se corta tem como meta a satisfação da pulsão de morte: que é o alívio da tensão interna. Avançando um pouco mais, se, para Freud, as pulsões de vida e de morte não existem uma sem a outra, podemos caminhar no sentido de localizar a prática dos cortes como um empuxo tanto à vida quanto à morte? Sendo assim, supomos que o sujeito que se corta assim o faz movido pela pulsão de morte para apaziguamento da dor psíquica – que é a sua angústia, numa tentativa de inércia, de dar um fim; em contrapartida podemos acreditar que obtêm na dor física a sensação de um corpo pulsante, vivo, que sente alívio/prazer/excitação, expressão da pulsão de vida.

Para avançar nesta questão, Freud, em seu texto *O problema econômico do masoquismo* (1924), com a investigação sobre as pulsões, nos oferece novas articulações na compreensão das pulsões na automutilação. Questiona a existência do masoquismo primário na vida pulsional dos sujeitos, e avança no entendimento da relação do princípio de prazer com as pulsões de morte e as pulsões de vida.

Interroga-se quanto ao fato do desprazer se referir à elevação da tensão e o prazer ao rebaixamento da tensão mental em decorrência de um estímulo, já que existem tensões prazerosas e relaxamentos desprazerosos da tensão, como a excitação sexual, por exemplo. Assim inicia a discussão dos aspectos qualitativos e quantitativos para a compreensão deste estudo. Freud diz que o prazer e o desprazer não podem ser entendidos somente pelo aspecto quantitativo, como pela diminuição ou aumento da tensão, mas dependem de uma característica que só podemos descrever como qualitativa.

E o que esta nova característica, a qualitativa, pode nos servir neste trabalho? Talvez favoreça na interrogação acerca da intencionalidade daquele sujeito que se corta. Que sensação poderia ser considerada prazerosa? A de se cortar? Parece-nos que sim, enquanto a angústia segue outro caminho.

A automutilação parece aos olhos dos outros uma prática incompreensível. No entanto, Freud, neste texto de 1924, questiona a relação prazer/desprazer sob o ponto de vista econômico. Considera, como adiantamos, que não se pode simplesmente medir ou quantificar o prazer e o desprazer apenas pelo aumento ou diminuição de uma quantidade de excitação presente no aparelho psíquico. A isso devem ser igualmente incluídas características

qualitativas presentes na relação entre o princípio de prazer e as pulsões de vida e morte, o que é claramente observável no ato da escarificação corporal.

Araújo et al. (2016) nos trazem que, inicialmente, os teóricos que estudavam a automutilação concebiam este fenômeno como uma modalidade de parasuicídio, ou seja, com forte intenção ou idealização suicida. Entretanto, na visão de Menninger (1996), a automutilação seria uma formação de compromisso para evitar a aniquilação total do sujeito. Considera que é necessário o sacrifício de uma parte do corpo para o bem de todo o resto. Neste sentido, a automutilação era vista como um tipo de acordo para evitar a total aniquilação da pessoa, o que conduziria ao suicídio. Representaria, assim, uma vitória da pulsão de vida sobre a pulsão de morte.

Os autores também ressaltam que na literatura sobre automutilação existem depoimentos que falam sobre esse acúmulo de tensão seguida do relaxamento após a descarga, e que muitos automutiladores inclusive comparam o prazer dessa descarga com o orgasmo obtido por meio da masturbação ou do ato sexual.

Menninger (1996) considera que a pulsão de vida e pulsão de morte se mesclam, uma vez que o sujeito pratica um ato aparentemente incompatível com princípio de prazer, visto que lhe provoca dor física, mas que lhe causa um enorme prazer, muito além do que o princípio de prazer pode lhe proporcionar. Este entendimento segue o que Freud nos traz no estudo das pulsões, ao afirmar que as pulsões de vida e de morte atuam concomitantemente na vida psíquica.

Entretanto, podemos constatar uma contradição no ponto em que este autor considera que a pulsão de vida triunfou sobre a pulsão de morte. Esta compreensão aponta para uma visão dicotômica das pulsões, contrária à que Freud nos ensinou. Desta maneira afirmamos que, no que tange à psicanálise, Freud presume que se realize uma fusão ou amalgamação muito ampla, em diferentes proporções, das duas classes de pulsões, de maneira que nunca iremos lidar puramente com as pulsões de vida ou de morte, mas sim de forma misturada, em quantidades diferentes.

Partimos da grande oposição entre as pulsões de vida e de morte. Ora, o próprio amor objetual nos apresenta um segundo exemplo de polaridade semelhante: a existente entre o amor e o ódio. Se pudéssemos conseguir relacionar mutualmente essas duas polaridades e derivar uma da outra! [...], mas, como pode a pulsão sádica, cujo intuito é prejudicar o objeto, derivar de Eros, o conservador da vida? Não é plausível imaginar que esse sadismo seja realmente uma pulsão de morte que, sob influência da libido narcisista, foi expulso do eu e, conseqüentemente, só surgiu em relação ao objeto? Ele entra em ação a serviço da função sexual. [...] As observações clínicas nos conduziram, naquela ocasião, à concepção de que o masoquismo, a pulsão

componente complementar ao sadismo, deve ser encarado como um sadismo que se voltou para o próprio eu do sujeito. (FREUD, 1920/1976, p. 74 e 75)

Seguindo o raciocínio desta citação, Manso de Barros (2019) lembra que no momento da teorização sobre o narcisismo, momento de incubação para a modificação da teoria pulsional, Freud coloca no lado oposto à pulsão sexual as pulsões do eu, instância responsável pela manutenção da vida do indivíduo. Mas os objetivos das pulsões continuam os mesmos. O eu, instância responsável pelo narcisismo, toma para si os cuidados da preservação do indivíduo.

Finalmente, no segundo tempo da teoria pulsional, Freud estabelece a irreduzível fratura entre a pulsão sexual, pulsão de vida ou Eros, e a pulsão de morte, também chamada de pulsão agressiva ou simplesmente destrutividade. Parece-nos como se a função fundamental da pulsão sexual ou de vida fosse distrair a pulsão de morte de seu alvo principal: a morte da pulsão. A vida nada mais é do que uma luta constante entre as duas forças, uma querendo obter, no espaço de tempo mais curto possível, sua plena satisfação (a morte, a extinção de toda e qualquer excitação), outra buscando ganhar tempo para criar condições de a vida se manter no planeta.

Entendemos que o conceito de pulsão de vida implica a tomada pelo excesso de estímulos que o sexo engendra. O contrário da morte não é a vida, mas o sexo, porque a vida é o real do sexo. Ou ainda, a vida é o despertar da sexualidade com tudo que ela implica: estímulos, cutucadas, demandas, desejos, desconfortos, conflitos, excessos orais, anais, fálcos, genitais. Antes da vida havia o nada, o estado inanimado. A vida trouxe o encontro com o real: o sexo, a fome, a dor no corpo e na alma, a excitação (real) que não cessa de se inscrever (na carne). É preciso se fazer olhar, se fazer escutar. A pulsão une o Outro à sexualidade. É uma montagem que contorna o objeto, para sempre perdido, nunca alcançável, como exposto no pensamento lacaniano. Antes da vida há morte. (MANSO DE BARROS, 2019, p. 17).

Como adolescentes, o encontro com o real do sexo se impõe e os convocam à vida exigindo investimentos, perdas e desafios. Como esta prática ocorre predominantemente entre meninas, é neste corpo feminino que o corte é ressaltado/denunciando outros cortes subjetivos, é neste corpo que todo mês sangra e pulsa. Lembramos que é desse encontro com o Outro que emerge a angústia e o uso do corte vem na tentativa de dar a ela, um término. Ou vem na tentativa de dar a ela – a angústia, outra forma de inscrição na vida, dando-lhe uma existência? Afinal, cortar-se é um empuxo à vida ou à morte? O que há de tão insuportável na *vida* que somente ‘o corte’ na carne é capaz de *a – morte – Ser?*

## 2.2 Bate-se numa criança: da fantasia à experiência concreta

Para avançarmos no estudo das pulsões na automutilação, somos levados a trazer o texto de Freud, intitulado *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919) para nos debruçarmos um pouco mais acerca do masoquismo.

Neste texto, Freud traz a fantasia de espancamento revelada em muitos dos seus pacientes, cujos relatos traziam consigo bastante hesitação e sentimentos de prazer. Essa fantasia - ‘uma criança é espancada’ - era invariavelmente catexizada com muito prazer e tinha a sua descarga num ato de agradável satisfação autoerótica (FREUD, 1919/1976, p. 226) O que Freud nos traz nesse momento é a relação entre a dor física e o prazer, como podemos encontrar na experiência da automutilação, uma forma peculiar de satisfação autoerótica através da dor autoinfligida.

Segundo Freud, os sentimentos de culpa e vergonha eram intensamente provocados por essas fantasias que consistiam em crianças sendo espancadas, como forma de punição e disciplina, em nome do seu comportamento inadequado. Podemos aqui vislumbrar que na gênese dessas fantasias infantis existe algo de proibido e merecedor de punição. Também lembramo-nos do que Freud escreve posteriormente, em *O problema econômico do masoquismo* (1924), sobre haver no conteúdo das fantasias masoquistas esse caráter de expiação, de ser penalizado de alguma maneira.

No entanto, posteriormente, veremos que não existe relação direta e simples com a educação dos pais ou educadores, mas que a fantasia de espancamento tem relação com a fantasia primordial. Freud afirma que se a análise é levada ao período primitivo, aquele aos quais se referem às fantasias de espancamento e do qual são recordadas, a criança está envolvida nas agitações do seu complexo parental, de maneira que a menina tem suas afeições fixadas no pai, assim como alimenta pela sua mãe sentimentos de rivalidade e rancor associados a uma dependência afetiva.

Ouvindo estes sujeitos no ambiente escolar, os sentimentos de culpa direcionados aos membros da família, seja pai ou mãe, é bastante comum, inclusive quando falam sobre a separação dos pais, sobre o luto pelo falecimento de um dos genitores, sobre as brigas dentro de casa, sobre as cobranças familiares e outras muitas situações. Como já tratamos nesta dissertação, o discurso destas jovens é delineado em torno de uma repetição do significante *culpa*, assim como veremos, também, mais adiante. É como se, de alguma maneira, estes sujeitos fossem responsáveis por tais acontecimentos; é desta forma que eles se sentem. Estes relatos corroboram com o que Freud descreve com relação ao amor incestuoso dos filhos para

com seus pais e o sentimento de culpa relacionado a ele, que de alguma maneira é abordado neste texto através da fantasia masoquista de espancamento.

Assim como encontramos nas escolas alguns casos de crianças e adolescentes já vítimas de algum tipo de violência intrafamiliar; seja física, sexual ou psicológica, que chegam à CIPE (Comissão Intersetorial de Proteção ao Educando) através de notificação à 2ª Coordenadora Regional de Educação, há grande ocorrência também de automutilação nestes mesmos casos. Estes sujeitos, além de já serem violentados, de fato, por seus genitores e outros familiares, também atuam contra si mesmos, violentamente.

Essas experiências nos levam a outras articulações teóricas e clínicas acerca das pulsões sadomasoquistas na automutilação. Entretanto, apesar de essa associação entre violência real e imaginária se apresentar em muitos casos, não buscaremos argumentos para construir nenhum tipo de causalidade, a fim de não correr o risco de cair numa psicanálise selvagem. No entanto, esta associação vem nos servir no questionamento acerca das fantasias incestuosas inconscientes, geradoras de vergonha e culpa, e o quanto elas podem ser acessadas através da violência intrafamiliar e da automutilação. Esta questão fica, aqui, nesta dissertação, como um ponto em suspenso, talvez merecedor de novas argumentações e aprofundamentos.

Freud afirma que em todas as fases da fantasia de espancamento, as crianças espancadas nada mais eram que substitutas da própria criança que criava a fantasia. O que se modifica é que, na primeira fase, a criança atribui o amor do pai a ela, através do enunciado “Ele (o meu pai) só ama a mim, porque está batendo na outra criança”, o que pelo processo de recalque do amor incestuoso faz surgir o sentimento de culpa ocultando o seu desejo de amor pelo pai, através do enunciado da segunda fase da fantasia: ‘não, ele não ama você, pois está batendo em você’. A fantasia, que na primeira fase não é masoquista, agora se torna. Freud afirma que o sentimento de culpa é invariavelmente o fator que converte o sadismo em masoquismo, porém, não é o conteúdo total do masoquismo; uma parcela deve ser atribuída ao impulso de amor.

Se a organização genital, que mal conseguiu firmar-se, defronta-se com o recalque, a consequência não é apenas a de que toda representação psíquica do amor incestuoso se torna inconsciente, ou permanece inconsciente, mas existem também outro resultado: um rebaixamento regressivo da própria organização genital para um nível mais baixo. ‘O meu pai me ama’ queria expressar um sentido genital; devido à regressão, converte-se em ‘O meu pai está me batendo (estou sendo espancado pelo meu pai)’. Esse ser espancado é agora uma convergência do sentimento de culpa e do amor sexual. Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga à fantasia a partir de então, e que encontra escoamento em atos masturbatórios. Aqui temos, pela primeira vez, a essência do masoquismo (FREUD, 1919/1976, p. 236 e 237).

A terceira fase da fantasia é similar à primeira, aparentemente sádica. É como que se na frase ‘o meu pai está batendo na criança, ele só ama a mim’, a ênfase tenha-se deslocado para a primeira parte, depois que a segunda sofreu recalque. A satisfação que deriva assumiu a catexia ou investimento libidinal da porção recalçada.

Freud considerava no momento da escrita deste texto que a exposição sobre a fantasia de espancamento foi insuficiente para esclarecer a gênese do masoquismo, mas até então acreditava que o masoquismo não era a manifestação de uma pulsão primária, mas se originava do sadismo, por intermédio do retorno do objeto para o eu.

Considera que a análise da perversão infantil tratada aqui é de grande importância na solução de um velho enigma: o de que o sentimento de culpa se relaciona com a masturbação da primitiva infância e não com a da puberdade, o que não deve ser ligado essencialmente ao ato da masturbação em si, mas com a fantasia inconsciente cuja raiz encontra-se no Complexo de Édipo.

Freud afirma que a teoria psicanalítica sustenta com firmeza o ponto de vista de que as forças motivadoras do recalque não devem ser sexualizadas. Ao que pode servir de vítima do processo de recalque, um grupo de pulsões tem mais êxito que outro. Em virtude de circunstâncias particulares, o segundo grupo, o das pulsões sexuais, é capaz de derrotar o recalque e de forçar sua representação por formações substitutivas de natureza perturbadora. Por esse motivo, a sexualidade infantil, que é mantida sob recalque, atua como a principal força motivadora na formação de sintomas; e a parte essencial do seu conteúdo, o Complexo de Édipo, é o complexo nuclear das neuroses.

Em *O problema econômico do masoquismo* (1924), Freud avança em suas investigações acerca das pulsões sexuais, complementando o que apontou nos seus textos anteriores. Distingue o masoquismo em três tipos: masoquismo erógeno, masoquismo feminino e o masoquismo moral. Freud define o masoquismo erógeno como aquele relacionado ao prazer no sofrimento, e o relaciona com o masoquismo feminino. Dessa forma, podemos concluir que tanto no masoquismo erógeno quanto no feminino, o sofrimento é, também, sentido como algo aprazível.

As observações de Freud sobre as fantasias masoquistas em homens, em que eles eram amarrados, espancados, afrontados, subjugados, o fizeram supor que estas fantasias colocam o sujeito numa posição feminina e infantil.

Entende que o sentimento de culpa se faz presente nas fantasias masoquistas, já que a fantasia tem em seu conteúdo esse caráter de expiação, de ser penalizado de alguma maneira,

vinculando essas fantasias com a culpa pela masturbação infantil. Afirma que é o sentimento de culpa que possibilita a transição para o masoquismo moral.

Existe a viabilidade de associarmos esses tipos de masoquismo com a experiência daqueles que se automutilam? A automutilação poderia ser entendida como expressão do masoquismo erógeno e feminino, já que os relatos daqueles que se cortam revelam prazer no ato de se cortar. No entanto, as falas desses sujeitos não se referem ao ato de se cortar tão somente com a finalidade de satisfação autoerótica, mas também com a finalidade de autopunição, o que aproxima essa experiência ao masoquismo moral.

Freud considera que o masoquismo moral, com relação ao tratamento psicanalítico, pode representar resistências por parte dos analisandos, já que há uma satisfação no sentimento de culpa e, com isso, um lucro na doença. O sujeito recusa-se a ceder do seu estado de enfermidade em nome deste gozo masoquista. Em nota de rodapé, Freud explica que sentimentos não podem ser descritos como inconscientes, sendo assim, a expressão ‘sentimento inconsciente de culpa’ estaria incorreta, sendo mais correto dizer ‘necessidade de punição’.

A resistência desses pacientes ao processo analítico ilustra muito bem o que temos vivenciando nas escolas com os adolescentes que se automutilam, como apresentamos nos casos ilustrados. Geralmente esses casos nos chegam por intermédio dos professores ou da gestão, e a nossa oferta de acolhimento e escuta é aceita, muitas vezes, após grande hesitação e vergonha. Dificilmente consentem facilmente receber algum tipo de cuidado em saúde mental, escondem seus cortes de seus familiares e nos pedem sigilo absoluto.

Como já demonstramos, nos deparamos com um fechamento do discurso destes jovens, dificultando a associação livre. O ato de se cortar, em si mesmo, já diz sobre algo, mesmo que sem a palavra, mas parece ser utilizado pelo sujeito para cortar aquilo que poderia ser dito a mais, o que é, de certa maneira, impedido. Nesse sentido, nos questionamos o que deve ser escondido, o que há de proibido e, por isso, merecedor de punição. O que há no campo fantasmático que deve permanecer em segredo, ao mesmo tempo em que denuncia um dito – um saber presente nesta trilha – a dos cortes, como outra espécie de código?

Recentemente atendemos uma jovem, àquela que citamos no primeiro capítulo com a letra **A**, que se corta há dois anos e relata grande sofrimento. Mostra seus braços com vários cortes, em sequência, de modo que cada corte representa um acontecimento que a deixou com raiva. A jovem relata ter sido assediada pelo seu ex-padrasto e que sua mãe a agride física e verbalmente. Quando interrogada sobre atividades que lhe dê prazer, ela não se lembra de nada. Conta que sua mãe jogou seu celular pela janela, que não a leva para passear, assim como não a deixa sair de casa o tanto que gostaria. A jovem nos diz que só gosta da vida quando está na

escola, porque assim que pode ficar com seus amigos e os professores. Ao perguntarmos se já conversou sobre o assédio com sua mãe, ela diz: “*nunca falei, ela não ia entender*”. E depois da descoberta de sua mãe sobre a violência sexual sofrida por A., ela nos conta que sua mãe também a culpa pelo ocorrido.

Por evidenciarmos uma repetição de casos em que a relação com a mãe é ponto crucial na trama dos conflitos desses adolescentes, propomos no terceiro capítulo levantar algumas reflexões a esse respeito. Retornando ao significante ‘culpa’, constatamos que este também se repete várias vezes no discurso de A., assim como costuma se repetir nas falas de outros jovens, além das já citadas neste trabalho. Facilmente podemos relacionar, através da escuta desses sujeitos, a prática de se machucar com o ‘sentimento de culpa’ que, na realidade, deve ser trocado pela expressão ‘necessidade de punição’, como apontou Freud nesse texto.

Esta jovem afirma se sentir, de fato, culpada por algo, mesmo que não tenha consciência do motivo. Conta que antigamente socava a parede quando sentia raiva, para não bater em ninguém, mas que agora resolveu se machucar. Neste caso, podemos supor que sua raiva expressa a pulsão de morte inibida de sua finalidade sádica que seria de a de ‘cortar’ sua mãe e seu ex-padrastro, fazendo-a assim voltar-se contra si mesmo?

Para lançar luz ao movimento da pulsão sexual, assim como acontece neste caso, Freud retoma a relação do masoquismo com o sadismo. Vem elucidar o papel da libido que tem a missão de tornar nula a pulsão de destruição desviando-a para fora, no sentido dos objetos do mundo exterior. Uma parte desta pulsão é colocada diretamente a serviço da função sexual. Este é o próprio sadismo. A outra parcela permanece dentro do organismo, e, com ajuda da excitação sexual fica, ali, libidinalmente retida. É nessa parcela que identificamos o masoquismo primário, erógeno.

A pulsão de morte operante no organismo - sadismo primário - é idêntico ao masoquismo. Após sua parte principal ter sido transposta para fora, para os objetos, dentro resta como um resíduo seu masoquismo erógeno propriamente dito que, por um lado, se tornou componente da libido e, por outro, ainda tem o eu (self) como seu objeto. Esse masoquismo seria assim prova e remanescente da fase de desenvolvimento em que a coalescência (tão importante para a vida) entre a pulsão de morte e Eros se efetuou. Não ficaremos surpresos em escutar que, em certas circunstâncias, o sadismo, ou pulsão de destruição, antes dirigido para fora, projetado, pode ser mais uma vez introjetado, voltado para dentro, regredindo assim à sua situação anterior. Se tal acontece, produz-se um masoquismo secundário, que é acrescentado ao masoquismo original (FREUD, 1924/1976, p. 205).

Freud conclui que é o fato de o masoquismo moral ser inconsciente que nos leva a uma pista óbvia, que se refere ao conteúdo oculto das fantasias masoquistas: os desejos sexuais

inconscientes. Explica que, apesar da consciência e da moralidade surgiram da superação e da dessexualização do Complexo de Édipo através do masoquismo moral, a moralidade se torna mais uma vez sexualizada, e o Complexo de Édipo é revivido, abrindo caminho para uma regressão, da moralidade para o Complexo de Édipo.

O masoquismo moral, assim, se torna uma prova clássica da existência da fusão da pulsão. Seu perigo reside no fato de ele originar-se da pulsão de morte e corresponder à parte dessa pulsão que escapou de ser voltado para fora, como pulsão de destruição. No entanto, de vez que, por outro lado, ele tem a significação de um componente erótico, a própria destruição de si mesmo pelo indivíduo não pode se realizar sem uma satisfação libidinal (FREUD, 1924/1976, p. 212).

Com relação ao caso de **A**, nos interrogamos no sentido de saber o quanto da fantasia de espancamento segue de lado ou se cruza com a experiência real de abuso (sexual, por parte do ex-padrasto, e físico, por parte da mãe) compondo a problemática psíquica desta jovem. Podemos levantar a hipótese de que uma parcela de prazer supostamente sentida nesse corpo originalmente erógeno pôde ter gerado culpa e vergonha nesta adolescente, como bem mostrou Freud através da fantasia de espancamento? Questionamo-nos se o abuso sexual, por sua inscrição no real, possa vir a atormentar e a invadir o sujeito de modo a fazê-lo acessar sua fantasia primordial à revelia de si mesmo.

Tirando as especificidades de cada adolescente com quem temos conversado no ambiente escolar, o componente sexual e o sentimento de culpa estão sempre presentes na trama sintomática daqueles que se cortam. Como no caso de **B**, citado no segundo capítulo, cuja adolescente conta sobre seus pensamentos ruins em torno da morte e alguns episódios de automutilação. Ela conta sobre a seu sentimento com relação à preferência que acredita que sua mãe tenha pelo filho mais novo, seu irmão, quando diz: *“meu irmão me bate, eu conto para ela quando volta do trabalho, mas ela não faz nada, ele nunca tem culpa de nada, só eu.”* Lembra-se do sofrimento da mãe por ter perdido um filho homem, após o parto, tendo engravidado dela, logo depois. Também associa um assédio sexual por parte de dois colegas de classe, quando tinha oito anos, à culpabilização que sofreu por parte de sua mãe, assim como o seu próprio sentimento de culpa pelo divórcio dos pais.

A prática da automutilação vem a ilustrar o que Freud nos ensina com as pulsões sexuais e o quanto o masoquismo se relaciona com o complexo parental. Como vimos neste caso, os relatos desses adolescentes são permeados por histórias de cunho sexual, como episódios de abuso e assédio. Também podemos observar uma mescla de sentimentos de amor e ódio por seus genitores, assim como Eros e Thanatos, assim como prazer e desprazer.

Difícil é situar a automutilação como expressão de um tipo específico de masoquismo, assim como tão somente desvinculá-la do sadismo. No entanto, passamos a nos debruçar sobre o masoquismo erógeno, por considerarmos aquilo que há de mais primário na constituição do sujeito, que é o seu eu corporal e sua erótica.

### **2.3 Automutilação: um corpo para a expressão do masoquismo erógeno?**

Para trazer a discussão do masoquismo erógeno na experiência desses sujeitos que se cortam, Silva (2018) ressalta que o masoquismo erógeno apresenta e discute o caminho teórico de Freud sobre o masoquismo presente nas obras *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *As pulsões e seus destinos* (1915) e *O problema econômico do masoquismo* (1924).

Na primeira obra, o masoquismo comparece como um elemento fundante das pulsões sexuais, lado a lado com o sadismo e vinculado às perversões. O masoquismo é praticamente um complemento do sadismo, considerado até então originário. Em *As pulsões e seus destinos* (1915) mantém certa continuidade do pensamento freudiano a respeito do masoquismo como processo secundário ao sadismo, um destino pulsional de inversão da agressividade sádica originária contra a própria pessoa. Nele, Freud sugeriu um caminho da pulsão sexual no par de opostos sadismo/masoquismo.

Manso de Barros (2019) afirma que Freud, em 1920, com a segunda tópica, retifica a compreensão que vinha tendo com relação ao masoquismo e as pulsões. Freud então confirma a possível existência do masoquismo primário.

No texto *O problema econômico do masoquismo* (1924), Freud se dedica à pesquisa teórica sobre o problema econômico do masoquismo na vida psíquica. Afirma, inicialmente, a existência de uma misteriosa tendência masoquista na vida pulsional dos seres humanos desde o ponto de vista econômico. Esse mistério se dá pela incompreensão do masoquismo, se considerar que os processos mentais são governados pelo princípio de prazer de forma que se espere evitar o desprazer e obter prazer.

Freud, então, admite a existência de um masoquismo primário, ou erógeno, que não dependeria do sadismo. Segundo ele, nos organismos multicelulares, a libido enfrenta a pulsão de morte ou destruição neles dominante e procura conduzir cada organismo unicelular que o compõe para um estado de estabilidade inorgânica. Assim, a libido tem a missão de tornar inócua a pulsão destruidora e a realiza desviando-a para fora, no sentido de objetos do mundo

externo. A pulsão é então chamada de destrutiva, de domínio ou de vontade de poder. Parte dela é colocada a serviço da função sexual, enquanto a outra parte mantém-se dentro do organismo permanecendo ali, libidinalmente presa. É nessa porção da pulsão presa dentro do organismo que se identifica o masoquismo original, erógeno (FREUD, 1924/1976).

Silva (2018) lembra que na sexualidade infantil, os processos afetivos são fontes de excitação das crianças que, intensificados, como no pavor, medo ou terror, também transbordam para a sexualidade. O efeito sexualmente excitante de vários afetos nada prazerosos em si, como angustiar-se, apavorar-se, estremecer, mantém-se em grande número de indivíduos também na idade adulta, e provavelmente explica o fato de tantas pessoas buscarem oportunidades para sensações desse tipo, desde que determinadas circunstâncias (o pertencimento a um mundo imaginário, livros, teatro) amortecem a gravidade da sensação de desprazer (FREUD, 1905b/2016, p. 116). Após essa afirmativa, Freud ainda acrescenta que também as sensações dolorosas intensas podem ter um efeito erógeno, quando a dor é acompanhada de condições que a atenuam ou a mantêm sob alguma distância, o que indica a presença da tendência sadomasoquista da pulsão sexual. Em nota de rodapé de 1924, descreve que esse seria o masoquismo erógeno, o que nos faz refletir acerca do caráter erótico encontrado tanto nos afetos nada prazerosos como nas sensações dolorosas.

Silva (2018) aponta que, em *O problema econômico do masoquismo* (1924), Freud não faz distinção entre excitação da dor e o desprazer, já que ambos estão relacionados ao aumento da tensão libidinalmente investida no masoquismo erógeno. Isto se dá em função da presença de uma coexcitação libidinal, ou seja, da excitação libidinal que acompanha a tensão de dor e desprazer, considerada por Freud como inicialmente um mecanismo fisiológico infantil que atinge as constituições sexuais em graus diferentes, mas que é a base para a construção psíquica do masoquismo erógeno. Portanto, podemos afirmar que o desprazer não está necessariamente relacionado à dor, e sim ao aumento de tensão inespecífica, como nas sensações “nada prazerosas” (FREUD, 1905b/2016), e que a dor se compõe do desprazer, incluindo a própria passagem do desprazer para a dor.

Em se tratando da dor, o psicanalista Delouya (2001) abarca esta temática e nos permite problematizá-la. A dor é considerada central para a constituição do psiquismo, pois é condição para o início da vida, envolvendo sensações ligadas aos órgãos, à ausência do outro e à apropriação do corpo. Para esse autor, a dor é inerente ao desamparo e convoca o outro para apaziguá-la, contê-la, dar contorno: “A psique nesse sentido, não é outra coisa senão essa aquisição tópica, por meio da dor, do corpo próprio” (p. 79). A dor, mesmo que ligada ao órgão, está necessariamente relacionada ao psiquismo, na perspectiva da instauração do corpo. A dor

se insere em uma dialética que envolve pressão, excesso e contenção, pois quando ela irrompe há um esforço para ligá-la, como numa sutura. O intuito é promover a representação dos movimentos do corpo, que dão ao sujeito um desenho do próprio corpo, um armazenamento da imagem do espaço, da região e dos órgãos atingidos pelo traumático.

A dor como excesso pulsional funda o psiquismo, mas seu caráter de violência necessita de trabalho psíquico para contenção. É nesse trabalho da dor, segundo o autor, que se constroem modos de lidar com a violência traumática. Ao apontar essa relação dor-corpo, remetemos aos casos clínicos de Freud com as histéricas, particularmente no caso de Elizabeth Von R., em que, por um beliscão, Freud tenta localizar a dor na perna da qual se queixava a paciente. No entanto, ao perceber que, ao invés de dor, sentia prazer, reconhece a presença de uma zona histerogênica. As zonas erógenas, portanto, serviriam também à instauração do corpo, assim como a dor, e na histeria essa relação prazer e dor é destacada por Freud. Outro aspecto da sexualidade que envolve a relação prazer-desprazer é a tensão sexual. A tensão provoca o psíquico justamente por ser desprazerosa, enquanto o prazer manteria uma constância das excitações, permanecendo o que já foi constituído. Como conciliar a tensão desprazerosa e a sensação de prazer? Para o autor, tudo que é relacionado ao problema do prazer e do desprazer toca num dos pontos mais delicados da psicologia atual.

Vemos que aqui Freud esbarra na condição em que o desprazer poderá garantir o prazer, tanto que, na nota de 1924 (FREUD, 1905b/2016), ele afirma que a tentativa de solucionar esse “problema” estaria no texto *O problema econômico do masoquismo*. As zonas erógenas atuariam como fonte da excitação sexual e, portanto, manteriam formas de satisfação, bem como poderiam ser alvos das sensações de desprazer.

Fortes (2013) lembra que, quando falamos do corpo erógeno, estamos nos referindo às partes do corpo e não à totalidade corporal. O que chama mais a atenção aqui é a possibilidade de a dor conduzir ao sentimento de propriedade do corpo através dos órgãos doloridos, mas sem necessariamente promover o sentimento de unidade corporal. A dor oferece a possibilidade de apropriação do corpo, mas mantendo neste o seu caráter fragmentário. Se, em um primeiro momento, a assunção do corpo ficaria atrelada à construção de uma unidade do mesmo, nossa proposta é que, ao apontar a dor como índice de conhecimento geral do corpo, Freud não faz deste uma entidade unificadora, mantém a referência a ele enquanto constituído por partes.

Refletindo a partir do que Delouya (2001) e Fortes (2013) nos trazem, é interessante relacionar esta ideia da dor como possibilidade de conduzir o sujeito a uma apropriação do corpo, ressaltando a parte dolorida ao mesmo tempo em que a sua unidade corporal. É como se a dor localizada numa parte do corpo desse contorno e prova da existência desse corpo vivo,

que além de biologicamente vivo, pulsional, encarna o eu. A dor sentida através da provocação dos cortes pode ser entendida como sinal de vida, na medida em que seu corpo é estimulado por sensações, a começar pela visão do sangue escorrendo em sua pele que está em ‘carne viva’.

O “eu”, no entanto, afirma Freud em *O eu e o isso*, “é primeiro e acima de tudo um eu corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é ele próprio a projeção de uma superfície” (FREUD, 1923/1976, p. 40). Quando alguém se corta, é esse eu corporal e, por isso, pulsional, que é afetado, tem a pele cindida. Mas será que a cisão feita na pele traduz um abalo ou desintegração da unidade subjetiva desse eu corporal?

Enquanto não temos pistas que possam nos levar à resposta desta pergunta, o que sabemos, através das falas desses adolescentes, é o prazer que sentem no corpo através deste ato, pela descarga de uma parcela da pulsão sexual retida libidinalmente dentro do corpo, como vimos acima, representando assim o masoquismo erógeno. Chegamos neste momento a acreditar que é nesse corpo erógeno que a dor do corte ilustra a presença do masoquismo erógeno.

Partiremos a seguir com outras articulações teóricas, ainda aproveitando a narrativa desses sujeitos no ambiente escolar, para compreensão da relação daqueles que se cortam e sua forma singular de inscrição no campo do Outro.

Vislumbramos também apresentar um novo caminho possível da pulsão, através do apaziguamento da angústia pela via da fala e da escrita, através do trabalho com poesia falada.

### 3 – O SUJEITO QUE SE CORTA E O OUTRO

Pretendemos neste capítulo trilhar articulações teórico-clínicas, a partir dos textos de Freud e Lacan, assim como literaturas de outros autores, para compreender o sujeito que se corta e sua relação com o campo do Outro.

Se nos aproximamos da automutilação pelo masoquismo erógeno, é porque assim compreendemos que aquele que inflige dor em sua pele, assim o faz por uma peculiar espécie de satisfação autoerótica, já que estamos falando de um corpo erógeno.

Sendo assim, continuaremos o que introduzimos no capítulo anterior, com relação ao eu corporal, no que interessa na articulação teórica com a automutilação, para posteriormente introduzirmos aqui, o narcisismo.

Campos (2007), em seu texto *A imagem corporal e a constituição do eu*, transmite o que a psicanálise nos ensina com relação à constituição do sujeito. A autora lembra que é aos poucos que o bebê vai formando o seu esquema e sua imagem corporal. Traz, inicialmente, uma explicação acerca da importância do corpo na constituição do eu. O corpo é, acima de tudo, sua superfície, constitui o lugar onde as diferentes sensações se originam, internas ou externas, sejam elas de diferentes qualidades, mas que nos vão servindo de memórias.

Como estudamos no segundo capítulo, é nesse corpo exposto a sensações de diferentes tipos que as pulsões do eu se fazem presentes, desde o primeiro sugar do seio de sua mãe, ou seja, desde as primeiras experiências de contato com o seu corpo e com o corpo do outro, constituindo assim o percurso de desenvolvimento da libido e servindo de apoio para as pulsões sexuais.

As sensações de dor informam sobre os órgãos internos, e a descoberta sensorial do seu corpo e seus contornos vai se dando de forma progressiva. Na constituição do sujeito, o ser bebê, inicialmente, confunde aquilo que faz parte do seu próprio corpo com outros corpos e objetos externos ao seu, como quando morde seu pé e mão até sentir dor, ou suga e morde o seio da mãe como se dele fosse. O reconhecimento de si e do rosto da mãe se dá por um longo processo. Como aponta Lacan, aquele que cuida da criança serve de continente e incorporações imaginárias num estilo de destruição.

O mundo da criança, diz-nos Melanie Klein, produz-se a partir de um continente – seria o corpo da mãe – e de um continente do corpo dessa mãe. Ao longo do processo das suas relações pulsionais com esse objeto privilegiado que é a mãe, a criança é levada a proceder a uma série de relações de incorporações imaginárias. Pode morder,

absorver o corpo da sua mãe. O estilo dessa incorporação é um estilo de destruição. (LACAN, 1953-1954/1975, p. 98 e 99)

Continuando com Campos (2007), a autora afirma que o primeiro esboço do eu será constituído a partir do sexto mês, quando a criança começa a demarcar a totalidade do seu corpo. Este é um longo processo, do sexto ao décimo oitavo mês de vida, que se caracteriza, sobretudo, pela imagem no espelho. Ressalta o fato de que antes mesmo de a criança falar e andar, sendo assim imatura e dependente, já começa a formar uma imagem conjunta do seu corpo, sendo possível se reconhecer no espelho.

O bebê que até então só percebe as partes do seu corpo, no espelho pode ver o seu rosto. Inicialmente o rosto que o bebê vê no espelho é outro, daquele outro que o alimenta, o nomeia, interpreta suas reações e apelos. Somente num segundo tempo o bebê é capaz de se reconhecer. Ou seja, vê primeiro o outro, depois o outro que é ele mesmo, criando assim um jogo de alternância eu-outro.

Lacan, no Seminário 1, *Os escritos técnicos de Freud* (1953-1954), traz elaborações interessantes com relação ao estágio do espelho e que podem contribuir na reflexão da dinâmica psíquica daqueles que se cortam.

O espelho que inventei mostra, pois, que, se estivermos colocados num ponto muito próximo da imagem real, podemos, não obstante, vê-la num espelho, no estado de imagem virtual. É o que se produz no homem. O que é que resulta disso? Uma simetria muito particular. Com efeito, o sujeito virtual, reflexo do olho mítico, quer dizer, o outro que somos está lá onde vimos inicialmente o nosso eu – fora de nós, na forma humana. [...] Aquilo que o sujeito, que existe, vê no espelho, é uma imagem, nítida ou bastante fragmentada, inconsistente, descompletada. Isso depende da sua posição em relação à imagem real. Muito nas bordas, vê-se mal. Tudo depende da incidência particular do espelho. É só no cone que se pode ter uma imagem nítida. (LACAN, 1953-1954/1975, p. 164)

A constituição do eu não pode ser concebida de forma tão linear e completa como trouxemos inicialmente, de forma didática. Dito isto, Lacan afirma que a imagem do corpo, se a situamos no nosso esquema, é como o vaso imaginário que contém o buque de flores real. Aí está como nos podemos representar o sujeito anterior ao nascimento do eu e o surgimento deste. (LACAN, 1953-1954/1975, p. 96)

O eu corporal, que é formado inicialmente pela unidade do esquema corporal, é, ainda, uma virtualidade, podendo ser nítida ou despedaçada, dependendo da posição que o espelho se encontra em relação à imagem real. Podemos entender, então, que, sendo essa imagem especular um arquétipo de si, ela não pode ainda ser chamada de eu. “O estágio do espelho, eu o tenho frisado, não é simplesmente um momento do desenvolvimento. Tem também uma

função exemplar, porque revela certas relações do sujeito com a sua imagem, enquanto *Urbild* do eu.” (LACAN, 1953-1954/1975, p. 91)

Campos (2007) ressalta que, em Freud, o eu corporal, por sua vez, é constituído por aquela parte que se diferenciou do isso: pulsões parciais dirigidas inicialmente para o próprio corpo (autoeróticas), antecedendo o eu propriamente dito que depois se torna narcísico (dirigidas para o próprio eu).

Voltando com Lacan, é o estágio do espelho que permite, através da unidade corporal refletida no espelho, que a criança se situa entre o que é o eu e o que não é o eu, vai dando contorno no caos do corpo experienciado primitivamente, que foi inaugurado por uma fragmentação, por uma inconsistência.

Supomos na origem todos os issos, objetos, pulsões, desejos, tendências etc. É, pois, a pura e simples realidade que não se delimita em nada, que não pode ser ainda objeto de nenhuma definição, que não é nem boa, nem má, mas ao mesmo tempo caótica e absoluta, original. É o nível ao qual Freud se refere em *Die Verneinung*, quando fala dos julgamentos de existência - ou bem é, ou bem não é. E é aí que a imagem do corpo cria ao sujeito a primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é do eu. (LACAN, 1953-1954/1975, p. 96)

A prática da automutilação trata do corte na pele como um recurso bastante rudimentar para o apaziguamento da angústia, porque é preciso se ver partida, e sentir dor física. Estariam esses sujeitos anunciando uma fragilidade enquanto sujeito, como aquele bebê desamparado e despedaçado, alienado na imagem especular de um outro através do espelho? É, assim, atingido naquilo que há de mais primitivo na constituição do eu, que é o seu eu corporal? A imagem e unidade desse corpo são afetadas pela angústia do Real, não se trata de uma virtualidade, apesar de incidir no imaginário. É preciso se cortar no real para delimitar limites imaginários entre o eu e o outro? Ou para marcar uma inconsistência, um desamparo, uma fragmentação já existente? Pensando nessas interrogações seguimos neste percurso de estudo e investigação, com a finalidade de esclarecê-las, em alguma medida.

Vindo do estágio do espelho, seguimos no registro do imaginário passando agora a refletir sobre o narcisismo, partindo de Freud, e depois para algumas elaborações de Lacan.

Freud, no texto *Narcisismo: uma introdução* (1914), conceitua inicialmente o narcisismo como a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma que trataria o corpo de um objeto sexual, seja contemplando, acariciando, até obter satisfação completa através dessas atividades. Ali, o criador da psicanálise ressalta que estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao eu não pode existir no indivíduo desde o começo, o eu tem de ser desenvolvido. As pulsões autoeróticas, contudo, ali se encontram desde o início,

sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo - uma nova ação psíquica - a fim de provocar o narcisismo. (FREUD, 1914/1974, p. 92 e 93)

Nesse sentido, Lacan lembra-se da utilidade da concepção do estágio do espelho, da importância do olhar, e vem a tratar da questão dos dois narcisismos. Afirma que há um narcisismo que se relaciona à imagem corporal, é na medida em que é um homem e não um cavalo.

*A Urbild*, que é uma unidade comparável ao eu, constitui-se no momento determinado da história do sujeito a partir do qual o eu começa a assumir suas funções. Isso equivale a dizer que o eu humano se constitui sobre o fundamento da relação imaginária. A função do eu, escreve Freud, deve ter *eine neue psychische... Gestalt*. No desenvolvimento do psiquismo aparece algo cuja função é dar forma ao narcisismo. Não será marcar a origem imaginária da função do eu? [...] Ela faz a unidade do sujeito, e nós a vemos se projetar de mil maneiras, até no que se possa chamar a fonte imaginária do simbolismo, que é aquilo através de que o simbolismo se liga ao sentimento ao *Selbstgefuhl*, que o ser humano, o *Mensch*, tem do seu próprio corpo. Esse primeiro narcisismo se situa, se vocês quiserem, ao nível da imagem real do meu esquema, na medida em que ela permite organizar o conjunto da realidade num certo número de quadros pré-formados. (LACAN, 1953-1954/ 1975, p. 136 e 137)

No homem, ao contrário, a reflexão no espelho manifesta uma possibilidade noética, original, e introduz um segundo narcisismo. O seu *pattern* fundamental é imediatamente a relação ao outro. (LACAN, 1953-1954/1975, p. 148)

Esclarecendo, então, sobre o segundo narcisismo, Lacan nos mostra que é através da identificação imaginária ao outro que é visto no espelho que a constituição do eu começa a se constituir, é por esse outro que eu me identifico, mas me identifico narcisicamente. É esse outro visto pela imagem do espelho, na virtualidade, como perfeito e completo, que vai dando consistência ao eu infantil, outrora despedaçado.

Assim como a criança se vê completa através do espelho, ela também assim considera aquele outro – que não é a sua imagem, mas a imagem da sua mãe ou de algum outro, em função do narcisismo, igualmente completo. O que a criança não sabe, de início, é que, ao longo do tempo de vida, ela vai se dar conta de que esse outro é partido, dividido, incompleto, igualmente a ela. Esta noção nos servirá de compreensão para relação daqueles que se cortam com o campo do Outro. É dessa relação de identificação narcísica, porém incompleta e insatisfatória, que aponta ao sujeito à castração e a emergência de se haver com isso.

A identificação narcísica – a palavra identificação, indiferenciada, e inutilizável –, a do segundo narcisismo, é a identificação ao outro que, no caso normal, permite ao homem situar com precisão a sua relação imaginária libidinal ao mundo em geral. (LACAN, 1953-1954/ 1975, p. 148)

Freud, em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), relaciona as experiências dolorosas do interesse pela vida e ao desinvestimento libidinal.

É do conhecimento de todos, e eu o aceito como coisa natural, que uma pessoa atormentada por dor ou mal-estar orgânico deixa de se interessar pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem sobre seu sofrimento. Uma observação mais detida nos ensina que ela também retira o interesse libidinal de seus objetos amorosos: enquanto sofre, deixa de amar. A banalidade desse fato não justifica que deixemos de traduzi-lo nos termos da teoria da libido. Devemos então dizer: o homem enfermo retira suas catexias libidinais de volta para seu próprio eu, e as põe para fora novamente quando se recupera. (FREUD, 1914/1974, p. 98)

Este comentário de Freud ilustra bem o que se passa na vida psíquica daqueles que se cortam, pelo desinvestimento libidinal na vida, seja nos estudos, seja na relação familiar e social. O afastamento/isolamento, principalmente da relação com suas mães e o silêncio, são muitas vezes vivenciados por esses adolescentes de maneira que o investimento libidinal narcísico se faz existente, ou até mesmo, necessário.

A reflexão sobre o narcisismo nos leva ao estudo do texto *Luto e Melancolia* (1917) quando Freud traz uma comparação entre dor e luto e o que ocorre com o investimento libidinal. Afirma que é dolorosa a disposição para o luto, que uma situação de perda promove intensa excitação dolorosa. Durante a vida, o sujeito passa por lutos/perdas que provocam experiências de dor. Desse entendimento sobre a dor do luto, podemos estender no sentido da dor do luto por diferentes perdas, sejam elas da própria realidade, como morte de alguém, sejam elas simbólicas e imaginárias que ocorrem ao longo da vida.

Estamos falando de uma ferida na identificação narcísica do sujeito com os significantes do Outro, experienciada na infância, quando o seu desejo era alienado ao desejo do Outro. É sobre o sofrimento advindo da perda de uma relação imaginária de amor, primeiramente de suas mães, como foi possível observar na narrativa desses adolescentes no ambiente escolar. Esses sujeitos que se cortam sentem a dor do luto, de forma tão intensa que parece se aproximar até mais daquilo que podemos chamar de melancolia – o que trataremos no próximo subcapítulo.

### 3.1 O adolescente e sua mãe: entre lutos e cortes

Debruçamo-nos no estudo das questões advindas da relação mãe e filho neste momento de passagem/corte da infância para a adolescência e para a vida adulta. É sobre essa travessia, por vezes marcada por lutos, ato e angústia, que iremos tratar aqui.

Alberti (2004) configura a adolescência como um período de vida que envolve um longo trabalho de elaboração de perdas e de escolhas, onde o sofrimento e a angústia fazem parte desse processo. O adolescente se depara com grandes transformações, como as do corpo, e a perda de referências, que o chama a assumir suas próprias escolhas, encontrando um jeito singular de ser e estar no mundo. A autora também enfatiza que esse crescimento implica lidar com algumas dores, como, por exemplo, a perda do corpo infantil e dos pais idealizados, das incertezas advindas do compromisso com novas responsabilidades e da insegurança que estas imposições geram. O adolescente encontra-se no momento de desempenhar novos papéis sociais e sexuais, e isso não se faz sem a elaboração de perdas ou lutos.

[...] Convocado a responder na posição de responsável por seus atos, o (a) adolescente entra em crise devido a dificuldade de se situar a partir desse novo lugar, ou dito de outra forma, a adolescência é o momento psíquico no qual o jovem busca construir essa nova posição subjetiva. (MEES, 2004, p. 21).

Os psicanalistas argentinos Arminda Aberastury e Mauricio Knobel (1992) também abordam os lutos vividos no adolescer, no livro *Adolescência Normal*. Os autores destacam três lutos fundamentais nesse período de vida: o luto pelo corpo infantil perdido; o luto pelo papel e identidade infantil, e com isso uma renúncia da dependência dos pais e a imposição das responsabilidades; e, por fim, o luto pelos pais da infância.

O luto pelo corpo infantil perdido traz ao adolescente o encontro com as modificações corporais impostas a ele, com a chegada da puberdade e tudo aquilo que isto possa representar, de maneira tal que nada pode fazer para impedir tal acontecimento.

Com relação ao luto do corpo infantil, Ferreira e Ravassio (2017) apontam que, na adolescência, a noção de corpo e imagem corporal, aparece como o momento em que se faz a passagem do corpo pulsional de representação infantil para um corpo pulsional que inclua o exercício de uma posição sexuada. Momento que implica também uma passagem do olhar materno para o olhar do Outro sexo, o qual está relacionado com o desejo e a erotização.

O adolescente se vê na tarefa de efetuar o luto pelo papel e pela identidade infantil que o obriga a uma renúncia da dependência e a uma aceitação de responsabilidades que muitas

vezes desconhecem. Como vimos na citação acima, a perda do papel e identidade infantil coloca esse sujeito diante de uma nova posição subjetiva na vida e nos relacionamentos, principalmente com relação aos pais. Esta passagem ocorre entre momentos nos quais o sujeito age ora com independência, ora com dependência, constituindo um processo onde a ambivalência está sempre presente.

A idealização dos pais da infância está em decadência, de forma que os filhos necessitam realizar mais esse luto, sendo ao mesmo tempo tão necessário e importante na travessia desses sujeitos. Estes pais, outrora tidos como aqueles com quem podem contar para seu refúgio e proteção, vão se distanciando deste lugar. Vão sendo vistos como quem também tem fragilidades, faltas e angústias.

O que complica este luto, segundo Aberastury e Knobel (1992), é a própria dificuldade dos pais em reconhecer o seu envelhecimento e o fato de que seus filhos já não são crianças, mas adultos, ou estão em vias de ser.

Entrar no mundo adulto, que é tão desejado ao mesmo tempo em que é tão temido, significa para o adolescente a perda definitiva da sua condição de criança. Como já foi explicitado, este tempo de vida flutua entre uma dependência e uma independência extrema, que só a maturidade lhe permitirá exercitar sua independência com uma porção devida de dependência na convivência com os outros.

Este tempo é frequentemente visto ou confundido como crítico e até mesmo patológico, tendo em vista as possíveis expressões de embaraço diante de si mesmo e dos outros. É um período de contradições, confusões e ambivalências de sentimentos e humor. Tanto as modificações corporais incontroláveis como os imperativos do mundo externo que exigem do adolescente novas pautas de convivência são vistos no começo como uma invasão.

Assim como acontece com os filhos, os pais vivem o luto pelo corpo infantil do filho, sua identidade de criança e sua relação de dependência. Estes pais agora são julgados por seus filhos, postos de lado, assim como confrontados e desafiados por eles.

O adolescente que cria certo desprezo frente ao adulto tem na desidealização das figuras parentais aquilo que pode afundá-lo no mais profundo desamparo. O desprezo frente ao adulto é uma defesa necessária para esse desprendimento. Nesse momento de vida e de relação também é marcado por um abismo entre pais e filhos, de maneira que o diálogo parece enfraquecer, as lutas e o ressentimento entre gerações é uma realidade. Esse desprezo necessário frente ao adulto é bem ilustrado no relato de **R**, quando se referiu ao pai como aquele que tem *cabeça fechada e é ridículo*.

Estes pais precisam deixar seus filhos crescerem, favorecer esse desprendimento de tal modo que os filhos venham a seguir suas vidas com liberdade e segurança. Desta forma, aos pais o luto é igualmente imposto, é necessário que se façam uma renúncia. Juntamente com esta renúncia, os pais lidam com a chegada da velhice, as doenças, o isolamento e a morte. O caso de **J** ilumina esta ideia, quando sua mãe nos relata sua dificuldade em lidar com o crescimento da filha, que está com 13 anos e, inclusive, já namorou. Sua mãe diz: - *Sim, eu a deixo trazer as amiguinhas aqui em casa, elas brincam...*

Os lutos dessa travessia adolescente detonam nesses sujeitos um desejo paradoxal, cheio de ambivalência e sentimentos antagônicos dirigidos às figuras maternas e paternas. Assim como ocorre normalmente na adolescência, a escuta daqueles que se cortam coloca em relevo as operações de alienação e separação.

Existe algo da relação com esses outros representados pelas figuras maternas e paternas que encarnam o lugar do grande Outro na posição subjetiva desses sujeitos. Eles se mostram fragilizados, com dificuldade de enlaçar ao simbólico esse Real que os invade e os submete. Seguindo esta compreensão, trazemos novamente o caso de **J**, através do discurso de sua mãe, quando diz que sua filha se negou a ir para a casa dos avós e assim o fez “dando um ataque”. A mãe diz: - *“Ela começou a berrar e a se arranhar toda nos braços, bem na minha frente! Ela é boazinha, geralmente me obedece, foi por isso que me preocupei, achei a reação dela muito inusitada e descontrolada.”* Estes enunciados são bastante esclarecedores, no sentido de apontar a posição subjetiva desta adolescente, expressa pela tamanha dificuldade de fazer valer suas próprias decisões ou de ser acolhida podendo expressá-las naturalmente, o que nos leva a considerar o impacto do tratamento “castrador” de sua mãe. A esta adolescente, foi necessário *um ataque*, ou *se arranhar* para lidar com esta submissão ao campo do Outro e a invasão do desejo de sua mãe.

As operações de alienação e separação, concomitantes na vida dos sujeitos, são bem ilustradas nesta relação mãe e filha, de forma visceral, seja pela obediência cega, seja pelas tentativas de separação através de seus atos agressivos. Como sua mãe diz *“ela é boazinha, geralmente obedece... por isso estranhei a reação”*. Esta jovem vive – *entre* – posições subjetivas ambivalentes, *entre* ser boa e má, *entre* obedecer e desafiar, *entre* alienar e separar, e, por fim, *entre* um corte e outro.

Como já mostramos anteriormente no estudo do masoquismo, a narrativa desses adolescentes gira, muitas vezes, em torno dos significantes ‘*raiva*’ e ‘*culpa*’, muito próximos na cadeia. Como a adolescente **A**, que nos diz: *“Antes eu socava a parede, mas agora resolvi me machucar”*. Lemos que a pulsão de destruição, tanto para fora do seu corpo quanto para

dentro do próprio eu, responde à tentativa deste sujeito de se separar do outro, sendo preciso um ato de agressividade, um ato radical.

Na origem, antes da linguagem, o desejo só existe no plano da relação imaginária do estado especular, projetado, alienado no outro. A tensão que ele provoca é então desprovida de saída. Quer dizer, não tem outra saída - Hegel nos ensina - senão a destruição do outro. [...] O desejo do sujeito só pode, nessa relação, se confinar através de uma concorrência, de uma rivalidade absoluta com o outro, quanto ao objeto para o qual tende. E cada vez que nos aproximamos, num sujeito, dessa alienação primordial, se engendra a mais radical agressividade - o desejo do desaparecimento do outro enquanto suporte do desejo do sujeito. (LACAN, 1953-1954/1975, p. 198)

Continuamos a questionar se estes adolescentes atuam através dos cortes na pele na tentativa de romper com a alienação ao significante do grande Outro, ou atuam de forma a marcar/reforçar essa alienação. Talvez seja este o grande paradoxo que está em jogo na prática da automutilação, porque o sujeito não está numa posição ou em outra, ele está, ao mesmo tempo, numa posição e em outra. Assim como vimos no decorrer desta dissertação com o complexo conceito da pulsão, que é aquilo que está *entre* o psíquico e o somático, assim é a complexa dinâmica desta prática dos cortes.

Se alienação e separação são operações concomitantes, podemos supor que o desejo desses sujeitos também expressa esse conflito, esse paradoxo que está *entre* os cortes, entre alienação e separação.

Ainda aproveitando o que Lacan nos traz, sabemos que o estágio do espelho marca a posição alienante do sujeito diante do Outro, não se constituindo ainda como sujeito, já que são os outros – primordialmente àquela figura que cuida, que o mantém vivo, que fala sobre ele e por ele. No entanto, já não estamos nos referindo ao bebê alienado à imagem especular do outro, completo pela imagem e pelo desejo do Outro. Eis, aqui, o sujeito adolescente que passa a se confrontar com o preço que deve pagar pela perda do ‘eu infantil’, tão necessário para que o sujeito possa advir, afastando-se de algum modo do desejo do Outro, seguindo em busca do seu próprio desejo.

Dr. Leclaire: - Ele diz: - Sua Majestade a criança. A criança é o que fazem dela os pais na medida em que aí projetam o ideal. [...] O narcisismo parece desviado para o seu novo eu ideal que se encontra em posse de todas as preciosas perfeições do eu, como o eu infantil. O homem mostrou-se incapaz, como sempre, no domínio da libido, de renunciar a uma satisfação uma vez obtida. Freud emprega pela primeira vez o termo eu ideal na frase – e para esse eu ideal que vai agora o amor de si, de que gozava, na criança, o verdadeiro eu. Mas diz em seguida – Ele não quer renunciar à perfeição narcísica da sua infância; e (...) procura reganhá-la na forma nova do seu ideal do eu. Figuras, pois, aqui, os dois termos: eu ideal e ideal do eu. (LACAN, 1953-1954/1975, p. 156)

Retornando com Aberastury e Knobel (1992), os autores afirmam que o adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas que se deve aos processos de identificação e de luto que tenha podido realizar. O adolescente, na medida em que tenha elaborado os lutos que são em última instância os que levam a identificação adolescente, verá seu mundo interno mais fortificado e então esta normalidade será menos conflitiva e menos perturbadora.

Contudo, o que vemos na clínica da automutilação nos leva a duvidar se a dor que sentem pode ser compreendida tão somente pelos lutos desse momento peculiar da vida, que é a adolescência, ou se aproxima-se de uma experiência de dor mais temerária, de caráter melancólico.

Passamos agora a definir luto e melancolia, a fim de avançar nesta interrogação. Retomaremos o texto de Freud, *Luto e Melancolia* (1917), já trabalhado nesta dissertação, porém a partir de outro ângulo, que dentre outras considerações sobre o luto, traz a seguinte definição abaixo.

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; por conseguinte, suspeitamos de que essas pessoas possuem uma disposição patológica. Também vale a pena notar que, embora o luto envolva graves afastamentos daquilo que constitui a atitude normal para com a vida, jamais nos ocorre considerá-lo como sendo uma condição patológica e submetê-lo a tratamento médico. Confiamos em que seja superado após certo lapso de tempo, e julgamos inútil ou mesmo prejudicial qualquer interferência em relação a ele. (FREUD, 1917/1974, p. 275 e 276)

Com relação ao estudo da melancolia neste texto, Freud nos fornece uma contribuição valiosa para o avanço de nossa investigação acerca dos traços mentais comuns aos nossos adolescentes que vivenciam o drama da automutilação.

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. (FREUD, 1917/1974, p. 276)

Sabemos que há semelhanças entre luto e melancolia, mas como já podemos observar nas definições acima, o trabalho do luto se difere daquele que ocorre na melancolia. Freud afirma que o trabalho do luto se conclui, de forma que o eu fica livre e desinibido outra vez. Avança dizendo que a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetal retirada

da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda. (FREUD, 1925/1974, p. 278)

A diferença consiste em que a inibição do melancólico nos parece enigmática porque não podemos ver o que é que o está absorvendo tão completamente. O melancólico exhibe ainda uma outra coisa que está ausente no luto - uma diminuição extraordinária de sua auto-estima, um empobrecimento de seu eu em grande escala. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio eu. O paciente representa seu ego para nós como sendo desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível; ele se repreende e se envilece, esperando ser expulso e punido. (FREUD, 1925/1974, p. 278)

Na melancolia, ocorre, então, um movimento de mortificação e de ataque ao eu, por meio do qual este adentra um processo de degradação. A insatisfação com o eu é presente na melancolia. O negativismo se remete ao sujeito como desprovido de valor, com as mais variadas formas de autoacusação, desapontamento, desânimo pela vida, e sentimento de incompetência.

O melancólico ama um objeto que não existe mais, cuja sombra se projeta no eu, por ter se identificado com o objeto a, o objeto perdido – conceito este desenvolvido por Lacan e que abordaremos a seguir. Parece, assim, aprisionado, alienado ao Outro. Estariam os cortes à serviço de uma tentativa de separação desta identificação narcísica, apelando ao recurso da concretude, ou estaria simplesmente à serviço da própria melancolia? Eis aqui mais um paradoxo relacionado a esta trama, a este jogo da automutilação.

No *O Seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963/2005), Lacan destaca o elo do sujeito enlutado com o objeto perdido, que chama de *objeto a*. Lembra que, em Freud, o sujeito do luto tem a tarefa de consumir pela segunda vez a perda do objeto amado. No entanto, Lacan traz o trabalho do luto como um processo ao mesmo tempo idêntico e contrário, que é realizado para manter e sustentar os vínculos de ligação com o verdadeiro objeto da relação, o objeto mascarado, o objeto a.

A experiência de escuta da narrativa desses adolescentes no ambiente escolar nos possibilita identificar esse caráter melancólico, mesmo que não estejamos classificando-os estruturalmente, mas seja pelo profundo desinvestimento na vida social, pela depreciação de si mesmo, pelos sentimentos de culpa e, por fim, pelos atos de autoagressão.

Podemos também localizar na fala desses sujeitos, uma referência à perda do objeto, ilustrada, por exemplo, como **I**: “*a minha mãe gosta mais da minha irmã*”, ou na fala de **H**, “*minha mãe mudou comigo, não gosta mais de mim como quando eu era criança...*”

É desse objeto, desse amor – o perdido, que poderíamos dizer ‘cortado’, que estes sujeitos lamentam. É sobre aquela mãe perfeita e amada de quando eram crianças que eles

falam, e que, hoje, não existe mais. Nestes relatos há um apelo, mesmo que implícito, ao retorno desse objeto amado, já que a repetição dessas falas pode ser interpretada pela insistência em se referir a essa perda, o que é expresso e confirmado pelos sentimentos de tristeza e ressentimento.

Cabe ressaltar a maior incidência da prática da automutilação entre meninas, o que impõe alguns atravessamentos a esses sujeitos com tudo que envolve o feminino, assim como a relação com suas mães, como observamos através da narrativa desses adolescentes no ambiente escolar. Nesse sentido, traremos algumas reflexões partindo de outras literaturas que se debruçaram na questão da relação mãe e filha, longe de pretender aprofundar nesta questão.

Para Silva et al. (2022), a psicanálise lacaniana refere-se à posição “feminina” sem equivaler necessariamente à “mulher”, de maneira que a posição feminina é apenas um dos efeitos decorrentes da sexuação dos sujeitos homens e mulheres. Os autores destacam que, para Lacan, o sujeito feminino não aceita de forma tranquila a castração, por apresentar dolorosamente a devastação na mulher, que em sua relação com a mãe parece esperar mais substância do que espera do pai.

Nesse sentido, Soler (2012) afirma que a mãe intervém ao nível do corpo, como primeiro agente, chamando-a de polícia do corpo, ordenando a ele “[...] onde metê-lo, o que fazer com ele, ali onde ele não deve estar” (SOLER, 2012, p. 187).

Além disso, existe para os sujeitos femininos outro gozo, o não-todo fálico (LACAN, 1972-1973/2008), que pode estabelecê-la na posição de objeto e levá-la ao aniquilamento como sujeito.

O ato de se mutilar e se cortar apresenta-se mais comumente em meninas, pois ao se enfrentar o encontro traumático com o outro sexo, evidencia a falta fálica marcada no imaginário do corpo. Ainda, nesse sentido, entende-se que o cruzamento do feminino com a adolescência justifica a maior incidência da prática do *cutting* em adolescentes do sexo feminino (DIAS, 2019, p. 68)

Cedaro e Nascimento (2013) comentam que a mãe é o ser absoluto que suscita sentimentos inconscientes, logo inconfessos, de amor-ódio. Lembram que Lacan, em *O aturrido* (1973), afirma que a relação mãe-filha é sempre devastadora, pois o lugar da maternidade é o desejo da mãe: “O papel da mãe é o desejo da mãe. É capital. O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar sua bocarra. O desejo da mãe é isso”. (LACAN, 1969-1970/2002, p. 105)

Desta forma, a maternidade expressa um poder que corresponde a um Outro primordial, absoluto, cuja função é suprir todas as necessidades básicas desse ser totalmente dependente

dela. Lacan afirma que a criança se encontra numa relação desigual, numa relação de poder. Quem faz a maternagem sentencia sobre tudo o que se refere à existência e às necessidades do filho. Usando as palavras de Soler (2005), a criança se torna uma boneca erótica “com que gozar e a que fazer gozar” (p. 93). A devastação materna se sustenta também na força da fala e seus enigmas. Ao sujeito, que ainda é um mero objeto da opacidade desse gozo, resta interrogar, ou tentar adivinhar, o que se quer dele, ou seja, tentar decifrar o indizível do desejo desse Outro primordial. Em outras palavras, “significar, além de seus ditos, através de suas contradições, seus silêncios, seus hiatos ou seus equívocos, tudo o que ela não diz, mas dá a entender aos seus ouvidos atentos” (SOLER, 2005, p. 95).

Para impedir que a criança seja devorada (ou devastada), Lacan (1963/1986) propõe que é preciso a entrada do Nome-do-Pai – a necessária intervenção de uma metáfora que ocupe a função paterna, interditando a alienação ao gozo absoluto, oferecido pela maternagem. “Não se trata apenas em falar em interdições, mas simplesmente de uma dominância da mulher na condição de mãe... os meios de gozo são abertos pelo seguinte princípio – que ele tenha renunciado ao gozo fechado e alheio, à mãe” (LACAN, 1969-1970/2002, p. 73 e 74).

Em relação à angústia frente à dificuldade de separação da menina com a mãe, como pontuamos anteriormente, traduzindo a fala desses adolescentes com quem pudemos conversar, vemos aqui presentificar o apelo pelo retorno do amor de sua mãe – a da infância, e o lamento por essa perda. Nesse sentido, Costa afirma que “o corte compulsivo da pele faz referência a um objeto que não cai” (COSTA, 2015, p. 116).

Trata-se aqui dos objetos que pertencem ao corpo da mãe, sendo que os casos de automutilação/cutting apontam para as dificuldades de colocar limites na relação com a mãe, constituída como excesso. Os cortes se apresentam como tentativas de produzir bordas corporais na relação do eu com o Outro, mesmo que isso se apresente como uma agressividade ao próprio corpo. Além disso, tais casos também podem ser entendidos como uma tentativa reiterada de inscrição do traço unário sobre a pele, uma vez que os cortes aparecem como um recurso que essas adolescentes encontram para escrever no corpo isso que é impossível de simbolizar, como “uma busca do sujeito pela escrita de um ponto inapreensível” (COSTA, 2015, p. 113)

Essa renúncia ao gozo fechado, e alheio à mãe, pode ser observada no discurso destas meninas na escola. Podemos também observar raras referências ao pai, de forma que nada é dito a respeito dele, ou, se é dito, é no lugar de um hiato, na forma de silêncio.

O lugar do pai na vida desses sujeitos vem provocando em nós algumas interrogações. Mas como sabemos que a metáfora paterna faz sua intervenção/interdição inclusive através da palavra da mãe, sem que haja necessariamente relação com a figura presente do pai na vida do filho, não cabe nesse trabalho pretender investigações a esse respeito. Mas seria viável, talvez e tão somente, supor que a metáfora paterna, como possibilidade de separação da criança desta

relação dual e desigual com mãe, com a entrada da inscrição de um significante terceiro, não vem a ser suficientemente exercida através da linguagem e através destas mães.

Nesse sentido, Cedaro e Nascimento (2013) escrevem que na falta de um corte paterno/metáfora paterna, que as colocaria fora da relação simbiótica e devastadora com a mãe, são estas meninas que se cortam.

Seguindo nesta linha de raciocínio a respeito da complexidade desta relação mãe e filho, a série *Sharp Objects* (Objetos Cortantes), inspirada no livro de Gillian Flynn, apresenta uma narrativa que, apesar de ficcional, traz similaridade com a realidade pela devastadora relação mãe e filha; o que é muito comum nos casos de adolescentes que apresentam questões como a automutilação.

Tanto na série como no livro, alguns elementos nos permitem supor que Adora é uma mãe que sofre de uma patologia chamada de Síndrome de Munchausen por procuração. A literatura diz que, nesta síndrome, abusos físicos são provocados intencionalmente de modo que, através de doenças, estes filhos necessitem dos cuidados maternos. A intenção é chamar atenção para si, com a imagem de uma mãe atenciosa e protetora.

A síndrome de Munchausen por procuração é um tipo de abuso infantil, em que um dos pais, geralmente a mãe, simula sinais e sintomas na criança, com a intenção de chamar atenção pra si. Como consequência, a vítima é submetida a repetidas internações e exposição a exames e tratamentos potencialmente perigosos e desnecessários, gerando sequelas psicológicas e físicas, podendo levar a morte. (FERRÃO<sup>2</sup>; NEVES<sup>3</sup>, 2013, p. 179)

Obviamente que não é preciso que uma mãe tenha essa síndrome para se relacionar com o filho de forma a fragilizá-los, tendo em vista os relatos dos adolescentes trazidos neste trabalho. O que nos interessa aqui não é entrar numa discussão sobre patologias, mas extrair o que está por traz do comportamento desta mãe, que, em alguma medida, se assemelha ao comportamento de outras mães cujo diagnóstico não carregam.

Esta mãe agia de forma a se satisfazer narcisicamente através do cuidado às mazelas provocadas por ela mesma em suas filhas, de tal modo que podia sentir-se engrandecida como uma mãe ideal. Entretanto, esse cuidado não passa de uma violência velada, de modo que o corpo da filha é seu objeto de satisfação pulsional sádica. A intenção é criar uma dependência extrema de maneira a fragilizar o filho e não fortalecê-lo.

---

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências e Tecnologias da Saúde e Bem-Estar – Especialidade Enfermagem.

<sup>3</sup> Doutora em Enfermagem – Ciências da Saúde na Universidade de Brasília.

Camille, a personagem principal, é a filha preterida, intensamente atacada pela mãe por palavras com intuito de magoá-la. Adora, sua mãe, inclusive chega a dizer que nunca conseguiu amá-la. A personagem, que sofre violência por parte desta mãe, também comete atos violentos contra si mesmo, colocando-se em risco com uso abusivo de álcool e a prática da automutilação. Assim como no jogo automutilatório, a relação sadomasoquista está presente nessa história.

Diferente das outras irmãs, ela conseguiu fugir da sua convivência, rompendo como pôde com essa convivência dolorosa, mas não saiu ilesa. Seguiu sua vida longe da família, porém constantemente assombrada pelas lembranças, pela falta de amor e pelo fantasma desse “desejo” sombrio e invasivo de sua mãe. Começa a se automutilar na adolescência, prática esta que nunca conseguiu superar. O recurso ao corte foi a forma de apelo encontrada por Camille para lidar com sua profunda angústia e desamparo. Esta personagem, em questão, inclusive escrevia palavras na pele, de modo a dar significado e fazer borda ao seu sofrimento.

Esta mãe – fictícia, também não está tão longe daquelas mães que foram relatadas através dos adolescentes no ambiente escolar, porque o que está por traz destas relações conturbadas, sindrômicas ou não, é o efeito que elas detonam nos filhos, que é sempre de devastação.

Considerando tudo que estudamos até então, podemos ver em Adora, assim como podemos ver nestas outras mães, a busca em manter o filho no lugar de falo, de objeto a tamponar sua falta, usando-o como boneca, servindo-a de puro gozo.

Dessa forma, mais uma vez nos aproximamos e reforçamos a hipótese de uma estrita ligação do sintoma de se cortar com aquela que exerce a maternagem.

Assim como diz o título deste subcapítulo “O adolescente e sua mãe: entre cortes e lutos”, consideramos que o apelo ao corte se impõe através dos lutos necessários deste momento de vida, pela ligação visceral com suas mães, e pelo conflito desses sujeitos *entre* o desejo de se separar e o desejo de se manter alienado ao desejo da mãe. Assim chegamos à interrogação do sujeito no Grafo do Desejo, quer seja, ao Outro primordial – sua mãe: *Che Vuoi?*

### **3.2 O corte como ato endereçado ao Outro: *Che vuoi?***

Já que foram vocês que tiveram a gentileza de me acionar hoje, não vejo por que não começaria a lembrar o tema hegeliano fundamental – o desejo do homem é o desejo do outro. (LACAN, 1953-1954/1975, p. 172)

Continuando com as reflexões acerca do desejo desses sujeitos que se cortam na relação com o desejo do Outro, trilharemos o caminho pela angústia e sua relação com o ato – neste caso, o de se cortar, longe de pretender construir uma causalidade visto que precisamos levar em consideração a especificidade de cada caso, mas refletir sobre a trama sintomática desses sujeitos.

Lacan afirma que antes que o desejo aprenda a se reconhecer - digamos agora a palavra - pelo símbolo, ele só é visto no outro. (LACAN, 1953-1954/1975, p. 197) O reconhecimento de si, se inicia no segundo momento do espelho, o da virada da criança, voltando seu olhar para aquele que aponta o seu rosto e diz: esse é você.

O desejo é, no sujeito humano, realizado no outro, pelo outro - no outro, como vocês dizem. Está aí o segundo tempo, o tempo especular, o momento em que o sujeito integrou a forma do eu. Mas só pode integrá-lo após um primeiro jogo de báscula em que trocou justamente o seu eu por esse desejo que vê no outro. Desde então, o desejo do outro, que é o desejo do homem, entra na mediatização da linguagem. É no outro, pelo outro, que o desejo é nomeado. Entra na relação simbólica do eu e do tu, numa relação de reconhecimento recíproco e de transcendência, na ordem de uma lei já inteiramente pronta para incluir a história de cada indivíduo. (LACAN, 1953-1954/1975, p. 206)

A fim de encontrar pistas que se aproximem da resposta deste momento da escrita – *che vuoi*, no que interessa àqueles que se cortam, estudaremos o que Lacan nos fala da relação da angústia com o desejo do Outro, como trabalha em seu seminário sobre a angústia, aproveitando, de algum modo, o Grafo do Desejo.

Lacan aponta que a pergunta ‘O que queres de mim?’ fica em suspenso entre os dois patamares do grafo, e o que está em jogo é a relação com o desejo e a identificação narcísica. Anuncia que o grafo servirá para apresentar onde se situa o desejo em relação a um sujeito, definido por sua articulação pelo significante, o que nos auxiliará na escuta desses sujeitos que se cortam.

O Grafo do Desejo pretende ilustrar a constituição do sujeito, como ele se apresenta dentro da análise e o lugar do analista. Lacan vai entender o grafo como uma estrutura, com elementos estáveis e estabelecendo a relação entre esses elementos. É também pelo Grafo do Desejo que observamos com quanta dualidade e paradoxo é construída a teoria psicanalítica, visto que o que tratamos em análise é o conflito psíquico.

Assim como observamos a dificuldade em localizar a pulsão, que é compreendida como situada no limite entre o psíquico e o somático, também é preciso tomar cuidado com a ideia de exterioridade e interioridade. O que é chamado como algo exterior ao sujeito, pode ser

facilmente questionado. A maneira como falamos do outro torna este outro internalizado. A dimensão do outro não é externa, ela faz parte da própria constituição do sujeito.

Sabemos que o Grafo do Desejo não deve ser compreendido de forma evolutiva, mas sim estruturalmente, através da relação entre os elementos que configuram o esquema. Nesse sentido, como vimos anteriormente nesta dissertação, as duas operações alienação e separação são concomitantes na vida do neurótico.

No segundo capítulo, apresentamos a teoria pulsional, de maneira que podemos neste momento colocar as pulsões do eu ou de autopreservação localizada no primeiro patamar do Grafo do Desejo, servindo de apoio para a formação das pulsões sexuais. As pulsões do eu fornecem experiências de prazer e desprazer desde quando somos bebês, desempenhando importante função em todas as fases do percurso de desenvolvimento da libido.

Aproveitaremos uma aula transmitida pelo *YouTube*, da professora da USP Michele de Romain Faria (2020), apresentando o grafo do desejo para articular com o que nos propomos estudar neste subcapítulo. Ela observa que no texto *Subversão do sujeito e a dialética do desejo* (1960/1998), Lacan localiza no primeiro patamar do grafo a submissão do sujeito ao significante, que é o significante do grande Outro. Define o *A* como um lugar que ele chama de tesouro dos significantes, de onde o sujeito vai recolher os significantes que marcam aquilo que o define.

Lacan posiciona o sintoma do lado do significante do outro. Trazendo para nossa experiência no campo educacional, este enunciado nos possibilita clarificar o sintoma, *o de se cortar*, que se liga ao significante do outro. Neste ponto já é possível nos aproximar da relação entre o sintoma da automutilação com o significante do outro, quer seja com o *objeto a*, o tesouro dos significantes que se relacionam com o desejo do outro. Estaria, então, o sujeito servindo de objeto do desejo do outro? Objeto do gozo do outro, de sua satisfação, sendo ao outro aquilo que lhe falta, como objeto da pulsão?

Continuemos na busca de compreender a relação deste sintoma com o desejo do Outro. Desta forma, saber o que o outro quer não é assim tão simples. Lacan mostra que o desejo do outro é um enigma para o sujeito. Saber qual significante me diz o que ele quer, e o que lhe falta, não é algo definido. Assim como nosso próprio desejo é paradoxal, conflitivo, o do outro também é. Como diz Lacan, na citação abaixo, sobre chegar ou não a um desejo amadurecido.

[...] O seu desejo, ao contrário, não está constituído. O que o sujeito encontra no outro é, inicialmente, uma série de planos ambivalentes, de alienações do seu desejo – de um desejo ainda em pedaços. Tudo que conhecemos da evolução pulsional nos dá o esquema disso, porque a teoria da libido em Freud é feita da conservação, da

composição progressiva de um certo número de pulsões parciais, que conseguem ou não chegar a um desejo amadurecido. (LACAN, 1953-1954/1975, p. 173 e 174)

A pergunta *Que choi?* é uma pergunta enquanto desejo, que é o enigma do desejo do Outro, e representa o primeiro significante do sujeito. O apelo a esta pergunta se faz necessária porque o que ‘eu sou’ não é completamente respondida no primeiro patamar do grafo.

No segundo patamar, surge o resto da significação significante, aquilo que escapa, que mostra o furo da linguagem. O esforço do sujeito para se definir pelo significante do Outro não se esgota, sobra um resto, algo fica de fora da significação. Este desejo ‘enquanto pergunta’ joga o sujeito para o segundo patamar, e introduz a verdade do outro como sujeito dividido, como sujeito faltoso.

A importância do *objeto a* no segundo patamar do Grafo do Desejo está relacionada à pergunta do sujeito sobre o que o outro quer de mim, na qual envolve o seu desejo de ser objeto do desejo do outro, de tamponar a falta do outro. É desse desejo, o de ser objeto do desejo do outro, que advém a dimensão do gozo. O *Objeto a* aparece no grafo como objeto do gozo, o que nos remete à satisfação da pulsão no outro, imaginando servir de *objeto a* para o outro, servindo ao gozo do outro.

O outro é completo no primeiro patamar, enquanto no segundo o outro já é faltoso. Por isso a pergunta: *o que o outro quer?* No primeiro patamar, o do Édipo, ocorre uma submissão do sujeito ao significante do outro, uma alienação da linguagem, enquanto o furo da linguagem, esse resto, joga o sujeito para o segundo patamar, possibilitando a constituição do seu próprio desejo.

No segundo patamar é onde o desejo se constitui, quando o sujeito se depara com a falta de um significante no Outro, na sua ausência propriamente dita, surge uma pergunta: “o que o Outro quer de mim?” A interrogação sobre o desejo do Outro é o que permite o sujeito articular o seu próprio desejo, ou seja, é a partir do desejo do Outro que o sujeito constitui o seu. Essa pergunta é elaborada quando se dá a subida do primeiro patamar para o segundo, na castração. (BARTIOTTO, 2014, p. 274)

Quando R diz que o seu pai se refere ao seu sofrimento como ‘*coisa de bichinha*’, o sujeito pode se alienar a este significante ‘bichinha’, submetendo-o ao significante do outro. Com isso, o sujeito apresenta-se numa posição subjetiva, pela maneira como se relaciona com o significante do outro. Esta é a sua função como sujeito, que é dar sentido ao significante, porém, à sua maneira.

Acreditamos que R. possa sair da alienação ao significante através da pergunta, desse furo da linguagem, descolando do sentido que inicialmente apreendeu, descolando desse significante do outro que o define – quer seja, como ‘bichinha’. Este adolescente R., como apontamos no

subcapítulo anterior, pode se utilizar do desprezo para com o adulto para afastar-se desta alienação, conforme ele mesmo atribuiu os significantes ‘*cabeça fechada e ridículo*’ para definir seu pai.

Parece-nos supor que o sujeito neurótico, seja esse que se corta, alienado ao desejo do outro, não o quer como sujeito dividido, como sujeito barrado, aquele do segundo patamar do grafo. A alienação do sujeito ao outro parece ser de interesse daquele que se corta, de forma a manter a completude imaginária da infância, àquela que nasceu da virtualidade da imagem do outro no espelho, na qual investiu sua libido narcísica.

Foi nesse sentido que trouxemos a discussão dos lutos do sujeito adolescente, que não sabe mais o que o outro quer dele. O que deseja sua mãe? Foram sobre essas perdas simbólicas que nos referimos, desse lugar antes ocupado por ele e que parecia preencher todos os desejos da mãe, essa criança a servia *toda*. Era uma criança, podemos dizer, fálica, servindo de falo para sua mãe. Agora não mais, algo dessa relação se partiu, e cabe ao sujeito adolescente atravessar de um lado ao outro, neste momento de passagens de toda ordem, o que pode não ser assim tão fácil de efetuar no registro simbólico.

Essa criança era o objeto da falta no outro, completa pelo outro e completava sua mãe. É quando algo caminha para se romper ou se transformar nessa relação, que o sujeito recorre ao que há de mais elementar na constituição do eu, que é a imagem do seu corpo, sua pele, cortando-a, pela impossibilidade de eliminar de fato aquilo que o angustia. É a incidência do Real que a aproxima da separação, existe algo que *resta*, que fica de fora da significação, que a linguagem não dá conta.

Pensando na incidência do Real, nesse resto, nos aproximamos da angústia, naquilo que interessa a este trabalho. Recorremos assim a Lacan, novamente, em seu seminário sobre a angústia.

O investimento da imagem especular é um tempo fundamental da relação imaginária. É fundamental por ter um limite. Nem todo investimento libidinal passa pela imagem especular. Há um resto. Esse resto, espero ter conseguido fazê-los ter uma ideia de por que ele é o pivô de toda essa dialética. É nisso que recomeçarei da próxima vez, para lhes mostrar, mais do que pude fazer até agora, em que essa função é privilegiada sob a forma do falo. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 48 e 49)

Para Lacan, o *falo* é o significante que amarra toda significação no inconsciente. A metáfora paterna, como uma operação, é a substituição significativa que amarra toda significação e que é capaz de representar o sujeito. O neurótico trata o *objeto a* como falta fálica.

O *objeto a* é a falta fálica, visto que o *falo*, enquanto significante, está, obviamente, fora da imagem do espelho.

Isso significa que, em tudo o que é demarcação imaginária, o falo virá, a partir daí, sob a forma de uma falta. Em toda a medida em que se realiza aqui, em *i (a)*, o que chamei de imagem real, imagem do corpo funcionando na materialidade do sujeito como propriamente imaginário, isto é, libidinizado, o falo aparece a menos, como uma lacuna. Apesar de o falo ser, sem dúvida, uma reserva operatória, não só ele não é representado no nível do imaginário, como é também cercado e, para dizer a palavra exata, cortado da imagem especular. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 48 e 49)

Trazendo para compreensão da automutilação, seria viável considerar que enquanto o outro é dividido, e a falta está posta na relação, a sua possibilidade de desejar é mantida? O sujeito se angustia por se deparar com a impossibilidade de tamponar a falta, visto que Lacan nos ensina que a angústia emerge quando a falta faz falta? Poderíamos nos aproximar da ideia de que a angústia desses adolescentes está relacionada à dificuldade de servirem ou de continuarem servindo de falo para suas mães?

Buscando responder a estes questionamentos, recorreremos a Lacan quando esclarece que a angústia surge quando a possibilidade do desejo é ameaçada, justamente quando não há iminência da falta.

Vocês não sabem que não é a nostalgia do seio materno que gera a angústia, mas a iminência dele? O que provoca a angústia é tudo aquilo que nos anuncia, que nos permite entrever que voltaremos ao colo. Não é, ao contrário do que se diz, o ritmo nem a alternância da presença-ausência da mãe. A prova disso é que a criança se compraz em renovar esse jogo de presença-ausência. A possibilidade da ausência, eis a segurança da presença. O que há de mais angustiante para a criança é, justamente, quando a relação com base na qual essa possibilidade se institui, pela falta que a transforma em desejo, é perturbada, e ela fica perturbada ao máximo quando não há possibilidade de falta, quando a mãe está o tempo todo nas costas dela, especialmente a lhe limpar a bunda, modelo da demanda, da demanda que não pode falhar. (LACAN, 1962- 1963/2005, p. 64)

A angústia é um afeto e, como vimos, algo que está fora da linguagem. Lacan nos diz que ela não é sem objeto, e vai relacionando angústia ao *objeto a* – objeto perdido, objeto causa do desejo. Aponta que a manifestação mais flagrante desse *objeto a*, o sinal de sua intervenção, é a angústia.

A angústia, ensinou-nos Freud, desempenha em relação a algo a função de sinal. Digo que é um sinal relacionado com o que se passa em termos da relação do sujeito com o objeto *a*, em toda a sua generalidade. O sujeito só pode entrar nessa relação na vacilação de um certo fading, vacilação que tem sua notação designada por um *S* barrado. A angústia é o sinal de certos momentos dessa relação. Isso é o que nos esforçaremos por mostrar-lhes hoje, mais adiante, esclarecendo o que entendemos por esse objeto *a*. (LACAN, 1962- 1963/2005, p. 98)

O desejo do outro dividido convoca e mantém o sujeito ao seu lugar de objeto. A relação desses adolescentes com suas mães, na qual ocorre afastamento e desentendimentos, parece denunciar uma dificuldade de continuar a responder dialeticamente ao que o outro quer.

Nesse sentido, podemos considerar que não há desejo se não houver a falta. Onde está o desejo de quem se corta, se ele assim se vê impedido de satisfazer o desejo do outro? O sujeito que se corta, na relação com os outros, sente-se sem função, sem receber demanda do outro ou condições de decifrá-la, impossibilitado de servir de objeto da falta no outro. É disso que advém sua angústia? Vem daí o apelo ao recurso do corte, de maneira a amenizar a sua dor? Assim como de marcar aquilo que se apresenta como da ordem do impossível? Os cortes apontam para esse resto, fora de significação, que é impossível de ser expresso em palavras? Nesse sentido, trazemos a citação abaixo, a fim de clarificar tais questionamentos.

A automutilação deve ser, a priori, compreendida como um modo de subjetivação, uma forma que o sujeito encontra para dizer aquilo que está encoberto, quando na dificuldade de utilizar o recurso da palavra, lesiona a si mesmo, deixando marcas expostas no corpo; sendo um ato que funciona como um modo de estabilização frente ao mal-estar, em que a palavra não dita busca significado e ancoramento no corpo que, por sua vez, é o porta-voz do seu sofrimento psíquico. (ALMEIDA et al., 2022, p. 707 e 708)

Avançando na reflexão sobre o desejo desses sujeitos que se cortam, é interessante relacionar desejo com a Lei, como desenvolve Lacan, de modo que o falo funciona como metáfora da lei paterna, sendo chamada também de lei fálica.

*O desejo é, portanto, a lei.* (LACAN, 1962-1963/2005, p. 166). Complementa este enunciado, afirmando que o que constitui a substância da lei é o desejo da mãe, e que, inversamente, o que normatiza o próprio desejo, o que o situa como desejo, é a chamada lei da interdição do incesto.

Bartijotto, J. (2014) esclarece que, para a psicanálise, o desejo só existe a partir da inscrição da falta e da Lei no simbólico, como operações concomitantes. Desse modo, equivale dizer que o desejo não existe sem a Lei. Este enunciado é sustentado pela concepção lógica do grafo do desejo e dos três tempos do Édipo. A verdadeira função do Pai simbólico é unir, e não opor um desejo à Lei. No entanto, trata-se de um impasse em que o sujeito permanece dividido entre o gozo e o desejo. Pois, o sujeito dividido, ao mesmo tempo em que almeja um gozo, não o quer; para sustentá-lo, é necessário ocupar o lugar de objeto do outro e a fixação nesse lugar implica o desaparecimento do sujeito desejante.

O que seria o desaparecimento do sujeito desejante? Aqui chegamos à encruzilhada do sujeito, cujo desejo é sempre difuso, conflituoso, paradoxal. Mas poderia dizer ‘despercebido’?

É possível desejar para além do aprisionamento ao desejo do Outro? O que este sujeito diz sobre seu desejo, quando corta sua pele?

Não pretendemos responder a essas perguntas, mas podemos constatar que o desejo é, para o sujeito, um enigma, assim como vimos ser o enigma do desejo do Outro. Talvez seja essa a aposta da análise, que seja pela escuta no ambiente escolar desses adolescentes que se cortam. Talvez, se os interrogar, o seu desejo possa ser descolado do Outro, em alguma medida, e possa ser minimamente vislumbrado acima do gozo mortífero da pulsão de morte. Por fim, perguntamos: O que queres? Ou, o que fizeste de ti?

### 3.3 O *acting out* e a passagem ao ato na clínica da automutilação

Considerando a relevância da clínica do ato para o entendimento dos casos de automutilação, iniciamos agora algumas reflexões sobre o *acting out* e a passagem ao ato na teoria freudiana e lacaniana, de forma a contribuir no percurso desta escrita.

A fim de articular argumentações possíveis e preliminares, partiremos do Seminário 10, a angústia, capítulo IX, intitulado *Passagem ao ato e Acting Out*, podendo trazer contribuições de outros textos de Freud e Lacan, assim como de outros autores. Concebendo a prática da automutilação como uma tentativa de aliviar a angústia, pesquisaremos brevemente sobre a angústia e sua relação com o objeto *a* nas modalidades de ato.

Foi na disciplina “O ato suicida” que surgiu o seguinte questionamento sobre a automutilação no que se refere à passagem ao ato e ao *acting out*: a automutilação pode ser situada como passagem ao ato e/ou como *acting out*? Talvez seja somente através da clínica do caso a caso que essas modalidades de ato possam ser mais bem compreendidas. Pretendemos, assim, tecer algumas formulações teóricas e relacioná-las com o caso da aluna H., já citada ao longo deste trabalho.

O que Lacan nos aponta de diferenciação entre aquilo que configura o sintoma e estas modalidades de ato? Sabendo que a prática da automutilação é um sintoma, que relações podemos tecer entre sintoma e ato? Esses são os questionamentos com os quais pretendemos partir neste trabalho - longe de imaginar elucidá-los.

A automutilação pode ser compreendida como qualquer comportamento intencional envolvendo agressão direta ao próprio corpo sem intenção consciente de suicídio e não socialmente aceita dentro de sua própria cultura e nem para exibição [...]; as

lesões são geralmente superficiais e sem repercussões sistêmicas. (GIUST, 2013, p. 5)

Retornando à pergunta já lançada no segundo capítulo acerca da intencionalidade dessa prática, se nos casos de automutilação o sujeito não tem intenção de cometer suicídio, então, de que se trata esse ato de se cortar?

Assim como apontam as literaturas sobre automutilação, também vimos nos relatos desses adolescentes a incidência da angústia presente nessa prática. Trazemos novamente a fala de H: “*eu me corto para aliviar minha dor, meu sofrimento*”; “*parece que me sinto aliviada, mesmo sabendo que estou fazendo um mal para mim*”.

Lacan, no Seminário 10, lembra como Freud definiu a angústia como sinal. Um sinal localizado no eu e que deve encontrar-se em algum lugar do eu ideal.

Esse sinal é um fenômeno de borda no campo imaginário do eu. O termo “borda” é legitimado por se apoiar na afirmação do próprio Freud de que o eu é uma superfície, e até, acrescenta ele, a projeção de uma superfície, como relembrei no devido tempo. Digamos, pois, que ele é uma cor, termo cujo emprego metafórico justificarei oportunamente. Essa cor produz-se na borda da superfície especular, ela mesma uma inversão, posto que especular, da superfície real. O eu ideal é a função mediante a qual o eu se constitui através da série de suas identificações com alguns objetos, aqueles a propósito dos quais Freud aponta, em *Das Ich und das Es*, um problema que o deixa perplexo — a ambiguidade da identificação e do amor. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 131)

Lacan nos traz que a angústia é um fenômeno de borda, um sinal que se produz no limite do eu, quando este é ameaçado por alguma coisa que não deve aparecer. Esta é o *a*, o resto, abominado pelo Outro. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 131).

Aquele que se corta traduz, em ato, a angústia daquilo que não deve aparecer, aquele resto; talvez, por isso, não encontra possibilidade de apaziguamento pela via da linguagem. É algo da ordem do indizível, fora de significação. Será que o cortar-se assim como no *acting out* acontece querendo dizer algo ao outro sem que seja através da palavra? Dizer algo, talvez, embora saibamos que nunca é possível dizer tudo.

Colaborando com a reflexão acima e avançando um pouco nesta leitura, Lacan anuncia que o *acting out* parece ser da ordem da evitação da angústia sinal do eu. [mói] (LACAN, 1962-1963/2005, p. 130). Vê-se, então, um ponto de intercessão entre o *acting out* como evitação da angústia e a prática de se cortar com intuito semelhante, se considerarmos o que explana Lacan “*E é justamente isso que me permite introduzir agora que talvez seja da angústia que a ação retira sua certeza. Agir é arrancar da angústia a própria certeza. Agir é efetuar uma transferência da angústia.*” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 88)

Debruçando-nos um pouco mais no estudo do *acting out*, neste seminário, chegamos à afirmação de que tudo que é *acting out* é o oposto da passagem ao ato. Lacan aponta para certas características que permitem isolá-lo, assim como a relação profunda e necessária do *acting out* com o objeto a. Conclui, também, que o objeto a de que se trata também pode ser, para o sujeito, o mais incômodo Supereu.

O discurso desses adolescentes que se cortam ressalta a força do Supereu, de modo que a lei do desejo do Outro é avassalador, intensamente determinante na formação desse sintoma. A expectativa de aceitação por parte de suas mães está em pauta, assim como o sofrimento, por não ser como suas mães gostariam que elas fossem.

O supereu se situa essencialmente no plano simbólico da palavra, à diferença do ideal do eu. O supereu é um imperativo. [...] é preciso acentuar também, o seu caráter insensato, cego, de puro imperativo, de simples tirania. [...] O supereu tem uma relação com a lei, e ao mesmo tempo, é uma lei insensata, que chega até a ser o desconhecimento da lei. [...] A lei se reduz inteiramente a alguma coisa que não se pode nem mesmo exprimir, como o *Tu deves*, que é uma palavra privada de todos seus sentidos. É nesse sentido que o supereu acaba por se identificar àquilo que há somente de mais devastador, de mais fascinante, nas experiências primitivas do sujeito. Acaba por se identificar ao que chamo figura feroz, as figuras que podemos ligar aos traumatismos primitivos, sejam eles quais forem, que a criança sofreu. (LACAN, 1953-1954/1975, p. 123).

O que caracteriza esta modalidade de ato se faz importante na clínica da automutilação, quando esse sujeito está em análise. É esse caráter demonstrativo, de endereçamento ao Outro, o seu caráter apelativo, o que abre porta à interpretação pela via da transferência. “O *acting out* é, essencialmente, alguma coisa que se mostra na conduta do sujeito. A ênfase demonstrativa de todo *acting out*, sua orientação para o Outro, deve ser destacada” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 137).

No entanto, Lacan também nos diz que aquilo que é visível no *acting out* é, em certa medida, invisível; é esse resto, a, é a libra de carne.

*Acting out* é, em essência, a mostração, a mostragem, velada, sem dúvida, mas não velada em si. Ela só é velada para nós, como sujeito do *acting out*, na medida em que isso fala, na medida em que poderia ser verdade. Ao contrário, ela é, antes, visível ao máximo, e é justamente por isso que, num certo registro, é invisível, mostrando sua causa. O essencial do que é mostrado é esse resto, é sua queda, é o que sobra nessa história. Entre o sujeito \$, aqui “Outrificado”, se posso me expressar desse modo, em sua estrutura de ficção, e o Outro, A, não autenticável, nunca inteiramente autenticável, o que surge é esse resto, a, é a libra de carne. O que quer dizer que podemos fazer todos os empréstimos que quisermos para tampar os furos do desejo, assim como os da melancolia, mas lá está o judeu que, por sua vez, entende um bocado do balanço das contas e que, no fim, pede a libra de carne — creio que vocês sabem o que estou citando. É essa a marca que vocês sempre encontrarão no que é *acting out*. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 138 e 139)

Num dado atendimento, a jovem H conta que tinha o costume de tirar fotos dos seus cortes, ainda com o sangue escorrendo, e enviar ao namorado para que ele pudesse ver. Esta situação evidencia uma clara atuação endereçada ao namorado. A adolescente já relatou se sentir satisfeita com as preocupações do namorado com relação à automutilação, mas também que ele não faz “coisas erradas” assim como ela, que ele é “chato”, que é todo “certinho”. Interrogamo-nos em saber o que há de demonstrativo na sua conduta. Mas também nos perguntamos o que de ambiguidade este *acting out* pode apresentar e o que de invisível ele também comporta.

Outro questionamento sobre a clínica do ato é a relação do *acting out* com o sintoma, quer seja o sintoma da automutilação.

O que isso tem de original, esse *acting out*, e a demonstração desse desejo desconhecido? O sintoma é a mesma coisa. O *acting out* é um sintoma. O sintoma também se mostra como outro. Prova disso é que deve ser interpretado. Bem, então ponhamos direitinho os pingos nos is. Vocês sabem que o sintoma não pode ser interpretado diretamente, que é preciso haver a transferência, isto é, a introdução do Outro. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 139)

Lacan complementa dizendo que a interpretação não é essencialmente da natureza do sintoma. O sintoma não clama por interpretação, como faz o *acting out*. Segue dizendo que a interpretação do sintoma é possível, desde que se tenha sido estabelecida a transferência. O que a análise descobre no sintoma é que ele não é um apelo ao outro; o sintoma é, por natureza, gozo - ele não precisa de outro alguém, como no *acting out*, ele por si mesmo se basta.

Nesse sentido, apesar da possibilidade de traduzir esses cortes como mensagens endereçadas ao outro, algo disto, além de permanecer no invisível, é realizado pelo gozo do sintoma. Esta compreensão é confirmada através da escuta da narrativa desses adolescentes. Podemos observar, como já ressaltamos anteriormente, que o conteúdo de suas falas não gira tanto em torno do corte, ou muito menos se referem ao ato em si, mas sim sobre suas angústias e todas as outras questões e histórias da vida. Deste modo, somos levados a acreditar que, apesar da possibilidade de interpretação do *acting out*, é o gozo que está em pauta na automutilação, por ser um sintoma, e ele, por si mesmo, se basta. Mesmo assim, continuemos.

Lacan, no Seminário VII – *A ética da psicanálise* (1959-1960), afirma o desejo como sendo gozo, isto é, aquilo que vai em direção à Coisa, depois de ultrapassar a barreira do bem, ou seja, do princípio do prazer; e é por isso que tal gozo pode traduzir-se num *desprazer*. (p. 140).

Seguindo seu raciocínio e compreendendo que a automutilação, enquanto sintoma, é via de gozo, a escuta desses adolescentes no ambiente escolar torna-se um desafio ainda maior, no sentido de provocar o sujeito na parte que lhe cabe, ou melhor, na parte que lhe sobra dessa história. Como já abordamos nessa dissertação, é comum ouvir dos adolescentes “*eu me corto para aliviar a angústia*”. Esse é o sentido e o valor que dão ao ato de se cortar, sem algo a mais para saber sobre ele, reduzindo o discurso que se repete em torno do dizer apenas que se “cortou ou que não se cortou”, impondo obstáculos ao deslizamento da cadeia significante. O ato analítico deve ser o de provocar um furo nesse discurso, de modo a operar sobre o sintoma.

E a passagem ao ato? Lacan nos diz que, na passagem ao ato, o sujeito se encaminha para se evadir da cena, diferentemente do *acting out*. Na passagem ao ato, há uma ruptura radical do sujeito com o campo do Outro.

Esse largar de mão é o correlato essencial da passagem ao ato. Resta ainda precisar de que lado ele é visto. Ele é visto justamente do lado do sujeito. Se vocês quiserem referir-se à fórmula da fantasia, a passagem ao ato está do lado do sujeito na medida em que este aparece apagado ao máximo pela barra. O momento da passagem ao ato é o do embaraço maior do sujeito, com o acréscimo comportamental da emoção como distúrbio do movimento. É então que, do lugar em que se encontra — ou seja, do lugar da cena em que, como sujeito fundamentalmente historizado, só ele pode manter-se em seu status de sujeito —, ele se precipita e despenca fora da cena. Essa é a própria estrutura da passagem ao ato. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 129)

Em que ponto é possível articular a passagem ao ato com a automutilação, já que na passagem ao ato ocorre um rompimento radical com o campo do Outro, esse sair da cena para o mundo, esse largar a mão? Pode existir uma identificação absoluta do sujeito ao objeto a, como acontece no suicídio? Ou uma identificação melancólica em que a sombra do objeto perdido recai sobre o eu?

É provável que ninguém encontre a energia mental necessária para se matar, a menos que, em primeiro lugar, agindo assim, esteja ao mesmo tempo matando um objeto com quem se identificou e, em segundo lugar, voltando contra si próprio um desejo de morte antes dirigido contra outrem. (FREUD, 1920/1976, p. 174).

Antes de pretender responder a essas perguntas, vamos à importância da função da pulsão de morte nestes atos, o que nos poderá servir de pista e de partida. Trazemos a adolescente **A**, que se corta há dois anos, e, sempre que a procuramos para conversar diz que se cortou recentemente. A experiência dessa jovem marca o caráter compulsivo dos seus atos, de maneira que a cada situação de sofrimento vivida, um corte é feito na pele a fim de representá-la. A aluna expressa, através dos seus atos, esse caráter mortífero da pulsão de morte,

mobilizada por um gozo em excesso que a leva a se cortar compulsivamente. A raiva que a jovem sente pela sua mãe, seu objeto amoroso, volta-se contra ela através dos ferimentos.

Brunhari e Darriba (2014) pontuam que Freud, em *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901/1976), no capítulo para descrever os “equivocos na ação [Vergreifen]” (p. 167), elenca situações em que atos apontam para determinações inconscientes disfarçadas em erros ou acidentes. Freud se propõe dispor as tentativas ou conclusões de suicídio como reveladoras de uma intenção inconsciente que pode estar mascarada por um acidente casual. Assim, Freud argumenta que uma tendência à autodestruição está presente em certa medida e que “os ferimentos autoinfligidos são, em geral, um compromisso entre essa pulsão e as forças que ainda se opõem a ela” (p. 183).

Com relação aos ferimentos autoinfligidos, afirma que “nunca se pode excluir o suicídio como um possível desfecho do conflito psíquico” (p. 181). Freud, neste texto, não estava se referindo obviamente aos atos conscientes e, por isso, intencionais, característicos da automutilação, mas aponta para uma tendência à autodestruição mobilizada pela pulsão de morte tendo o suicídio como desfecho possível do conflito psíquico. Os cortes intencionais e repetidos característicos da automutilação, como vemos na contemporaneidade, também poderiam apontar para determinações inconscientes de suicídio? Acredito ser necessária uma investigação teórica e clínica mais aprofundada para tal especulação. De todo modo, a prática da automutilação é preocupante e urge uma atenção no cuidado desses sujeitos, para que do corte outros pensamentos invasivos não surjam, assim como cortes cada vez mais profundos, agravando a problemática vivida e colocando esses sujeitos em situação ainda mais arriscada.

Desejando, então, alguma brecha para saída dos sujeitos deste lugar trágico em que se encontram, recorreremos a outras possibilidades de articulação teórica, como no caso da própria pulsão de morte, em Lacan, no Seminário *A ética da psicanálise* (1959-1960), que recebe novas formulações.

A pulsão, como tal, e uma vez que é então pulsão de destruição, deve estar para além da tendência ao retorno ao inanimado. O que ela poderia ser? - senão uma vontade de destruição direta, se assim posso expressar-me para ilustrar o que está em questão. [...] Vontade de destruição. Vontade de recomeçar com novos custos. Vontade de Outra-coisa, na medida em que tudo pode ser posto em causa a partir da função do significante. Se tudo o que é imanente ou implícito na cadeia dos acontecimentos naturais pode ser considerado como submetido a uma pulsão dita de morte, e somente na medida em que há a cadeia significante. Efetivamente, é exigível que, nesse ponto do pensamento de Freud, o que está em questão seja articulado como pulsão de destruição, uma vez que ela põe em causa tudo o que existe. Mas ela é igualmente vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar. [...] Como em Sade, a noção da pulsão de morte é um sublimação criacionista. (LACAN, 1959-1960/2005, p. 259 e 260)

Seguindo este raciocínio de Lacan, podemos considerar que a pulsão de morte presente na automutilação pode ser entendida, também, como tentativa desses sujeitos em dar outro fim à dor psíquica, por tratarem de sujeitos situados no limite, no *finda-linha*, buscando novos recomeços, por vontade de *Outra-coisa*.

Considerando que estamos falando de sujeitos neuróticos que se cortam, e não de psicóticos, como é esta prática com adolescentes, vemos que, apesar desse caráter mortífero da pulsão de morte, encontramos também o caráter de um recomeço, de uma sublimação criacionista.

Como vimos anteriormente, a relação mãe e filho (a) é vivenciada com as operações de alienação e separação. A automutilação parece ser uma tentativa singular do sujeito adolescente de se inscrever no campo do Outro, marcando um limite no seu eu corporal, uma separação do sujeito no campo do Outro - o que não significa uma ruptura radical, como ocorre na passagem ao ato. A possibilidade de simbolização desses sujeitos parece também afastar, em certa medida, a possibilidade de situar a automutilação como uma passagem ao ato.

Talvez possamos considerar que os casos de automutilação, em geral, e como observado na escuta da narrativa desses sujeitos, em específico, no ambiente escolar, não parece tratar de tentativas de aniquilamento, como nos casos do suicídio, mas de uma série compulsiva de *acting out*. Mesmo assim, tal afirmação só é possível ser corroborada ou não, a partir da clínica do caso a caso, averiguando o estatuto e a função do ato. É o caso clínico e sua singularidade que nos permite abordar tais manifestações.

Aquele que se corta assim diz algo sobre si e de si para o outro. Diz sobre o seu desejo e sobre o desejo avassalador do Outro que o submete. Endereça ao outro, pelo ato, algo que não é possível ser dito em palavras.

E a palavra, também pode ser considerada como um *ato*? O ato da pulsão de morte em seu sentido criacionista, como nos mostrou Lacan? Como tentativa de recomeçar, como vontade de *Outra-coisa*? Antes de tudo, vem o verbo... É nessa aposta, por um sentido de sublimação criacionista da pulsão de morte, com o recurso da arte, que traremos agora através da Poesia Falada, como um novo caminho para a pulsão e para o desejo desses sujeitos.

### **3.4 Poesia Falada: um esforço de saída pela via da sublimação**

O remédio é escrever muito...

Florbela Espanca (1920-5, p. 255)

Apresentaremos aqui um novo caminho possível para a pulsão, que traz certo apaziguamento da angústia, numa aposta de que a sublimação tome o lugar do ato de se cortar. Não ousamos, nem cabe aqui debruçar sobre o conceito de sublimação, mas aproveitá-lo nas articulações teórico-clínicas com o que estudamos nesta dissertação.

Como vimos, a automutilação é um ato que diz algo sobre si e diz de si algo para o outro; assim, podemos conceber esta prática como uma forma de linguagem pela escrita no corpo, como uma forma de escrita íntima.

Também compreendemos a automutilação como uma forma de letra que faz uma escrita no próprio corpo, que se encontra na subjetividade, onde “[...] O corpo é como uma folha de papel, onde as experiências subjetivas podem ser escritas, algo que passa do interior para o exterior, havendo, assim uma mensagem ao Outro” (DIAS, 2019, p. 69).

Outra relação da automutilação com a escrita é, como vimos anteriormente nesta dissertação, as pulsões escopifílica e exibicionista – a de olhar (voyerismo) e a de ser olhado. Assim como a escrita no papel, a imagem das cicatrizes na pele é como signo, que é letra, é traço, é passível de ser lido, ou até mesmo de ser traduzido.

Araújo (2019) recorre a diferentes autores que abordam a temática da escrita e sua função na vida dos sujeitos. Aproveitaremos aqui alguns desses autores, como Flusser (2010) e Lejeune (1975).

Há pessoas (entre as quais eu me incluo) que acreditam que não poderiam viver sem escrever. E não é porque queiram tornar-se um novo Homero – pois sabem que não se pode mais escrever como ele, ainda que houvesse um segundo Homero – mas porque acreditam que precisam escrever, já que só no gesto de escrever podem expressar sua existência (FLUSSER, 2010, p. 4).

Existe, na automutilação, uma relação estrita com o tempo, como vimos no caso de **A**, na medida em que associa cada corte a um acontecimento de sua vida, eventos esses que ocorreram em certos momentos, funcionando assim como um registro de datas, como algumas pessoas costumam fazer em seus diários. O corpo, tal qual o diário, também marca datas.

Nesse sentido, Lejeune (1975) enfatiza que “o diário é, muitas vezes, uma atividade de crise: a descontinuidade lhe é habitual e se inscreve, aliás, no âmago de seu ritmo” (p. 318). O autor descreve quatro funções do diário, que são: expressão, reflexão, memória, prazer.

Araújo (2019) comenta que a função de expressão serve para “descarregar o peso das emoções e dos pensamentos no papel” (LEJEUNE, 1975/2014, p. 319), e relaciona esta função com a prática de se cortar – representando uma forma de descarga, como vimos, de descarga pulsional, de maneira que as emoções e os pensamentos se inscrevem no papel, ao em vez do corpo. “Essa pulsão pode estar associada à de conservar, mas tem afinidades maiores com a pulsão de destruir. Pôr no papel já é se separar, se purificar, se lavar: em uma segunda etapa, pode-se levar a purificação a termo livrando-se do papel.” (LEJEUNE, 1975/2014, p. 319)

Sobre a função de reflexão, Lejeune (1975/2014) assinala que o diário oferece um espaço e um tempo subtraídos às pressões da vida. “Refugiamo-nos nele, tranquilamente, para ‘desenvolver’ a imagem do que acabamos de viver e meditar. É para examinar as escolhas que devemos fazer” (p. 320).

A respeito da função da memória na escrita de diários, o autor coloca que a finalidade é fixar o tempo, construir para si uma memória de papel, criar arquivos do vivido, acumular vestígios, conjurar o esquecimento, dar à vida a consistência e a continuidade que lhe faltam.

Refere-se à função do prazer de escrever ao lembrar que a escrita é um ato agradável. “É delicioso dar forma ao que se vive, progredir na escrita, criar um objeto no qual nos reconhecemos” (LEJEUNE, 1975/2014, p. 321).

Freud, no texto *Escritores Criativos e Devaneios* (1908), relaciona o ato da escrita com as brincadeiras de crianças. Afirma que, ao crescer, parece que renunciamos ao brincar e ao prazer que isso nos promove. No entanto, não é bem assim, Freud escreve, então, que não renunciamos a nada, que apenas trocamos uma coisa pela outra. A criança que brinca com objetos reais, ao crescer, abdica dos objetos reais pela fantasia.

Freud considera que pela obra podemos compreender um pouco sobre a vida do autor, que se utiliza da fantasia para sua criação artística, como se refere na citação abaixo.

Uma poderosa experiência no presente desperta no escritor criativo uma lembrança de uma experiência anterior (geralmente de sua infância), da qual se origina então um desejo que encontra realização na obra criativa. A própria obra revela elementos da ocasião motivadora do presente e da lembrança antiga. (FREUD, 1908/1976, p. 84)

Lembramos que, no primeiro capítulo, ilustramos a experiência da Poesia Falada, e neste momento aproveitaremos para avançar na reflexão acerca dos possíveis efeitos que esse

*escrever e falar* poesias pode proporcionar a esses sujeitos, tendo em vista que são, em sua maioria, autorais.

Considerando o que Freud nos escreveu sobre a possibilidade de extrair das produções textuais dos autores algo de suas existências, apropriamo-nos deste saber para o trabalho com poesia, dentro da escola, com esses adolescentes.

Neste texto, Freud lembra que não há grande distância entre os chamados “escritores criativos” e o homem comum, já que, no íntimo, todos são poetas, e só com o último homem morrerá o último poeta.

Trazendo esta afirmação de Freud para nossa experiência na escola, este coletivo de alunas coloca em destaque esse potencial criativo, presente em todos nós e passível de ser promovido pelos outros – como o psicanalista, o professor e o assistente social, profissionais da equipe do Proinape. São elas, as adolescentes desse grupo, as “escritoras criativas”, visto que, a princípio, a proposta era falar poesia, e não necessariamente escrever poesia. Essa particularidade desses sujeitos transformou a proposta inicial do projeto Poesia Falada para um espaço onde elas puderam falar de si, a partir de seus próprios escritos.

Durante os momentos de conversas individuais com essas adolescentes nos foi endereçado um discurso sobre seus sentimentos, como dores, certas decepções, sobre cortes, pensamentos de morte, desânimo em relação à vida, conflitos com a mãe, assuntos amorosos, dentre outros.

Consideramos a situação psíquica desses sujeitos, porém a oferta de reuni-los surgiu da identificação pela poesia, e não pelos sintomas, o que consideramos o caminho mais profícuo, seguindo a ética da psicanálise, e o que tornou este trabalho mais original.

Importante lembrar que este espaço coletivo também não foi pensado exclusivamente aos adolescentes que se cortam, porém temos participantes com essa experiência.

Esta formação do dispositivo coletivo partindo do interesse pela poesia foi o que propiciou desviar a fala do ato – fruto da dor de existir, e abrir espaço para fazer algo com essa dor. Esse encontro contribui para que, também pelo nosso desejo de acolher desta dor, esses sujeitos busquem outro tipo de contorno para o desamparo, igualmente com apoio do físico, porém para fora do apoio corporal, que é o apoio do papel sobre a mesa. Esse espaço tem como meta favorecer que essas adolescentes façam algo com a dor psíquica, sem que seja pela via do gozo, mas escrevendo sobre essa dor, promovendo outro destino para a pulsão.

Imagens, imaginário, construção do simbólico são os labirintos da escrita que, como os fios de letra que tece, fazem nós que sustentam o sujeito na ponta do lápis, fazendo borda ao vazio de seu desamparo, no palco branco da página ou da tela, dando-lhe um

anteparo, mesmo que seja provisório ou breve, para que ele não se perca no céu aberto, com seus personagens (BRANDÃO, 2006, p. 31)

No intuito de que esta coletividade pudesse alcançar aqueles que desejassem, mobilizamos os alunos representantes de turma para divulgar este projeto. Durante os primeiros encontros, antes mesmo de oferecer os livros de poesia para que pudéssemos escolher, as participantes começaram a falar suas poesias. Algumas diziam ter vergonha de ler o que escrevem, mas aceitavam que outra colega lesse para o grupo, enquanto outras gostam de ler as suas próprias poesias.

Com o passar do tempo e o fortalecimento do vínculo entre nós, o desejo de compartilhar suas poesias foi se tornando algo cada vez mais possível, sem tantos entraves. No entanto, tivemos alguns alunos que não mais participaram, após os primeiros encontros.

Certo dia, uma participante diz que o projeto estava a estimulando a escrever novas poesias. Isto nos fez pensar na presença de nossa equipe como aquele outro que o sujeito direciona seu desejo, e de que modo o “se encontrar” para falar poesia produz efeitos sobre esses sujeitos. Foi nesse sentido que escolhemos trazer essa experiência, aqui, nesta dissertação, mesmo que estejamos no início desse percurso na escola, por considerarmos uma aposta, pelo potencial de abertura para um novo caminho, como mola propulsora de outra forma de escrita, para além da escrita pelo corte no corpo, de modo a enlaçar a angústia ao simbólico.

Brandão (2006) também abordou a escrita em seu livro *A Vida Escrita*. Para ela, estamos acostumados a pensar a escrita como remédio, como cura, consolo, como esse lugar em que nos reinventamos, esquecendo a morte, a castração, o real.

Mas a escrita pode ser veneno ou remédio; sua função de sublimação, um êxito ou um fracasso, se pensarmos em sua relação com a vida do escritor. Alguns revelam sua necessidade visceral de escrever, como algo que os sustenta; a outros, a escrita não detém o fluxo da dor e da pulsão de morte (BRANDÃO, 2006, p. 17).

Apostando que a escrita desses adolescentes do Projeto Poesia Falada possa deter a dor e a pulsão de morte, passaremos agora pela sublimação no que interessa a esta escrita, recorrendo à literatura de Freud e Lacan, assim como a de outros autores.

Como vimos nesse trabalho, a pulsão tem vários destinos, como o recalque, a reversão em seu oposto, o retorno ao eu e a sublimação. Com relação ao último, Freud o incluiu no vocabulário psicanalítico para nomear um processo que explica as “atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual” (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 495).

Coutinho Jorge (2008) afirma que a pulsão se encontra sublimada quando sua finalidade é um novo alvo não sexual ou objetos valorizados socialmente. Pela visão de Freud, as atividades sublimatórias constituem as artísticas, a pesquisa intelectual e os esportes. (p. 150)

Com relação à função da pulsão de olhar e ser olhado, na automutilação e na escrita, o autor comenta sobre a associação da sublimação com a pulsão de saber (ou de pesquisa), que ocorre entre 3 e 5 anos de vida. Esta pulsão de saber liga-se à pulsão de domínio de forma sublimada, mantendo por outro lado a pulsão de olhar e ser olhado.

Avançando um pouco na proposta da poesia, que é falada, lembramo-nos da pulsão do ouvir. Em certo dia, uma participante faz um comentário valioso acerca do que pensa sobre a função da leitura de sua poesia em sua vida. Ela comenta que, quando lê o que escreve, percebe algo diferente, que ouvindo sua poesia ela pode pensar sobre ela, entender coisas novas, dar outros sentidos. Foi quando pudermos intervir, concordando com ela e dizendo do efeito que a fala produz, tendo em vista que podemos nos ouvir. Assim como em uma análise, é falando e se escutando que o sujeito pode acolher seus sentimentos, dar vazão à sua angústia, e promover efeitos.

Importante ressaltar que na sublimação a pulsão mantém seu teor sexual, o que modifica é a sua finalidade que se desvia do sexual para o social. Na sublimação, há descarga da pulsão sexual de modo indireto, enquanto, no recalque, a libido encontra-se reprimida. Neste ponto, o termo *desvio* afasta o processo da sublimação daquele que ocorre no recalque.

Recalque e sublimação aparecem paralelamente, na maioria das vezes, porque são os dois polos extremos das vicissitudes das pulsões. São as mais importantes formas de evitamento da realização sexual direta. No recalque, o sujeito permanece preso ao sexual, que é o ponto de referência para ele, no nível do proibido. Na sublimação, o sujeito deixa a referência à satisfação sexual direta e lida com ela na sua dimensão de impossível. Esse impossível da satisfação que está em jogo na pulsão encontra na sublimação sua possibilidade de manifestação plena, pois a sublimação revela a estrutura do desejo humano como tal, ao evidenciar que, para além de todo e qualquer objeto sexual, esconde-se o vazio da Coisa, do objeto enquanto radicalmente perdido. (MENDES, 2011, p. 58)

Esta citação acima repercute no estudo da automutilação, ao ilustrar esse ‘impossível da satisfação plena da pulsão’, de maneira que os cortes, por mais que promovam uma descarga da libido, nunca é plenamente satisfatória, visto que é momentânea, fazendo operar a compulsão à repetição, necessitando de outro corte e mais outro corte e mais outros cortes...

É dessa dimensão do impossível, do vazio da Coisa, que se esconde atrás dos cortes na pele, que não cessam de se inscrever, mas sempre como um objeto de satisfação parcial da

pulsão. Daí o valor da sublimação, em nosso caso, pela arte da poesia, como possibilidade de manifestação plena.

Sobre *das Ding*, Lacan, no Seminário *A ética da psicanálise* (LACAN, 1959-1960/2005), explana que a esse objeto o que trata de encontrar não pode ser reencontrado. Ele é, por natureza, perdido enquanto tal, jamais será reencontrado. E sobre a sublimação, explica que o objeto é elevado à dignidade da Coisa.

Para guiar-nos temos a teoria freudiana dos fundamentos narcísicos do objeto, de sua inserção no registro imaginário. O objeto - uma vez que especifica as direções, os pontos de atrativo do homem em sua embocadura, em seu mundo, uma vez que o objeto lhe interessa por ser mais ou menos sua imagem, seu reflexo - esse objeto, precisamente, não é a Coisa, na medida em que ela está no âmago da economia libidinal. E a fórmula mais geral que lhes dou da sublimação é esta - ela eleva um objeto - e aqui não fugirei às ressonâncias de trocadilho que pode haver no emprego do termo que vou introduzir - à dignidade da Coisa. (LACAN, 1959-1960/2005, p. 140 e 141)

Bem sabemos que o objeto na sublimação não é a Coisa, mas vem servir de engodo, recobrando o vazio de significação através da fantasia. Quando afirma que “*a Coisa é a que do real padece do significante*” (p.157), o homem faz modelar um objeto significante à imagem da Coisa e o introduz no mundo, tendo em vista a impossibilidade de imaginá-la para nós.

A sociedade encontra certa felicidade nas miragens que lhes fornecem moralistas, artistas, artesãos, fabricantes de vestidos ou de chapéus, os criadores de formas imaginárias. Mas não é apenas na sanção que ela confere a isso, ao se contentar, que devemos buscar o móvel da sublimação. É na função imaginária, muito especialmente, aquela a propósito da qual a simbolização da fantasia nos servirá, que é a forma na qual o desejo do sujeito se apóia. Nas formas especificadas historicamente, socialmente, os elementos a, elementos imaginários da fantasia, vêm recobrir, engodar o sujeito no ponto mesmo de *das Ding*. É aqui que faremos incidir a questão da sublimação (LACAN, 1959-1960/ 2005, p. 126)

Lacan explana que é dessa Coisa que todas as formas criadas pelo homem são do registro da sublimação, representando sempre por um vazio, porque a Coisa não pode ser representada por outra coisa, ou melhor, de ela não poder ser representada senão por outra coisa. Dessa forma, a sublimação ocorre sempre com a determinação do vazio. Toda arte funciona de modo a se organizar em torno desse vazio.

Será que é o vazio da Coisa como a falta que coloca o desejo do sujeito em movimento, em busca? Será que é porque desejamos que sublimamos? Entendemos que criamos no mundo, impulsionados pelo desejo – essa ilusão, de tal forma que nunca o realizamos por completo.

A sublimação é uma produção, um ato, como o da escrita desses adolescentes na escola, servindo de causa do desejo, trazendo a dimensão do novo e da transformação. É o que cria uma ponte entre os dois vazios, já que evidencia o enlace da satisfação pulsional com o impossível, com o “objeto perdido”. A escrita desses adolescentes vem a servir de saída para esse impossível, assim como medida para não ceder do seu desejo.

Mendes (2011) traz apontamentos relevantes sobre sublimação e narcisismo, que muito nos interessa para articulação com o estudo da automutilação. A autora aponta que, na sublimação, o sujeito não se encontra preso aos objetos originais, como ocorre na identificação narcísica, que é um processo que se diz respeito ao objeto exaltado. A identificação acontece na esfera da libido do eu assim como na libido do objeto. Na sublimação, é necessária a troca do objeto original, de satisfação narcísica, por outro objeto.

Como vimos anteriormente, o narcisismo está intimamente relacionado à experiência daqueles que se cortam - o que contribui para a ideia de que a sublimação é capaz de torcer a relação narcísica do sujeito com o objeto.

Quando alguém passa a escrever no papel sobre a sua angústia na relação com o outro, por mais que o conteúdo desses versos tenha relação com os objetos de idealização, nos parece haver um desvio da pulsão de retorno ao eu, para a sublimação. O ato de se cortar, como satisfação autoerótica que, no segundo momento, instaura o narcisismo, dá lugar à satisfação pulsional pelo ato da escrita em outro objeto, que não seu corpo, mas a folha do papel.

Somos naturalmente levados a examinar a relação entre essa formação de um ideal e a sublimação. A sublimação é um processo que diz respeito à libido objetal e consiste no fato da pulsão se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual; nesse processo, a tônica recai na deflexão da sexualidade. A idealização é um processo que diz respeito ao objeto; por ela, esse objeto, sem qualquer alteração em sua natureza, é engrandecido e exaltado na mente do indivíduo. A idealização é possível tanto na esfera da libido do eu quanto na da libido objetal. Por exemplo, a supervalorização sexual de um objeto é uma idealização do mesmo. Na medida em que a sublimação descreve algo que tem que ver com a pulsão, e a idealização, algo que tem que ver com o objeto, os dois conceitos devem ser distinguidos um do outro. (FREUD, 1914/1974, p. 111)

Assim como já trouxemos a melancolia para discussão sobre a automutilação, Mendes (2011) também aponta que na melancolia não há lugar para troca do objeto, como há no luto, porque a sombra do objeto recai sobre o eu. Estaria na sublimação através do recurso da arte a chance desses adolescentes, antes submetidos à sombra do objeto, ascender à sua condição de sujeito? Quem sabe estes sujeitos, mesmo com precário recurso ao simbólico, venham a realizar, através da arte, o luto do objeto idealizado?

Retornando ao seminário da ética, Lacan discorre sobre a relação da Coisa com a Lei para debater o nó da Lei com o Desejo. Lembra que tudo o que se desenvolve no nível da interpsicologia criança-mãe, que é grosseiramente incluída em categorizações como frustração, gratificação e dependência, nada mais são do que o vasto desenvolvimento da coisa materna, na medida em que a mãe ocupa o lugar da coisa, de *das Ding*. Como já antecipamos, Lacan afirma que o desejo do sujeito na busca por *das Ding* baseia-se no desejo essencial: o desejo do incesto.

O que encontramos na lei do incesto situa-se como tal no nível da relação inconsciente com *das Ding*, a Coisa. O desejo pela mãe não poderia ser satisfeito pois ele é o fim, o término, a abolição do mundo inteiro da demanda, que é o que estrutura mais profundamente o inconsciente do homem. É na própria medida em que a função do princípio do prazer é fazer com que o homem busque sempre aquilo que ele deve reencontrar, mas que não poderá atingir, que nesse ponto reside o essencial, esse móvel, essa relação que se chama a lei da interdição do incesto. (LACAN, 1959-1960/2005, p. 87 e 88)

Afirma que o passo dado por Freud no nível do princípio do prazer é o de mostrar-nos que não há Bem Supremo - que o Bem Supremo, que é *das Ding*, que é a mãe, o objeto do incesto, é um bem proibido e que não há outro bem. Tal é o fundamento, derrubado, invertido... em Freud, da lei moral.

Avançando no estudo do desejo com a Lei, Lacan ilustra essa relação através da história de Antígona, que leva até o limite concretizar aquilo que ele chama de desejo puro, puro e simples como o desejo de morte. Eis o desejo, ela o encarna. Lacan, então, lança perguntas.

O que é de seu desejo? Não deve ser ele o desejo do Outro e ligar-se ao desejo da mãe? O desejo da mãe, o texto faz a ele alusão, é a origem de tudo. O desejo da mãe é, ao mesmo tempo, o desejo fundador de toda a estrutura [...] mas, ao mesmo tempo, é um desejo criminoso. (LACAN, 1959-1960/2005, p. 342)

O mito de Antígona traz elementos para desenvolver a ética da psicanálise, que é a ética do desejo. Lacan vê em Antígona a radicalidade do desejo desta heroína, que enfrenta a lei de Creonte, imperador de Tebas, em nome da sua verdade. Ela considera que tem o direito natural de enterrar seu irmão, e que isto é o justo, segundo as leis divinas: aquelas que não foram escritas pelos homens e que são intransponíveis. Vemos aqui a ética também como aquela que resiste ao domínio do poder.

Entretanto, Antígona decide por enterrar seu irmão não somente porque considera justo, mas porque sente a sua morte como a mais significativa para ela, tendo em vista que outros filhos poderia ter, outro marido também, mas outro irmão não. Ela se depara com a castração,

com esta falta, com este vazio, e busca dar algum contorno para ela, saindo em busca de outra coisa: que seria dar um enterro digno ao seu irmão. Poderíamos dizer que seu desejo foi de encontro ao vazio da Coisa, na busca por *das Ding*.

Antígona toma a posição ética de não ceder do seu desejo, de um desejo que parte de uma posição radical, tendo que pagar o bem com o mau, tendo que pagar com a própria vida. Pergunta Lacan: - *Agiste em conformidade com o teu desejo?* A busca de Antígona pelo seu bem terminou em morte, o que coloca em evidência o caráter paradoxal do desejo.

Trazendo para aqueles que marcam sua pele pela angústia e para gozo, onde estará o seu desejo? Diferente de Antígona, esses sujeitos não parecem agir conforme seu desejo, porque o que fazem é gozo, e não desejo. Onde estará o seu desejo, que é a única coisa, diz Lacan, que o sujeito pode ser culpado: que é de ter cedido de seu desejo (p. 385). Como comentamos anteriormente sobre o possível desaparecimento do desejo, Lacan afirma que o sujeito que cede de seu desejo trai a si mesmo. Estes adolescentes que se cortam têm seu desejo rompido, traído. Apostamos que a arte possa fazer surgir ou ressurgir o seu desejo desaparecido.

O que chamo ceder de seu desejo acompanha-se sempre no destino do sujeito - observarão isso em cada caso, reparem em sua dimensão - de alguma traição. Ou o sujeito trai sua via, se trai a si mesmo, e é sensível para si mesmo. Ou, mais simplesmente, tolera que alguém com quem ele se dedicou mais ou menos a alguma coisa tenha traído sua expectativa, não tenha feito com respeito a ele o que o pacto comportava, qualquer que seja o pacto, fausto ou nefasto, precário, de pouco alcance, ou até mesmo de revolta, ou mesmo de fuga, pouco importa. (LACAN, 1959-1960/2005, p. 384)

Escrever faz das bordas pulsionais uma inscrição no mundo, é circunscrever a dor de existir, é dar nome ao inominável, é criar um objeto causa de desejo, é trilhar outras linhas. Escrever é traduzir o conflito e o enigma do seu desejo em ato – o da palavra.

“A angústia é um termo intermediário entre o gozo e o desejo, uma vez que é depois de superada a angústia, e fundamentada no tempo da angústia, que o desejo se constitui.” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 193). Considerando esta premissa, quem sabe esse sujeito que se angustia e porque se angustia se corta ou escreve, não pode nas entrelinhas de sua escrita fazer o gozo condescender ao desejo? Se o amor pode fazer o gozo condescender ao desejo, teria a escrita esse poder para dar a Eros contra Thanatus?

Como aponta Lacan, “é sempre por meio de algum ultrapassamento do limite, benéfico, que o homem faz a experiência de seu desejo.” [...] O arriscado é não desejar. “O desejo de Édipo é o desejo de saber a chave do enigma do desejo.” (p. 370)

Acreditamos, enfim, ser viável aos sujeitos que nos chegam com a experiência da automutilação, trilhar um novo caminho da pulsão e do desejo, ultrapassando esse limite do corte, criando para si uma nova história.

## PARA NÃO CONCLUIR ...

Pensando em como finalizar esta escrita, vamos refletindo sobre o título desta dissertação, *Caminhos da pulsão e do desejo na prática da automutilação: escuta de adolescentes no ambiente escolar*. Aproveitaremos este significante ‘caminhos’, concebendo-o como aquele que representa o percurso destes sujeitos, utilizando-o também para compreender o percurso de quem, aqui, escreve sobre eles.

Começando com o *caminho* de quem se corta, somos levados a considerar o tempo de vida desses sujeitos que, como adolescentes, saíram da infância e caminham rumo ao mundo adulto. Como já apontamos nesta dissertação, esta travessia é permeada de passagens, lutos, angústias, vivências traumáticas, tendo como destino a automutilação.

Diante desse percurso tão doloroso, um outro atravessa esses sujeitos. Esse outro – o Proinape – esta equipe interdisciplinar, com profissionais imbuídos de desejo em conduzi-los, quem sabe, para novos caminhos e novos destinos. Colocamo-nos, assim, como esse outro – um *terceiro* – que se sensibiliza e que acolhe esses sujeitos, oferecendo um espaço de escuta e de criação. É a partir desse encontro que somos convocados recebendo seus endereçamentos, mesmo que implícitos, mesmo que com aquele *resto*, mesmo que nas entrelinhas de seus cortes ou de suas poesias.

Desconhecemos qual será o destino desses sujeitos, assim como igualmente não sabemos de que forma poderão fazer com que o desejo ultrapasse o gozo do sintoma. Podemos tão somente atravessá-los – ou acompanhá-los, porque este caminho – o da pulsão e do desejo, cabe somente a eles percorrer.

Aproveitando agora o significante ‘*pulsão*’, tão logo nos lembramos de que corresponde aquele conceito que se situa *entre* o psíquico e o somático. Como apontamos, estes sujeitos adolescentes também estão nesse lugar – no *entre* a passagem da infância e da idade adulta, da alienação e da separação, de sentimentos ambivalentes, das pulsões de vida e de morte amalgamadas, do sadismo e do masoquismo, de um corte e outro, e *entre* as linhas que contornam seus poemas.

E o *desejo* desses sujeitos, onde está? Trouxemos nesse trabalho que o desejo do homem é o desejo do Outro (LACAN, 1953-1954/1975, p. 172), de maneira que seu desejo está identificado narcisicamente ao desejo do Outro primordial, como sabemos, no desejo da mãe, ou aquela que exerce a maternagem. Estão às voltas desse desejo, que é como uma Lei cega, com o imperativo do *Tu deves* de um Supereu tirano e avassalador.

Queres continuar alienados ao significante do desejo do Outro, agindo como causa desse desejo, como a falta do outro, ou queres separar, colocar limites, impedir a invasão desse desejo? Mais uma vez estão estes sujeitos naquele lugar – *entre* um ponto e outro desta travessia, preso um tanto nas pulsões parciais, mas em busca de um desejo amadurecido.

A psicanálise nos diz que o desejo é sempre paradoxal e que expressa o conflito dos sujeitos. O desejo desses adolescentes pode ser um enigma para eles, de modo que buscam o seu paradeiro, que seja o paradeiro de *das Ding*. Mas também é um enigma para nós, visto que é através desta escuta que somos cada vez mais instigados a refletir sobre a relação do sujeito com o seu próprio desejo. Empenhamos-nos em trazer aqui essas interrogações e buscar pistas através do estudo e da escrita desta dissertação.

É preciso responder a esta pergunta: o que queres? Assim como é preciso desejar. Segundo Lacan, não desejar é perigoso. O que é mais perigoso, mutilar-se ou ceder do seu desejo? A pulsão de morte segue seu caminho discretamente, relacionando-se com o princípio do prazer e com o *mais além* desse princípio, de modo que o desejo desaparece. Como desejar se, ao se mutilar, o sujeito exerce o gozo mortífero da pulsão de morte? Mais uma vez, lá está esse sujeito – *entre* o gozo e o desejo.

Foi na intenção de que esses sujeitos pudessem suplantar o gozo pela urgência de seu desejo, que o caminho pela sublimação se fez necessário. Não sabíamos de que maneira a sublimação surgiria até que a poesia se impôs nesse caminho de acompanhar estes adolescentes no ambiente escolar. A formação de um espaço para falar poesia surgiu a partir dos próprios poetas, foram eles que apontaram as pistas para essa direção, foram eles próprios que vislumbraram para si mesmos um novo destino. Talvez esteja aí outro caminho possível para a pulsão e para a busca do seu desejo, através da sublimação, pelo uso da arte.

Apostamos firmemente na formulação de Lacan acerca da potência de sublimação criacionista da pulsão de morte, provocando estes sujeitos que estão no *limite* a buscar *Outra-Coisa*, a recomeçar, a tentar de novo, através de uma brecha, para escapar daquilo que os aprisionam na trama ou na trilha da automutilação.

Escrever pode ser uma tentativa possível de desfazer o nó desse sintoma da automutilação, através da articulação da própria linguagem, dando nome – mesmo que aproximado, para aquele afeto que está fora de significação – a angústia. A arte da escrita pode representar este esforço de saída, ser ela a via que lhe faça escapar do gozo da compulsão a repetição, rompendo com esse *um mesmo* que se repete e criando algo novo e libertador.

Passando a refletir sobre o caminho de quem escreve esta dissertação, debruçaremos acerca do processo de construção dessa pesquisa. Podemos considerar que o caminho percorrido nos propiciou a ampliação do entendimento sobre a automutilação.

A partida que se deu pela escolha por um recorte da experiência clínico-institucional em torno desta temática foi o grande motor para delinear e embasar todo percurso de escrita. Escrever sobre a minha *práxis* possibilitou maior apropriação do trabalho desenvolvido nas escolas, assim como favoreceu o levantamento de diferentes questionamentos acerca do tema os quais puderam ser investigados ao longo desta pesquisa.

Durante o mestrado, foi necessário superar o confronto diante de tantos desconhecimentos, assim como de tantos entendimentos equivocados ou limitados acerca da teoria psicanalítica, visto o desafio que este curso significou, assim como foi uma grande oportunidade de mergulhar no saber psicanalítico e na reflexão sobre a prática no campo da Educação.

Propus alinhavar ao máximo possível aquilo que pude extrair da escuta no ambiente escolar a esses sujeitos que se cortam, a fim de entrelaçar com esta pesquisa acerca da automutilação através do que a psicanálise nos ensina.

A teoria pulsional de Freud e Lacan é extremamente vasta e complexa, possibilitando um gama de possibilidades de articulação teórica. Chegando ao final desta escrita percebemos o que foi possível extrair desta teoria, assim como as lacunas que ficaram e o que não foi possível estudar, principalmente com relação às contribuições lacanianas. Todavia, o recorte adotado em torno do conceito de pulsão como linha condutora desta pesquisa foi o que possibilitou construir um caminho possível, delineando uma escrita que pudesse ser mais compatível com as minhas possibilidades de desenvolver.

A busca pela leitura do que este ato - *o de cortar a pele* - tem a nos dizer foi sendo clarificada a cada encontro com os dizeres da obra de Freud e Lacan. Rompi com certa resistência em construir minha escrita a partir das fontes primárias, pelo engano de acreditar numa maior dificuldade em realizar. Foi justamente o contrário que ocorreu, a leitura dos textos originais de Freud e Lacan favoreceu a construção de uma escrita mais autoral, uma escrita mais articulada com a minha prática clínico-institucional e com a especificidade do tema a ser pesquisado.

A experiência de escuta desses sujeitos nos instigou a traduzir, em certa medida, o que há de *dizer e saber* entre as linhas de seus cortes, nos convocando ao lugar do analista, que ultrapassa as paredes do ambiente escolar.

No entanto, como trouxemos nesta dissertação, muitos são os desafios ao psicanalista dentro deste campo – o da Educação. Assim como muitas são as possibilidades de um fazer, também muitos são os limites. Não aprofundamos discussões acerca das questões políticas e institucionais, assim como não pretendemos fazer isto neste momento; no entanto, ressaltamos que diferentes são os atravessamentos que impactam profundamente o nosso trabalho dentro da escola. A instituição escola é um palco de urgências, assim como também de demandas efêmeras. Nem sempre conseguimos “dar conta” daquilo que pretendemos, seja em função da escassez de disponibilidade de tempo para reflexão e análise das questões, seja pelo atropelamento de novas situações, seja pela complexidade da vida dos sujeitos e da precarização de todos os setores da rede pública para a proteção e o cuidado psicossocial.

Trazendo para nossa experiência de trabalho com os adolescentes que vivenciam o drama da automutilação, nos confrontamos com alguns complicadores, como lembramos em alguns momentos dessa dissertação. Um deles refere-se ao fato de que nem sempre são estes adolescentes que nos procuram, de modo que o nosso desejo, o do analista, parece adiantar-se ao desejo destes próprios sujeitos. As negligências de algumas famílias, assim como as relações conturbadas, também dificultam o diálogo e a realização dos encaminhamentos necessários.

Refletimos também acerca da própria escuta realizada na escola. A composição de uma equipe com saberes e olhares específicos é o que contribui para a ampliação de nossa escuta e intervenção. Acreditamos na potência da proposta deste trabalho interdisciplinar que é o de fazer circular falas e saberes, mas *não-todos*, construindo um fazer coletivo sobre as problemáticas vividas no cotidiano escolar. Temos a possibilidade de sensibilizar os profissionais acerca das fragilidades de alunos e famílias, de interrogar certas posturas, refletir sobre a visão de homem e de mundo, de propor alternativas de saída diante das dificuldades e de tantas outras possibilidades.

Entendemos que o ambiente escolar deva ser um espaço de acolhimento, promoção da vida e da saúde, e não um lugar de “tratamento”. Dito isto, a pergunta que nos chega é: até onde vai a nossa escuta aos sujeitos que se cortam?

Foi o caso de **R**, comentado no início, aquele que nos provocou para tal discussão, assim como denunciou certas características delicadas da dinâmica do nosso trabalho. Este adolescente primeiramente se recusou a continuar conversando conosco, dizendo que quando nos encontra, fala muita coisa, e depois sente-se pior. Em seguida, complementa dizendo que até aceita tratar-se com um psicólogo, mas só se for *sem interrupções*.

De certa maneira, concluímos este acompanhamento após o encaminhamento do adolescente para atendimento na rede pública de saúde. Refletindo sobre até onde vai a nossa

escuta, ficamos com alguns incômodos. Podemos acolher, escutar, mas, nestes casos, o nosso fazer teria como finalidade tão somente a realização de encaminhamentos, atuando assim como meros burocratas? Acreditamos que não, visto que esta tarefa pode ser realizada pelos próprios profissionais das unidades escolares, sem que haja necessidade de uma equipe como a nossa. Continuamos, então, a nos interrogar sobre o desafio desse trabalho, até onde podemos ir e o que podemos criar neste espaço de modo a fazer o discurso de a psicanálise operar.

A proposta do nosso trabalho é tratar as questões que envolvem a comunidade escolar, prioritariamente, dentro da unidade escolar, e de forma coletiva. No entanto, as problemáticas advindas das singularidades têm se impondo a nós cada vez mais frequentemente, de modo que nem sempre as propostas de intervenção coletiva são apropriadas. A cada solicitação de acompanhamento de alunos e famílias, voltamos nossa atenção para a escuta das particularidades do caso a caso. A enxurrada de casos individuais nos chega a cada vez que adentramos pela porta da escola. A cada dia, nos é apresentado um caso novo e ainda mais “urgente”.

Diante desse cenário, nem que a proposta do PROINAPE fosse atuar seguindo os moldes da clínica, esta equipe conseguiria realizar, fato este que se justifica pela dinâmica de trabalho que pesa sobre nós. As conversas com a comunidade escolar são constantemente rompidas ou interrompidas por outros chamados, temos intervalos de tempo variados para o nosso retorno, de forma que estes acompanhamentos são marcados por continuidades e descontinuidades. Mergulhados que estamos nesta dinâmica do trabalho, podemos nos ver como parte dessa engrenagem de cortes?

A particularidade de nosso fazer atravessa estes jovens que caminham pela vida com a tarefa de criar alternativas de saída diante de tantos rompimentos e angústias.

Com isso, retornamos à pergunta: até onde vai a nossa escuta aos sujeitos que se cortam? Ou melhor, até onde podemos ir, se a nossa presença é, muitas vezes, incerta? É uma situação delicada, preocupamo-nos em minimizar a fragilidade desses sujeitos. O que podemos oferecer através dessa escuta? Ou o que não podemos oferecer através dessa escuta?

Foi no intuito de encontrar uma estratégia de trabalho que viabilizasse a escuta e a atenção a esses adolescentes no ambiente escolar, de forma potente, que o projeto da Poesia Falada vem representando para nós uma importante aposta. Este trabalho coletivo dentro da própria escola, e que considera a singularidade desses sujeitos, vem conduzindo-os a um novo caminho para a pulsão e para o desejo - caminho este muito mais libertador.

Assim terminamos esta dissertação, afirmando que, neste caminho de escuta de adolescentes no ambiente escolar, “a única coisa da qual se pode ser culpado, pelo menos da

perspectiva analítica, é de ter cedido de seu desejo”. (LACAN, 1959-1960/2005, p. 385). E, pelo que aqui foi exposto, há muito ainda por caminhar.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A., & KNOBEL, M. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Editora Artmed, 1992.
- ALBERTI, S. *O adolescente e o Outro*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2004.
- ALMEIDA, R. S. et al. *Automutilação no contexto escolar: Reflexões a partir da Psicanálise Lacaniana*. *Conjecturas*, v. 22, n. 1, fls. 706-719, 2022, p. 707 e 708.
- ARAÚJO, J. F. B. et al. *O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão*. *Estilos da clínica*, v. 21, n. 2, fls. 497-515, 2016.
- ARAÚJO, J. F. B. *Cortes que viram cartas: ensaios sobre automutilação na clínica psicanalítica* (Tese de Doutorado), 2019.
- ASSOUN, P. L. *Metapsicologia freudiana. Uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1995.
- AZEVEDO, M. K. ; NETO, G. A. R. M. *O Desenvolvimento do Conceito de Pulsão de Morte na Obra de Freud*. *Revista Subjetividades, [S. l.]*, v. 15, n. 1, fls. 67–75, 2015. DOI: 10.5020/23590777.15.1.67-75. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/4520>. Acesso em: 9 jul. 2022.
- BARROS, E. L. D. S. *Floribela Espanca: laços de amor e dor*. Rio de Janeiro: Contra Capa, fls. 112, 2014.
- BARTIJOTTO, J. *O desejo e a Lei*. *Psicanálise & Barroco em revista* v.12, n. 2., fls. 270-283: dez, 2014, p. 274
- BRANDÃO, R. S. *A vida escrita*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 17 e 31.
- BRUNHARI, M. V.; DARRIBA, V. A. *O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato*. *Psicologia clínica*, 26, fls.197-213. 2014.
- CAMPOS, S. C. da S. *A imagem corporal e a constituição do eu*. Belo Horizonte: Reverso, v. 29, n. 54, fls. 63-69, set. 2007.
- CEDARO, J. J.; NASCIMENTO, J. P. G. D. *Dor e Gozo: relatos de mulheres jovens sobre automutilações*. *Psicologia Usp*, v. 24, fls. 203-223, 2013.
- COSTA, A. *Litorais da Psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2015, p. 113, 115, 116.
- COUTINHO, L. G.; REGUFE, P. F.; FARIAS, L. M. *Expressões do desamparo: escola vulnerabilidades sociais e impactos na adolescência*. *Revista de Psicologia*, v. 13, n. 1, fls. 30-43, 2022 p. 32.

DELOUYA, D. *Dor, mais*. Percurso - Revista de Psicanálise, v. 14, n. 27, fls. 77-83, 2001, p. 79

DIAS, I. M. S. *Cutting - a automutilação em perspectiva lacaniana*. 2019, 74 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) - Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade. Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <[https://www.uva.br/sites/default/files/cutting\\_a\\_automutilacao\\_em\\_perspectiva\\_lacanian\\_a\\_ines\\_mendonca\\_dos\\_santos\\_dias.pdf](https://www.uva.br/sites/default/files/cutting_a_automutilacao_em_perspectiva_lacanian_a_ines_mendonca_dos_santos_dias.pdf)>. Acesso em 08 Jul. 2021, p. 68 e 69.

EIPHANIO, E. H.; GUIMARÃES, S. G. L. E. *Como está a saúde mental na educação? Reflexões sobre comportamentos autodestrutivos no ambiente escolar*. In: ARAÚJO, L. P. et al. *Comportamento e suicídio: o suicídio e seus atores sociais*. Petrolina: UNIVASF, fls.. 13-20, 2019.

ESPANCA, F. *Livro de mágoas*. Primavera Editorial, 2020.

ESPANCA, F. *Perdidamente*. Correspondência amorosa 1920-1925. Fixação de texto, organização, apresentação e textos de Maria Lúcia Dal Farra. Prefácio de Inês Pedrosa. Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2008, p. 255.

FARIA, M. R. *O grafo do desejo e a transferência*. Encontro promovido pela Tykhê Associação de Psicanálise, 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=12FSIj4XpjQ> Acessado em julho de 2022.

FERRÃO, A. C.F. ; NEVES M. G. C. *Síndrome de Munchausen por Procuração: quando a mãe adoce o filho*. Com. Ciências Saúde. v. 24, n. 2, fs. 179-186, 2013, p. 179 [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/ccs/sindrome\\_munchausen\\_procuracao.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/ccs/sindrome_munchausen_procuracao.pdf) Acessado em 29/09/2022.

FERREIRA, G. D. S.; RAVASIO, M. T. H. Entre cortes e amarrações: considerações psicanalíticas sobre automutilação/cutting na adolescência. Salão do Conhecimento, 2017, p.1.

FLUSSER, V. *A Escrita – Há futuro para a escrita?* Tradução: Murilo Jardelino da Costa. Revisão técnica: Gustavo Bernardo. São Paulo: Annablume, 2010, p. 4.

FORTES, I. *A dor como sinal da presença do corpo*. Tempo psicanalítico, v. 45, n.2, fls. 287-301, 2013.

FREUD, S. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. (1901) Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. VII, fls. 19-332), Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976, p. 167, 181, 183.

\_\_\_\_\_. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (1905) Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. VII, fls.. 135-250), Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1972.

\_\_\_\_\_. *Escritores criativos e devaneio*. (1908) Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. IX, fls.. 149-158), Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976, p. 84.

\_\_\_\_\_. *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1910) Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol: XI, fls. 197-203), Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1970.

\_\_\_\_\_. *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio*. (1910) Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XI, fls. 217-218), Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1970, p. 217 e 218.

\_\_\_\_\_. *Sobre o Narcisismo: uma introdução*. (1914) Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XIV, fls. 89-119), Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1974, p. 92, 93, 98, 111.

\_\_\_\_\_. *Os instintos e suas vicissitudes*. (1915) Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XIV, fls. 137-162), Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1974, p. 138, 139, 142, 143, 148, 149, 156.

\_\_\_\_\_. *Luto e melancolia*. (1917) Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XIV, fls. 275-291), Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda 1974.

\_\_\_\_\_. *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*. (1919) Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XVII, fls. 225-253), Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976, p. 226, 236, 237.

\_\_\_\_\_. *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920). Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, (Vol. XVIII, fls. 185-212) Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976.

\_\_\_\_\_. *Além do princípio de prazer* (1920) Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XVIII, fls. 17 - 85 ), Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976, p. 53, 54, 55, 73, 74, 75, 76, 84, 85, 174.

\_\_\_\_\_. *O ego e o id* (1923). Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XIX, fls. 23-83), Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976, p. 40.

\_\_\_\_\_. *O problema econômico do masoquismo*. (1924) Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol: XIX, fls. 199 - 212), Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976, p. 205, 212.

\_\_\_\_\_. (1930) *O mal-estar na civilização*. (1930) Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol: XXI, fls. 81-171), Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1974.

GIUSTI, J. S. *Automutilação: Características clínicas e comparação com pacientes com transtornos obsessivos-compulsivos*. Tese de Doutorado-Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Programa de Psiquiatria. São Paulo: USP, 2013, p. 5.

COUTINHO JORGE, M. A. *Fundamentos de psicanálise de Freud a Lacan, Vol 1: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, cap. IV, fls.150-158, 2008, p. 150.

LACAN, J. (1953-1954) *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1975, p. 91, 96, 123, 136, 137, 148, 156, 164, 172, 173, 174, 197, 198, 206.

\_\_\_\_\_. (1959-1960) *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005, p. 87, 88, 126, 140, 141, 157, 259, 260, 342, 384, 385.

\_\_\_\_\_. (1962-1963) *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 48, 49, 64, 88, 98, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 166, 193, 370.

\_\_\_\_\_. (1969-1970) *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 73, 74, 105.

\_\_\_\_\_. (1972-1973) *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

\_\_\_\_\_. (1960) *A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1963) *Os nomes do pai*. Porto Alegre, RS: Cooperativa Cultural Jacques Lacan, 1986.

\_\_\_\_\_. (1973) *O aturdido*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 495 fls., 2001.

LEJEUNE, P. *A quem pertence uma carta?* In Lejeune, P. (2014). *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet* (J. Noronha & M. Guedes, Trad.). J. Noronha (Org.). 2. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 318, 319, 320, 321.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet* (J. Noronha & M. Guedes, Trad.). J. Noronha (Org.). 2. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG. (Obra original publicada em 1975), 2014.

MANSO DE BARROS, R. M. ; CALDAS, H. *Escrita no corpo: gozo e laço social*. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 16, fls. 109-126, 2013, p. 115.

MANSO DE BARROS, R. M. *Antes da vida, a morte: a pulsão e a questão do mal*. In: CALDAS, H. & DARRIBA, V. (orgs.). *Freud e o seu legado conceitual*. Rio de Janeiro: Contra Capa, Programa de Pós-graduação em Psicanálise/UERJ, fls. 85-102, 2019, p.4, 5, 17.

MENDES, E. R. P. *PS Pulsão e Sublimação: a trajetória do conceito, possibilidades e limites*. *Belo Horizonte*, v. 33, n. 62, fls. 55 – 67, Set., 2011, p. 58.

MENNINGER, K. *Eros e Tânatos: o homem contra si próprio*. (1938) Trad. de A. ARRUDA São Paulo, SP: IBRASA-Instituição Brasileira de Difusão Cultural SA, 1970.

MESS, L. A. *O Trauma Infantil e o Adolescente*. In. COSTA, A. *Adolescência e Experiência de Borda*: Porto Alegre: UFRGS, 1ª edição, 2004, p 21.

MOTTI, A J. A.; SANTOS, J. D. *Redes de Proteção Social à Criança e ao Adolescente: limites e possibilidades*. Programa de Ações Integradas e Referenciais de Enfrentamento da Violência Sexual Infantojuvenil no Território Brasileiro–PAIR. Brasília: UFMS/PROAES, 2011, p. 4.

[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem\\_pedagogica/fev2014/NRE/redes\\_protecao\\_social.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev2014/NRE/redes_protecao_social.pdf) – Artigo completo acessado em 30/09/22.

NASIO, J. D. *Psicossomática: as formações do objeto a*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1993.

OTTO, S. C.; DOS SANTOS, K. A. *(Re) cortes: o discurso sobre a autolesão feminina no tumblr*. *Psicanálise & Barroco em Revista*, v. 13, n 1, 2015, p. 34.

REIS, M. N. *Automutilação: o encontro entre o real do sofrimento e o sofrimento real*. *Revista Polêmica*. Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, Mar., fls. 50-67, 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/36069>>. Acesso em 18 Jul. 2021. DOI: 10.12957/polemica.2018.36069.

NIAP, Blog do NIAP – Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares. disponível em <https://smeniap.wixsite.com/smeniap> Plataforma Wix, Rio de Janeiro, Acessado em 15/09/2022.

FLYNN, G. *Sharp objects: objetos cortantes*. Tradutor Alexandre Martins, Editora Intrínseca, 1ª ed., fls. 256, 2015.

SILVA, M. F. F. D. *A presença do masoquismo erógeno na histeria*, Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínico e Cultura, fls. 168, 2018.

SOLER, C. *Declinações da angústia: Curso 2000 –2001*. São Paulo: Escuta, 2012, p. 187.

SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 93 e 95.

VALAS, P. *As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 7.